

José Carlos Leal

**OS MILAGRES
DA BÍBLIA
SEGUNDO O
ESPIRITISMO**

NS NOVO SER
EDITORA



OS MILAGRES DA BIBLIA SEGUNDO O ESPIRITISMO

Copyright® Novo Ser Editora

Editor: *Cláudio Luiz Brandão José*

Assistente editorial: *Kátia Cristina da Silva S. Biaia Barros*

Capa, projeto gráfico e diagramação: *Rogério Mota*

Revisão: *Luciana Peres*

1ª Edição: *2011*

Impresso no Brasil *Printed in Brazil*



Rua João Vicente, 1125 - Bento Ribeiro
CEP 21340-021 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: 21 3017-2333 / 3598-6213

www.novosereditora.com.br

Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados única e exclusivamente para a Novo Ser Editora. Proibida a reprodução parcial ou total da mesma, através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, Internet, CD-Rom, sem prévia e expressa autorização da Editora, nos termos da lei 9.610/98 que regulamenta os direitos de autor e conexos.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

L47lm Leal, José Carlos, 1940- .

Os milagres da Bíblia segundo o espiritismo / José Carlos Leal. - Rio de Janeiro: Novo Ser Editora, 2011.

176p.; 23cm.

ISBN 978-85-63964-31-1

1. Espiritismo. 2. Milagres. I. Título.

CDD-133.9

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS MACEDO - BIBLIOTECÁRIO CRB7 N.3575



José Carlos Leal

**OS MILAGRES
DA BÍBLIA
SEGUNDO O
ESPIRITISMO**

1ª Edição

Novo Ser Editora
Rio de Janeiro, 2011

"Quanto aos milagres propriamente ditos, Deus, visto que nada lhe é impossível, pode fazê-los. Mas, fá-los? Ou, por outras palavras; derroga as leis que dele próprio emanaram? Não cabe ao homem prejulgar os atos da Divindade, nem os subordinar à fraqueza do seu entendimento. Contudo, em face das coisas divinas, temos, para critério do nosso juízo, os atributos mesmos de Deus. Ao poder soberano reúne ele a soberana sabedoria, donde se deve concluir que não faz coisa alguma inútil."

Allan Kardec.

A gênese, cap. XIII, item 15.

SUMÁRIO

Primeira Parte

Conceito espírita de milagre.....	11
-----------------------------------	----

Segunda Parte

Dos fluidos.....	25
------------------	----

Terceira Parte

Os milagres do Velho Testamento.....	41
--------------------------------------	----

OS MILAGRES NO LIVRO DO ÊXODO.....	41
------------------------------------	----

AS DEZ PRAGAS DO EGITO.....	45
-----------------------------	----

Primeira praga

AS ÁGUAS DO NILO SE CONVERTEM EM SANGUE.....	46
--	----

Segunda praga

A PRAGA DAS RÃS.....	47
----------------------	----

Terceira praga

A PRAGA DOS PIOLHOS.....	49
--------------------------	----

Quarta praga

OS MOSQUITOS.....	49
-------------------	----

Quinta praga

A PESTE DOS ANIMAIS.....	53
--------------------------	----

Sexta praga

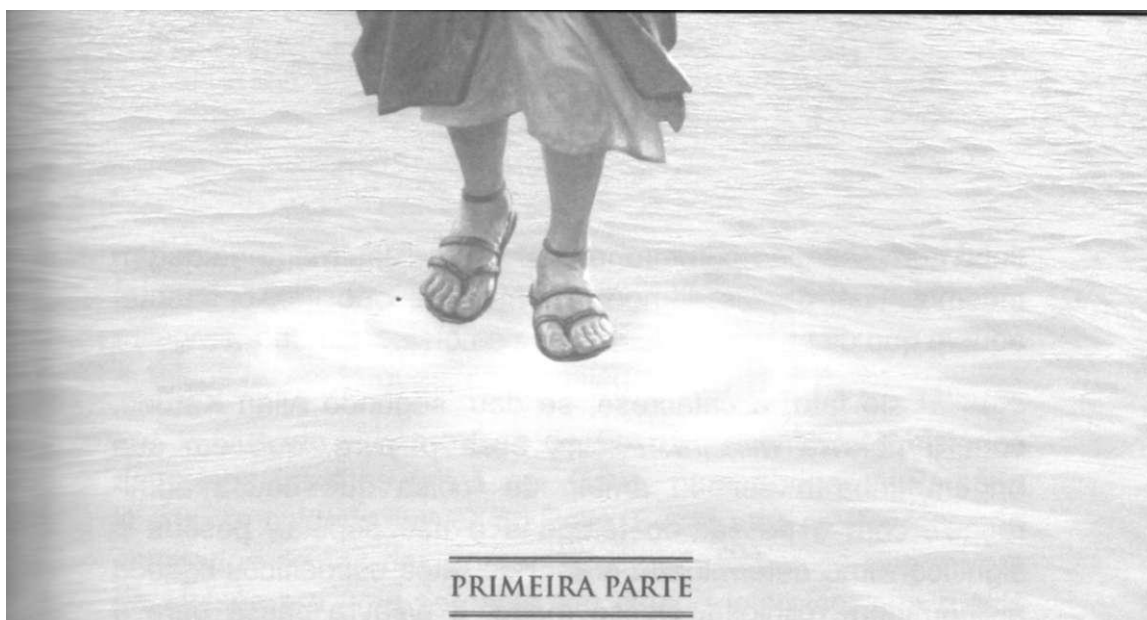
AS ÚLCERAS.....	54
-----------------	----

Sétima praga	
CHUVA DE PEDRAS.....	55
Oitava praga	
A NUVEM DE GAFANHOTOS.....	57
Nona praga	
CAEM AS TREVAS SOBRE AS TERRAS DO EGITO.....	58
Décima praga	
A MORTE DOS PRIMOGÊNITOS.....	59
A PASSAGEM DO MAR VERMELHO.....	60
O EPÍSÓDIO DO MANÁ E DAS CODORNIZES.....	68
FATOS MARAVILHOSOS EXECUTADOS PELO POETA ELIAS....	72
A MULA DE BALÃO.....	76
A PITONISA DE ENDOR:	
A PRIMEIRA SESSÃO MEDIÚNICA DOCUMENTADA	79

Quarta parte

Os milagres de Jesus.....	83
DA TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE OBJETIVA.....	83
AS BODAS DE CANÁ.....	83
JESUS CAMINHA SOBRE AS ÁGUAS.....	92
A PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES.....	96
JESUS ACALMA UMA TEMPESTADE.....	105
A TRANSFIGURAÇÃO.....	109
DAS CURAS.....	115
CURA DE UM DOENTE DE HANSENÍASE.....	115
A CURA DO SERVO DO CENTURIÃO.....	122
CURA DA MULHER COM HEMORRAGIA.....	126
CURA DO PARALÍTICO.....	130
AS CURAS DE OBSEDIADOS OU POSSUÍDOS.....	135

CURA DE UM JOVEM EPILÉTICO.....	142
UMA CURA NA SINAGOGA DE CAFARNAUM.....	147
OS CASOS CONSIDERADOS COMO RESSURREIÇÃO.....	150
A FILHA DE JAIRÓ.....	150
A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO.....	155
PRIMEIRA PARTE	
— A VOLTA DE JESUS A BETÂNIA.....	155
SEGUNDA PARTE	
CONVERSA DE JESUS COM MARTA E MARIA.....	157
A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO.....	161
AS APARIÇÕES DE JESUS, DEPOIS DA SUA MORTE.....	163
A SEPULTURA DE JESUS.....	163
APARIÇÃO A MARIA MADALENA.....	165
ENCONTRO DE MADALENA COM JESUS.....	166
NO CAMINHO DE EMAÚS.....	169
APARIÇÃO DE JESUS A SEUS APÓSTOLOS.....	172
Palavras finais.....	175
Bibliografia.....	176



CONCEITO ESPÍRITA DE MILAGRE

Allan Kardec estuda a questão dos milagres na quinta obra da codificação, intitulada **A gênese**, que foi publicada em 1868, cujo subtítulo é: **Os milagres e as predições Segundo o Espiritismo**. Logo no início deste capítulo o Codificador, por motivos didáticos, resolve definir etimologicamente a palavra *milagre*. Vai até o latim e de lá retira o temo *mirari*, que equivale ao nosso adjetivo *admirável*, ou seja, coisa digna de admiração, algo surpreendente, fora do comum. Em seguida, valendo-se de uma definição da Academia francesa, Allan Kardec define *milagre* como um ato próprio do poder divino, que é contrário às leis conhecidas da natureza. É muito importante, aqui, considerar a expressão "leis conhecidas da natureza".

Existe um fenômeno de natureza semântica, que se chama *catacrese* e que se define por mudanças que uma palavra sofre através do tempo. Tomemos um exemplo de *catacrese*: a palavra "rival", que deriva do latim, *rivus* (rio),

tinha como sentido primeiro, os habitantes das margens de um mesmo rio e, depois, tomou o sentido de opositor, oponente, aquele que disputa com outro alguma coisa.

Este fato, a catacrese, se deu, segundo Allan Kardec, com a palavra *milagre*. Assim, essa palavra, que em sua origem tinha o sentido amplo de "coisa que causa admiração", com o passar do tempo e o uso popular, passou a significar uma determinada ordem de fatos específicos ligados à linguagem religiosa. Desse modo, a palavra passa para o universo das massas, com o sentido de um fato extraordinário, além do natural, não usual, que implica na derrogação ou suspensão temporária de uma lei da natureza; lei através da qual a divindade manifesta o seu poder. Uma lei natural nos faz compreender que todo organismo vive, nasce, cresce, amadurece, se reproduz, envelhece e morre e, uma vez morto, deixa de ser. Entretanto, se uma pessoa dada como morta retorna à vida, aconteceu um milagre.

Imaginemos, porém, que um de nossos filhos, não muito estudioso, venha nos dizer que passou em um concurso muito difícil, que exigia muita concentração e estudo. Ouvindo isso, podemos dizer: "Mas que milagre!" Nesse caso, a palavra *milagre* sofreu um desvio semântico e foi usada como uma metáfora, ou seja, uma comparação implícita, que expressa incredulidade pela aprovação inesperada.

A característica principal do milagre é ser um fato insólito, singular, que não se vê com frequência, consistindo, aparentemente, em uma violação das leis da natureza que conhecemos em nosso dia a dia. Para que um fato seja tido como milagroso, é necessário que ele seja inexplicável, pois se houver uma explicação natural, ele deixa de ser sobrenatural e

não mais será classificado como um milagre. É por esse motivo que não consideramos as coisas feitas por mágicos como milagres, embora sejam surpreendentes. Nós sabemos que os mágicos fazem truques, e não milagres.

Quando lemos o livro do *Êxodo*, encontramos histórias de coisas insólitas feitas por Deus, para obrigar o Faraó a libertar os caldeus cativos no Egito. Esses atos prodigiosos são chamados de "as dez pragas do Egito". Sabemos que a vara de Moisés era uma serpente em estado letárgico; que o Nilo se tornou vermelho por causa de uma alga rodofícia; que os gafanhotos foram trazidos e levados por um vento ocidental; que as codornizes eram aves migratórias que ali paravam perto do acampamento israelita para descansar de seu longo voo; que o maná era, em verdade, resultado de certo tipo de planta conhecida como *Tamarix Manífera*, variedade da *Tamarix Gallica*, existente na península do Sinai, que, trabalhada por um determinado inseto, tomava a forma granulada; todas essas coisas deixam de ser chamadas *milagres*, uma vez que um milagre não se explica.

Kardek chama atenção de seu leitor para o fato de que a ciência seja capaz de realizar milagres. O homem do passado consideraria como um milagre: uma pessoa viver com o coração de outra; fazer nascer uma criança em laboratório; sustentar a vida de alguém por meio de máquinas; um homem voar com asas artificiais a 300 quilômetros por hora; contudo, hoje, tudo isso é aceito pela maioria das pessoas educadas, que, por conhecerem como essas coisas funcionam, não as consideram milagrosas.

Assim, no passado, muitos acontecimentos intitulados de milagres, à medida que a ciência evoluía e explicava as causas deixavam de sê-los. A ciência, portanto, foi respon-

sável pela restrição de espaço do chamado *sobrenatural*, que acabou se refugiando no universo religioso. Com isso, os anjos e demônios, os espíritos, as chamadas *almas do outro mundo*, formavam o conjunto dos seres sobrenaturais, objeto do medo da maioria das pessoas, que não sabiam como lidar com eles.

Na segunda metade do século XIX, para ser mais exato, no dia 18 de abril de 1857, é publicado, em Paris, uma obra intitulada **O livro dos espíritos**, que dará início a uma revisão do conceito de sobrenatural aplicado aos espíritos. A 15 de janeiro de 1861 surgiu um segundo livro: **O livro dos médiuns**, que contribuirá, e não pouco, para derrubar o conceito de sobrenaturalidade e, por consequência, o de milagre.

Como o Espiritismo fez isso? Por meio da revelação de novas leis, até então desconhecidas dos homens de ciência e do homem comum. Assim, as coisas tidas como insólitas, por não serem explicadas pelas leis conhecidas, com a luz emitida pelas novas ideias, passam a ser explicadas e tornam-se naturais.

A Doutrina dos Espíritos vem nos dizer que os espíritos são, em verdade, as almas dos homens que viveram na Terra. Assim, pertencem à natureza e não estão fora dela; em outras palavras, são naturais e não sobrenaturais. Nós, espíritos encarnados, estamos sujeitos a certas leis bio-físico-químicas. São essas leis que chamamos de *naturais*. Depois de desencarnados, passamos a estar sujeitos à leis, mas de natureza espiritual. Sendo assim, o espírito encarnado e o desencarnado vivem sob o império de leis naturais, uma de caráter material, e outra, espiritual. Com isso, deixa de existir a oposição natural X sobrenatural, para existir a unidade natural, que compreende duas dimensões: a material e a espiritual.

Prossegue Allan Kardec, desenvolvendo e aprofundando mais essa ideia. Explica, então, o Codificador que, desen-

encarnado, o espírito deseja fazer as mesmas coisas que fazia quando na carne. Para realizar ações, ele necessitaria de um corpo físico que não mais possui. Faz uso, então, se possível, de um encarnado, que funciona como meio (*médium*) para que o espírito se comunique e realize determinadas ações. O médium é, portanto, um instrumento para o espírito. Imagine que um desencarnado deseje escrever, como não mais possui um corpo de carne para fazê-lo, vai utilizar um médium escrevente, e, desse modo, produzirá o seu texto.

Imaginemos que um homem de poucas luzes produza um texto cujo conteúdo excede em muito sua capacidade intelectual. Isso, aos olhos do homem comum, é algo fantástico e sobrenatural; entretanto, quando sabemos que o verdadeiro autor do texto é um espírito de grande cultura que se utilizou daquele homem simples e o fez segundo determinadas leis naturais, o sobrenatural e o maravilhoso desaparecem. Isso é muito comum na xenoglossia¹ por existirem casos em que uma pessoa simples, e até mesmo rude, produziu textos em grego e latim, as chamadas *línguas clássicas*. Um homem inculto expressar-se em grego, por exemplo, é fantástico, mas quando sabemos que o comunicante era um espírito que dominava a língua de Homero, não temos mais o efeito sobrenatural e maravilhoso.

Em seu interessante estudo, Allan Kardec faz a seguinte pergunta retórica:

Entretanto, dir-se-á, admitis que um Espírito pode levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto

Termo grego que significa língua estrangeira. Designa o fato de o médium se expressar em uma língua que lhe é totalmente desconhecida. (Nota do Autor. Suas notas seguintes conterão apenas as iniciais N.A.)

de apoio; não está aí uma derrogação da lei da gravidade?²

A pergunta parte do seguinte pressuposto: existe uma lei chamada *gravitação universal* segundo a qual os corpos mais pesados que o ar são atraídos para a Terra. Ora, a mesa pairando no espaço teria derogado uma lei natural logo, seria um milagre. Kardec contra-argumenta dizendo que, aparentemente, é verdade para a *Lei da gravidade*, mas não para todas as leis que existem no Universo e nós não as conhecemos. Kardec dá, então, uma série de exemplos que sustentam a sua argumentação. Vejamos o texto:

Antes que se houvesse experimentado a força ascensional de alguns gases, quem diria que uma pesada máquina, transportando muitos homens, poderia triunfar da força de atração? Ao vulgo, isso não pareceria maravilhoso, diabólico? Aquele que se houvera proposto, há um século, a transmitir uma mensagem a 500 léguas e receber a resposta dentro de alguns minutos, teria passado por louco; se o fizesse, teriam acreditado estar o diabo às suas ordens, porquanto, então, só o diabo era capaz de andar tão depressa. Hoje, no entanto, não só se reconhece possível o fato, como ele parece naturalíssimo. Por que, pois, um fluido desconhecido careceria da propriedade de contrabalançar, em dadas circunstâncias, o efeito da

KARDEC, Allan. A gênese. Rio de Janeiro: FEB. Cap. XIII, item 7. (N.A.)

gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? É, efetivamente, o que sucede, no caso de que se trata". (O livro dos médiuns, 2ª Parte, cap. IV.)³

Kardec nos lembra uma característica comum aos seres humanos: negar aquilo que não compreende, ou colocar no rol das coisas impossíveis e sobrenaturais, sem levar em consideração a pequenez do nosso conhecimento. As pessoas não percebem que a ciência funciona sob um forte dinamismo, de modo que aquilo que nos parece impossível hoje, será possível amanhã. Se, por exemplo, tomarmos o modelo da física de Aristóteles para comparar com a física moderna, as teorias do estagirita⁴ só possuem valor histórico e nada mais. A cada dia, concepções novas vão surgindo e, em futuro não muito distante, o nosso modelo de física também perderá a validade, substituído por outro mais eficiente.

O Espiritismo comprova esse ponto de vista, provando que muitos fenômenos do passado, que eram tidos como sobrenaturais, à luz das explicações dos espíritos da Codificação perderam o status de maravilhosos, tornando-se coisas naturais.

Um estudo objetivo e racional do sobrenatural nos leva a compreender que ele nasce, se desenvolve e é nutrido por duas fontes: a ignorância das causas reais e a imaginação. Assim, todas as vezes em que um fenômeno insólito era presenciado, e não se possuía explicação para ele, a imaginação vinha ocupar este espaço vazio, e com ela instalava-se o misticismo, o medo e a superstição.

Idem. Cap. XIII, item 7. (N.A.)

Estagirita: nome que se dá a Aristóteles pelo fato de ele ter nascido em Estagira. (N.A.)

O advento do Espiritismo aconteceu para que fosse restringido o domínio do sobrenatural. Nesse sentido, ele anda ao lado da ciência material, porque ambos buscam explicações naturais e racionais para os efeitos com que lidam; a segunda trabalha com os fenômenos materiais e o primeiro com os espirituais. O Espiritismo, em sua dimensão científica, nos mostra a possibilidade de que certo fenômeno seja real e natural. Entretanto, em virtude do compromisso com a verdade, pode afirmar uns e negar outros. Este é o mesmo comportamento que a ciência humana possui.

Outro aspecto da ciência espírita é o fato de que ela não tem a pretensão de dizer a última palavra sobre determinadas coisas, nem mesmo sobre aquelas que pertencem ao seu campo de atuação. Isso se dá por dois motivos: em primeiro lugar, por não acreditar que os espíritos são infalíveis e que tudo o que dizem deve ser necessariamente verdadeiro e, em segundo lugar, porque respeita o estado evolutivo em que a ciência de um determinado mundo se encontra e, desse modo, espera que este saber avance mais e traga respostas novas.

O que se deve entender por fenômeno espírita? Vejamos: consideram-se como fenômenos espíritas as diversas manifestações da alma, seja encarnado, seja em estado de erraticidade.⁵ É por meio dessas manifestações que a alma revela o fato de sua existência, de sua sobrevivência à morte e de sua individualidade. É na última que se encontra a prova mais robusta da sobrevivência. Por fim, pode-se dizer que são esses fenômenos (fenômenos espíritas) o objeto específico do estudo espírita. O que busca o estudioso desses fenômenos? Basicamente: conhecer tanto quanto possível a natureza do espírito e as leis que regem os fenômenos desse tipo.

Erraticidade: o estado do espírito fora de um corpo. (N.A.)

Em seguida, auxiliados por Allan Kardec vamos examinar a posição dos materialistas. São chamados materialistas aqueles que veem o mundo a partir apenas da matéria. Como consequência desta atitude, negam a existência de todos os elementos de caráter espiritual, inclusive Deus. Para eles, todos os efeitos que os espiritualistas interpretam de um ponto de vista anímico são sobrenaturais e fantasiosos. Isto se dá em virtude da negação da causa (o espírito) pois, negando-se a causa, negam-se também os efeitos. Em outras palavras: espíritos não existem; logo, o que se atribui a eles é mera alucinação, ilusão ou fraude. Em razão disso, não se dedicam a conhecê-los mais, ou melhor, para que não percam o seu tempo. Não é, pois, de se estranhar que possuam sobre o Espiritismo uma atitude preconceituosa.

Entre as muitas ideias preconceituosas sobre o Espiritismo, no tempo de Allan Kardec (e ainda em nossos dias elas existem), que ele responderia todas as perguntas que lhe são feitas e justificaria todos os fatos ditos sobrenaturais. Com isso, para essas pessoas, a nossa doutrina marcharia à frente de todas as utopias e excentricidades, lendas e mitos, fantasias e devaneios. Quem tem esse tipo de pensamento, entretanto, comprova conhecer muito pouco ou quase nada da Doutrina dos Espíritos.

Em verdade, o Espiritismo não compactua com as fantasias neuróticas e comportamentos histéricos; em vez de aceitar as fraudes mediúnicas, desmascara-as, fazendo uma distinção clara entre a verdade e a mentira, o falso e o verdadeiro. O Espiritismo, neste caso, age do mesmo modo que a ciência, quando essa tenta mostrar, aos homens de bom senso, os perigos da falsa ciência e das teorias pseudo-científicas. Além, disso, o Espiritismo combate o fanatismo ao

colocar o racionalismo e o experimentalismo como métodos que devem ser seguidos em suas práticas.

Sem sombra de dúvidas, é a mediunidade o aspecto da Doutrina Espírita mais suscetível de crítica. No século XIX, médiuns famosos como Daniel Dunglas Home, Eusapia Paladino, Florence Kook, entre outros, eram tidos como pessoas desonestas, que viviam a explorar a credulidade daqueles que as procuravam para entrar em contato com seus entes queridos desencarnados. Contrariando esse ponto de vista, Kardec argumenta que a maior parte dos fenômenos espíritas é espontânea, produzindo-se sem qualquer ideia preconcebida, e que se dão, algumas vezes, com pessoas que não estavam pensando neles. Há casos, porém, em que o médium tem consciência do que acontece com ele. Daí a divisão dos médiuns em *conscientes* e *inconscientes*.

Os médiuns conscientes são aqueles que possuem uma noção, às vezes bastante clara, da mensagem que estão comunicando. Os *inconscientes* são aqueles que, como o nome indica, não possuem consciência da experiência mediúnica que vivem. Esse é o tipo de médium que melhor comprova a autenticidade dos fenômenos, pois muitos deles são descrentes dessas atividades, e outros são contrários a elas, como acontece com os médiuns de dentro da Igreja (e são muitos), que realizavam fenômenos com os quais a Igreja não concordava e nos quais o próprio religioso não acreditava. Muitos desses médiuns se tornaram santos, em virtude dos fatos assombrosos que aconteciam com eles e que a Igreja, não podendo explicá-los, enquadrava na classe dos milagres.

Tais fenômenos, é bom que se diga, sejam conscientes ou inconscientes, têm como causa os espíritos; seres naturais que, como nós, subordinam-se às leis da natureza. Se aceitarmos o que foi dito como verdadeiro, fica claro que os

médiuns nada fazem que possa ser chamado de sobrenatural e, muito menos, milagroso.

Muitas pessoas consideram a mediunidade curativa como sendo uma das mais espetaculares e os médiuns curadores como uma espécie de milagreiros. Esta ideia também não é verdadeira. A cura acontece em virtude de um agente fluídico que desempenha o papel de elemento terapêutico. Assim, o epíteto taumaturgo,⁶ para o médium que exerce a mediunidade curativa, é inteiramente impróprio. Considerar as curas conseguidas pelos médiuns como milagre, não só é um erro crasso, como também nos afasta cada vez mais da verdadeira causa desses fenômenos.

Surge, então, uma pergunta necessária: para o Espiritismo não existem milagres nem da divindade? Ou seja: Deus pode realizar milagres? A resposta é sim, baseando-nos na ideia de que Deus, sendo onipotente, tudo pode, inclusive realizar milagres, derrogando as leis que ele mesmo estabeleceu. Essa é uma primeira resposta, mas é necessário aprofundar este assunto.

Voltemos, portanto, à questão: Deus pode, ou não, realizar milagres? Esta pergunta levaria a uma outra: Por que Deus faria milagres? Muitos dizem que seria para provar o seu poder. Essa resposta é extremamente simples e não leva em consideração que a prova do poder de Deus se encontra em sua obra. Vendo a obra Divina, ficamos espantados e mesmo maravilhados com os mundos que habitam o universo; com os fenômenos físicos, químicos e biológicos; com os astros gigantescos que giram no espaço infinito; e tantas outras mara-

Taumaturgo: Esta palavra deriva do grego taumas = coisa maravilhosa + urgos = trabalho, significa fazedor de maravilhas. (N.A.)

vilhas que existem na obra da criação. Estaria Deus, autor destas maravilhas, interessado em fazer pequenas coisas para impressionar os seres humanos, atos que um prestidigitador poderia imitar? Não há como responder a essa questão positivamente. Assim, pode-se dizer que, teoricamente, Deus pode fazer milagres, mas na prática ele não os faz.

Tratando deste assunto, anotou Allan Kardec:

Admitido que Deus houvesse alguma vez, por motivos que nos escapam, derogado acidentalmente leis por ele estabelecidas, tais leis já não seriam imutáveis. Mesmo, porém, que semelhante derrogação seja possível, ter-se-á, pelo menos, de reconhecer que só ele, Deus, dispõe desse poder; sem se negar ao Espírito do mal a onipotência, não se pode admitir lhe seja dado desfazer a obra divina, operando, de seu lado, prodígios capazes de seduzir até os eleitos, pois que isso implicaria a idéia de um poder igual ao de Deus. É, no entanto, o que ensinam. Se Satanás tem o poder de sustar o curso das leis naturais, que são obra de Deus, sem a permissão deste, mais poderoso é ele do que a Divindade. Logo, Deus não possui a onipotência e se, como pretendem, delega poderes a Satanás, para mais facilmente induzir os homens ao mal, faltalhe a soberana bondade. Em ambos os casos, há negação de um dos atributos sem os quais Deus não seria Deus.⁷

KARDEC, Allan. A gênese. Rio de Janeiro: FEB. Cap. XIII, item 16. (N.A.)

Com esse raciocínio que acabamos de ver, a Igreja Católica admite a existência de dois milagres: um bom, que vem de Deus, e outro mal, que tem a sua origem em Satanás, mas em ambos os "casos" haveria uma derrogação das leis naturais. Imaginando-se que um homem muito doente tenha sido curado, de um modo que faça pensar em milagres, a cura não deixará de ter sido realizada.

Em casos conhecidos como *possessões demoníacas*, acontecem, não raro, alguns fenômenos maravilhosos como a levitação, a xenoglossia, o profetismo, o aumento da força do possuído, mas esses fenômenos atribuídos ao diabo são, em verdade, praticados por espíritos obsessores que se fazem passar pelo espírito do Mal. A Igreja Católica costuma atribuir alguns fenômenos espíritas ao diabo, que os pratica para iludir a boa-fé do cristão, ainda que o "milagre" tenha resultado na cura de uma pessoa, ou seja, resultado em um bem. Quem assim pensa se esquece de uma passagem do Evangelho de Mateus, que passo a narrar aqui:

Então, Ihe trouxeram um endemoninhado, cego e mudo; e ele o curou, passando o mudo a falar e a ver. E toda a multidão se admirava e dizia: É este, porventura, o Filho de Davi? Mas os fariseus, ouvindo isto, murmuravam: Este não expelle demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios. Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá. Se Satanás expelle a Satanás, dividido está contra si mesmo; como, pois, subsistirá o seu reino? E, se eu expulso demônios

por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso, eles mesmos serão os vossos juízes. Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós.⁸

Este argumento de Jesus é irretocável: Deus faz o bem e o demônio faz o mal. O demônio não pode fazer o bem nem Deus fazer o mal. Assim, se uma cura for atribuída ao demônio, temos que admitir que o demônio faz o bem e, sendo assim, perde a sua própria essência e deixando de ser demônio.

Terminamos esta primeira parte afirmando a impossibilidade do milagre, do ponto de vista da Doutrina dos espíritos. O milagre, enquanto derrogação das leis da natureza, não se sustenta ante uma argumentação racional. Um homem não poderia fazer milagres, uma vez que não teria a menor condição de derrogar uma lei natural e o próprio Deus, embora teoricamente possa fazê-lo. Não o faria já que o primeiro dever do legislador é respeitar as leis que criou e não violentá-las. Supondo-se que por razões por nós desconhecidas ele violasse uma ou mais de suas leis, essas leis deixariam de ser imutáveis, perdendo, assim, a sua principal característica.

Mt, XII: 22 a 28.



DOS FLUIDOS

Trazemos aqui um estudo dos fluidos, em razão de sua importância para a compreensão dos chamados milagres. Julgamos interessante iniciar esta seção com um conceito dicionarizado de fluido.

1. Fluido: (adjetivo) originário do latim *fluidu*. Aquilo que corre como um líquido, fluente.
2. Aquilo cujas moléculas têm tão pouca adesão entre si que facilmente mudam de posição e que, portanto, cedem à menor pressão.
3. Corrente, fácil, claro. Daí: linguagem fluida.

Como substantivo masculino.

1. Substância que, pela pouca adesão de suas moléculas entre si, cede a qualquer força e, portanto, não têm forma independente, mas toma a do recipiente em que é posta.

2. Nome genérico de qualquer líquido ou gás.
3. Qualquer uma das substâncias às quais, outrora, eram atribuídos o calor, a eletricidade e magnetismo.
4. Fluido cerebrospinal: líquido comparável ao soro, segregado pelo sangue para dentro dos ventrículos laterais do cérebro.
5. Fluido magnético:
 - Fluido hipotético a cuja presença era outrora atribuída à causa dos fenômenos magnéticos.
 - Mistura de ferro finamente dividido com óleo ou qualquer outro líquido apropriado, caracterizada por seu aumento de viscosidade, quando sujeita a um forte campo magnético.⁹

Começamos o estudo dos fluidos, do ponto de vista espírita, pelo fluido cósmico universal. Com esta denominação, o Espiritismo se refere a uma espécie de matéria primitiva, cujas modificações e transformações formam a enorme variedade dos seres da natureza. Esse assunto é muito antigo; já os pensadores gregos pré-socráticos buscavam a *proto-hylé*, ou matéria primeira, que dera origem a todos os seres existentes. Para Thales de Mileto esta substância era a água; conforme Anaxímenes, seria o ar; Heráclito acreditava que era o fogo e assim por diante. Assim, o Espiritismo retoma essa antiga discussão, trazendo para ela uma contribuição bastante significativa.

Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. **Readers Digest. Ed. Melhoramentos.** (N.A.)

André Luiz, em seu livro notável, **Evolução em dois mundos**, através da mediunidade psicográfica de Francisco Cândido Xavier, nos apresenta a seguinte definição de fluido:

Definimos o fluido, dessa ou daquela procedência, como sendo um corpo, cujas moléculas cedem invariavelmente à mínima pressão, movendo-se entre si, quando retiradas por um agente de contenção ou separando-se quando entregues a si mesmas.

Temos, assim, os fluidos líquidos, elásticos ou aeriformes, e os outros chamados fluidos imponderáveis, tidos como agentes: os fenômenos luminosos, caloríficos e outros mais.¹⁰

O espírito Emmanuel também emite uma opinião sobre os fluidos, em sua obra **O Consolador**, e esta observação possui grande importância para o nosso estudo. Vamos a ela:

(...) Em se falando da lei dos fluidos, cada orbe possui de conformidade com a sua organização planetária.

Com relação ao plano terrestre, somente Jesus e seus mensageiros mais elevados conhecem os seus processos, com a devida plenitude, constituindo essa lei em um campo divino de estudo, não só para a menta-

André Luiz. Evolução em dois mundos. **Psicografia:** Francisco Cândido Xavier. **Rio de Janeiro: FEB.** (N.A.)

lidade humana, como também para os seres desencarnados que já se redimiram dos labores mais grosseiros, junto dos círculos da carne, a fim de se evolverem nas esferas mais próximas do cenário terrestre.¹¹

Vamos, em prosseguimento, examinar, consoante os espíritos da Codificação, o fluido cósmico que se apresenta em dois estados distintos: o primeiro é o de *eterização*, ou de *imponderabilidade*, que deve ser considerado como o estado primitivo deste elemento. O segundo é o de *materialização*, ou de *ponderabilidade* que, de certo modo, é o estado consecutivo ao primeiro. Assim teríamos: o estado do fluido puro imponderável e invisível, e o segundo momento, quando o fluido se organiza de modo a criar os seres existentes.

Em uma nota de pé de página, à edição da **Gênese** feita pelo CELD no ano de 2003, o revisor comenta que se poderia considerar os fluidos imponderáveis citados por Allan Kardec, como sendo os gases, principalmente aqueles, que são fluidos, por se encontrarem superaquecidos na temperatura ambiente, são invisíveis e muito mais imponderáveis; embora possam ser sentidos e pesados como qualquer outra substância. Dá como exemplo: o oxigênio e o nitrogênio moleculares, que se encontram na atmosfera. O revisor, Cláudio Liringe Zanatta, ainda explica que o *exemplo mais contundente do fluido imponderável é o dos neutrinos: partículas subatômicas, de massa nula e sem carga elétrica, provenientes da energia, de fraca interação com a matéria e de difícil detecção. Eles são gerados no núcleo de estrelas como o Sol que os emitem no espaço.*

Emmanuel. O Consolador. Psicografia: Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB. Q.23. (N.A.)

Entre a primeira fase e a segunda existe um ponto intermediário em que acontece a transformação do fluido em estado tangível. Essa mudança, entretanto, não é brusca, pois como diziam os latinos: *Natura non facit saltus*.¹² Assim, cada um desses dois estados causa, necessariamente, fenômenos específicos. Ao estado de *ponderabilidade* (segundo estado), pertence o mundo visível e tangível, mundo material ou da realidade objetiva ao estado da *imponderabilidade* (primeiro estado) pertencem os fenômenos do mundo invisível ou espiritual.

Essas duas maneiras de ser, ou estados, demandam dois instrumentos de estudo não diferentes, mas complementares. O estado *tangível* ou *ponderável* é objeto da ciência humana, e o *intangível* ou *imponderável* é do interesse da Doutrina Espírita, em virtude de suas relações com a dimensão espiritual. Acontece, porém, conforme acentua Allan Kardec, que, em virtude da vida espiritual e material estar em incessante contato, em muitas oportunidades, os fenômenos das duas categorias ocorrem simultaneamente. Do ponto de vista da percepção, também há diferença entre esses dois fenômenos: os materiais podem ser submetidos ao testemunho dos sentidos, enquanto os espirituais escapam à nossa percepção, só podendo ser observados pelos chamados *médiuns videntes* e *ouvintes*, ou depois da morte, quando estivermos no estado *espiritual*.

Continuam os espíritos nos ensinando sobre os fluidos. Assim, em A **gênese**, eles nos dizem que, em seu estado puro ou de eterização, o fluido cósmico não possui uniformidade e, além disso, sem deixar de ser ele mesmo, sofre modificações também variadas em seu gênero, possivelmente mais variadas ainda, que no estado de matéria tangível. Tais modificações

Natura non facit saltus: A Natureza não dá saltos. (N.A.)

formam fluidos distintos, os quais, posto que procedendo do mesmo e único princípio, são dotados de especiais propriedades e dão origem aos fenômenos particulares que se manifestam no mundo dos espíritos ou mundo invisível.

Esses fluidos, prosseguem os orientadores espirituais, têm, em relação aos espíritos que também possuem natureza fluídica, uma aparência tangível, igualmente aos objetos materiais que conhecemos enquanto encarnados. Isso fica bastante claro, principalmente na obra de André Luiz. Desse modo, os espíritos desencarnados são capazes de elaborar e combinar esses fluidos para conseguir determinados resultados, do mesmo modo que os encarnados podem manipular a matéria, posto que por processos diferentes.

Não podemos, porém, perder de vista que, lá, como cá, somente a espíritos mais evoluídos, detentores de conhecimentos mais elevados, é dado a compreender, com maior clareza, como funcionam os elementos que constituem o seu mundo; o que não acontece com os espíritos pouco evoluídos. Assim, o mesmo acontece na Terra, onde os espíritos encarnados menos evoluídos não conseguem compreender os mecanismos da vida em suas múltiplas manifestações.

Entre nós, um homem simples pode acender a luz de seu apartamento, ligar a televisão ou utilizar o computador, mas desconhece, por completo, o funcionamento dessas máquinas. O mesmo se dá no plano espiritual, onde espíritos inferiores, muitas vezes, contribuem, por assim dizer, maquinamente para a realização de determinados fenômenos. Entretanto, se chamados para explicar o que fizeram, não conseguem.

Os elementos fluídicos do mundo espiritual não são captados por nossos sentidos e nem mesmo pelos instrumentos de que a ciência se vale em sua observação, uma vez

que foram construídos para observar o mundo material e não o espiritual. Nós, encarnados neste planeta, fazemos apenas uma pálida ideia da complexidade do mundo espiritual. Existem fenômenos naquele mundo que escapam por completo à nossa compreensão, e a eles só podemos nos referir por meio de comparações, símiles e metáforas imperfeitas. Estaríamos, nesse caso, na condição do cego de nascença que procurasse estabelecer uma teoria das cores ou um surdo que buscasse saborear uma sinfonia.

Se desejarmos estudar o fluido universal, devemos partir de seu grau de pureza absoluta, do qual não temos, ainda, uma ideia adequada. O ponto oposto a este estado primitivo é a transformação do fluido imponderável em matéria tangível ou ponderável. Há, entretanto, entre esses dois extremos, um número considerável de variações que tendem, ora para um lado, ora para outro. Assim, existem fluidos mais densos, ou seja, mais próximos da materialidade e menos próximos, isto é, mais perto de espiritualidade.

Os fluidos mais densos constituem o que se poderia chamar de atmosfera espiritual da Terra (Mundo de Provas e Expições) e, muito provavelmente, de mundos que a ela se assemelham. É desse meio fluídico, onde se encontram vários graus de pureza também, que os espíritos, tanto encarnados como desencarnados, extraem os elementos necessários à sua existência. Há, assim, uma relação muito forte entre o grau de evolução de um mundo e a qualidade do fluido que ele utiliza. Nos mundos superiores, portanto, os fluidos são muito mais etéreos ou imponderáveis, em conformidade com os espíritos que nele habitam. Do que foi exposto, conclui-se que, quanto menos material for a vida de um determinado mundo, maior será o grau de imponderabilidade dos fluidos e menos afinidade terão com a matéria.

Seria normal se esperar que, em um assunto tão complexo e rico como o dos fluidos espirituais, não houvesse exatidão taxionômica; contudo, o que se pode dizer é que eles são sempre matéria mais ou menos quintessenciada. De espiritual - acentua Kardec - apenas a alma, ou princípio inteligente. A denominação *fluido espiritual* deve ser adotada com cautela, apenas por comparação e pela afinidade que esses fluidos possuem com o espírito. Assim, a expressão *fluido espiritual* deve-se ao fato de que esses fluidos estão relacionados com o mundo dos espíritos.

O conhecimento íntimo da matéria durante muitos anos foi (e continua sendo) um desafio à ciência de todos os tempos. Kardec evidencia em A **gênese** esta dificuldade, imaginando que somente em aparência ela se apresente como algo compacto, uma vez que é atravessada pelos fluidos espirituais e pelos espíritos desencarnados para os quais ele não é obstáculo. No caso do exame da matéria, os nossos sentidos parecem ser limitados e nos mostram muito mais o parecer da matéria do que o seu ser.

Vamos nos socorrer, mais uma vez, das explicações técnicas do nosso confrade Cláudio Zanatta, na tradução de A **gênese** a que já nos referimos antes:

No tempo do Codificador, a estrutura da matéria ainda era pouco conhecida. De acordo com os conhecimentos espirituais, podemos afirmar, corroborando as suas palavras, que a matéria é mais um grande vazio do que algo realmente compacto, uma vez que quase a totalidade da massa do átomo está concentrada no seu núcleo, assim como, por

exemplo, a quase totalidade da massa do sistema solar está concentrada no Sol.

O que torna a matéria compacta e impenetrável é a repulsão elétrica que existe entre as nuvens eletrônicas dos átomos que a constituem, que impedem que os objetos materiais, digamos assim, se interpenetrem.¹³

Em sua argumentação, Kardec formula uma hipótese interessante. Diz ele que, sendo a matéria um modo de ser do fluido universal, deveria ser possível que um corpo material se desintegrando, volte ao estado primitivo de eterização. Alguns estudiosos tentaram explicar a passagem de objetos sólidos por uma parede do exterior ao interior de um cômodo fechado, através deste processo de desintegração e reintegração do objeto.

O Codificador é bastante humilde para reconhecer as próprias limitações e as da ciência de seu tempo. Ele afirma que nós, espíritos encarnados na Terra, conhecemos apenas a periferia da realidade, mas que, no futuro, por certo com o avanço da ciência, vamos poder caminhar além das fronteiras existentes e conseguir novas respostas sobre este tema e outros.

Kardec estava certo e, para provar isso, não precisa ir muito longe, basta lembrar algumas obras de André Luiz, como: **Mecanismo da medinidade** e **Evolução em dois mundos**, nos quais serão revelados certos conceitos mais avançados, relacionados com a matéria tangível. Isso para não

Allan Kardec. A gênese. Rio de Janeiro: CELD. Tradução de Albertina Escudeiro Seco. p. 448. (N.A.)

falar da Teoria da Relatividade e da Física Quântica, que tem mostrado a insuficiência do modelo Newtoniano e Cartesiano para dar conta da realidade que nos cerca.

Na continuidade de sua argumentação, o Codificador chega ao Perispírito, também conhecido como corpo fluídico dos espíritos, sendo um dos mais interessantes efeitos ou produtos do fluido cósmico. Em verdade, ele é uma condensação desse fluido, em torno de um foco de inteligência ou alma. Já sabemos que o corpo físico, ou corpo de carne, também é originado nesse mesmo fluido, naturalmente condensado e transformado em matéria ponderável e tangível.

Em se tratando do perispírito, a metamorfose molecular acontece de maneira diferente, uma vez que, organizado na forma perispiritual, o fluido conserva a sua imponderabilidade e qualidades etéreas. Do exposto, podemos deduzir que tanto o corpo espiritual quanto o carnal possuem a sua origem em um mesmo elemento primitivo - o fluido universal - assim ambos os corpos são matéria, posto que sob estado diverso.

Os espíritos retiram o seu envoltório fluídico do meio onde se encontram, ou seja, do mundo em que habitam temporariamente. Assim, em um mundo mais inferior e grosseiro, os perispíritos devem ser mais densos, e em mundos mais evoluídos, mais sutis e etéreos. Dessa maneira, um espírito atrasado e impuro não poderia penetrar em um mundo mais adiantado com seu perispírito.

A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudar de envoltório a seu bel-prazer, pelo que não podem passar,

à vontade, de um mundo para outro. Alguns há, portanto, cujo envoltório fluídico, se bem que etéreo e imponderável com relação à matéria tangível, ainda é por demais pesado, se assim nos podemos exprimir, com relação ao mundo espiritual, para não permitir que eles saiam do meio que lhes é próprio.

Nessa categoria se devem incluir aqueles cujo perispírito é tão grosseiro, que eles o confundem com o corpo carnal, razão por que continuam a crer-se vivos. Esses Espíritos, cujo número é avultado, permanecem na superfície da Terra, como os encarnados, julgando-se entregues às suas ocupações terrenas. Outros um pouco mais desmaterializados não o são, contudo, suficientemente, para se elevarem acima das regiões terrestres.¹⁴

Por outro lado, os espíritos superiores podem vir aos mundos inferiores e, inclusive, neles encarnar. O maior dos exemplos dessa afirmação é, sem sombra de dúvidas, o de Jesus Cristo. Eles, como já foi dito anteriormente, tiram dos elementos que constituem o mundo em que vão viver, os materiais necessários à formação de seu envoltório fluídico, ou carnal, adequados ao meio em que se encontram. Esta atitude envolve uma espécie de sacrifício por parte desses espíritos, uma vez que devem trocar as suas vestes naturais formadas

de fluidos imponderáveis para vestir temporariamente uma veste mais grosseira do ponto de vista fluídico.

Um fato interessante e útil para se compreender a manifestação dos espíritos é a sua atuação sobre o fluido espiritual, manipulado-o pela ação da vontade e do pensamento. Nesse caso, o pensamento e a vontade nos desencarnados equivalem ao que a mão é para o homem. O escultor toma o mármore e, através dos toques de seu cinzel vai, pouco a pouco, extraindo a forma da pedra e logo surge a obra de arte. O espírito excita o seu pensamento e deseja obter um determinado resultado, assim, consegue sua obra.

O poder do pensamento e da vontade é considerável. É por meio desses recursos que imprimem aos fluidos uma direção ou outra. Ainda por meio desse binômio (pensamento + vontade) os espíritos aproximam ou afastam, combinam ou dispersam os elementos fluídicos, formam conjuntos com aparências diversas, acrescentam aqui, tiram ali, criam um certo colorido e, assim, como o pintor burila o quadro, eles vão formando a imagem que lhes interessa. Em muitos casos, esse trabalho é consciente, mas em outros não, uma vez que também, na espiritualidade existe o pensamento inconsciente.

É por este motivo que os espíritos desencarnados aparecem a um médium vidente com a mesma aparência que tinham, quando encarnados. Eles costumam aparecer com as roupas que usavam, com sinais exteriores, mesmo mínimos, como verrugas, inchaços, bócios, cicatrizes, membros amputados e assim por diante. Há histórias de espíritos que se manifestaram decapitados. Isso não quer dizer - explica Allan Kardec - que ele tenha conservado essa aparência; claro que não, porque, como espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zorrolho, e muito menos decapitado.

Por que acontece tal coisa? O que sucede em casos como esses é que pelo pensamento do espírito, reportando-se á época em que se deu a decapitação, seu perispírito toma instantaneamente aquela forma, que ele abandonará no mesmo momento em que se desfizer desse pensamento. Imaginemos um espírito que tenha sido africano e europeu em vidas diversas, naturalmente. Este espírito poderá aparecer como um negro ou um branco, de acordo com o contexto em que for evocado, ou a que se transporte em pensamento. Do mesmo modo, um espírito pode manifestar-se em nossos dias com a aparência que teve no Antigo Egito, desde que tenha motivos para isso.

Kardec nos informa que o pensamento do espírito, não só pode alterar seu corpo fluídico como criar objetos com os quais tinha alguma relação emocional, ou porque os usava com frequência quando encarnado. Assim, um usurário pode aparecer manuseando moedas de ouro; um militar com suas armas e seu uniforme; um fumante com seu cachimbo; um esfaqueador com sua faca; uma mulher velha com sua roca; um maestro com sua batuta, e assim por diante.

Em **O livro dos médiuns**, Kardec conta a história de uma senhora provinciana que, estando gravemente enferma, viu certa vez, por volta das dez horas da noite, um senhor dozo que residia na mesma cidade e com quem ela, às vezes, costumava se encontrar em situações sociais, mas sem que existisse entre os dois qualquer relação mais estreita. Ela o viu perto de sua cama. Estava sentado em uma poltrona e, de quando em quando, inalava uma pitada de rapé que ele tirava de uma caixinha. Parecia estar vigiando-a, pelo menos era essa a impressão que passava.

De repente ocorreu-lhe que aquele homem em seu quarto àquela hora não era moralmente correto. Tentou falar com ele, mas ele pôs o dedo indicador nos próprios lábios, indicando silêncio e pedindo que ela adormecesse. Todas as vezes que ela tentou lhe falar, o gesto se repetiu. Cansada, a mulher adormeceu. Passados alguns dias, tendo a mulher se restabelecido, recebeu a visita do dito senhor, em horário mais adequado. Usava a mesma roupa da aparição anterior, a mesma caixa de rapé e os modos eram idênticos. Acreditando que ele fizera de fato aquela visita à noite, agradeceu-lhe a gentileza. O homem, espantado, disse-lhe que há algum tempo não tinha o prazer de estar com ela. A mulher, que conhecia bem os fenômenos espíritas, compreendeu do que se tratava, mas não querendo entrar em detalhes, limitou-se a dizer que, por certo, havia sonhado. O que nos importa mais aqui é a presença de uma caixinha de rapé que o homem trazia sempre consigo.

É claro que a primeira caixinha de rapé não era igual à segunda, pois se tratava de um objeto fluídico criado pelo espírito manifestante, ou para dar uma prova de que era ele mesmo, ou porque aquela caixinha era algo muito caro, que ele trazia consigo, mesmo através da forma pela qual se manifestou.

O codificador nos lembra que a ação dos espíritos sobre os fluidos tem uma consequência direta sobre nós, os encarnados. O motivo disso é o seguinte: os fluidos são os condutores dos pensamentos, os quais têm o poder de alterar-lhes as propriedades. Assim, é óbvio que os fluidos podem estar impregnados das qualidades boas ou más do pensamento que os põe em vibração, e ainda afetados pela pureza ou impureza das emoções e sentimentos do emissor.

Há aqui uma analogia: os maus pensamentos são capazes de corromper os fluidos espirituais, como os miasmas

deletérios podem corromper, e corrompem, o ar que respiramos. Desse modo, podemos estar certos de que os fluidos que envolvem os maus espíritos, ou mesmo aqueles que recebem proteção desses, são pesados, viciados e maléficos e, ao contrário, os bons espíritos possuem fluidos leves e benéficos, tão positivos quanto o seu grau evolutivo. É por esse motivo que os bons pensamentos atraem os bons espíritos, na mesma proporção em que os maus atraem os espíritos impuros.

Há também uma particularidade que devemos ressaltar aqui: Imaginemos que, por algum motivo, uma pessoa atraia para o seu ambiente espiritual um mau espírito. Assim que o espírito estiver bem perto, a pessoa sentirá os fluidos pesados. Imaginemos ainda que ela faça uma prece para se defender da má influência e, depois da prece, a atmosfera mude para melhor. Isso não significa que a prece tenha atuado no espírito, modificando a qualidade de seus fluidos, mas que, incomodado, o mau espírito se afastou, levando com ele os fluidos que lhe são próprios. Os maus fluidos só podem se transformar em bons, se o mau espírito modificar sua conduta moral, melhorando, assim, a qualidade de seus pensamentos e, por consequência, de seus fluidos.

Tudo isso nos leva ao conceito de *ambiente espiritual*. Os meios onde predominam a presença de maus espíritos, como bares, boates e inferninhos, onde se consomem bebidas alcoólicas e sexo; os lugares onde se planejam crimes; as casas de jogos de azar; sessões de magia negra, onde espíritos são convocados para fazer o mal, e outras situações semelhantes são impregnadas de maus fluidos que, formando uma atmosfera espiritual, até pessoas mais sensíveis podem sentir e mesmo passar mal diante dessas emanções. Essa mesma ambiência também pode acontecer no plano espiritual, com os espíritos desencarnados.

Kardec compara reuniões como: salas de aula, conferências, palestras, seminários, peças de teatro e outros lugares onde se encontram pessoas com pensamentos, desejos e tendências diversas e, conseqüentemente, pensamentos diversos, a uma orquestra em que cada um emite sua nota. Assim, povoa o ambiente uma grande quantidade de fluidos diversos. Se a maioria dos pensamentos é positiva, cria-se uma atmosfera agradável e, então, se diz que foi uma excelente reunião. Caso contrário, a reunião se arrasta, fica pesada e as pessoas, conforme o caso, podem até hostilizar umas as outras, havendo discussões e desavenças, mesmo entre pessoas amigas. Em casos de centros espíritas, algumas dessas contendas, não raro provocadas por obsessores, ocasionaram a dissolução do grupo.

Acreditamos que, o que se disse até aqui, ajudar bastante a compreender a teoria espírita dos milagres de Jesus; um dos objetivos deste trabalho, que vamos, a seguir, estudar com o máximo de atenção.



OS MILAGRES DO VELHO TESTAMENTO

OS MILAGRES NO LIVRO DO ÊXODO

Vamos começar este estudo através de uma pequena biografia de Moisés, personagem principal deste livro. O pai de Moisés se chamava Amram e pertencia à casa (família) de Levi. Sua mãe, Yôkébed era nascida no Egito e, conforme o livro de Números (XXVI:59), era filha de Levi, irmão de Qhât, e tia do próprio marido, Amram. (Êxodo VI: 20). Moisés possuía dois irmãos, Arão e Maria, ambos mais velhos que Moisés.

Moisés nasceu no Egito, na época em que o Faraó do tempo de José, que era simpático aos judeus, morrera. Assim, teve início uma grande repressão ao povo de Israel. O Faraó Ramsés, então, determina às parteiras egípcias que, ao realizarem seu trabalho, vendo que o recém-nascido era menino, deveria depositá-lo no rio para que morresse e, sendo menina, poderia ser preservada. Nessa ocasião, Yôkébed teve seu filho e, para evitar que morresse, colocou-o em uma cestinha de oapiro, calafetada com betume e a depositou na água do Nilo.

A cestinha descia o rio acompanhada, à distância, por Maria, a irmã do menino. Desceu até chegar a uma espécie de piscina natural, onde a princesa real se banhava. Não se sabe o nome dessa princesa. Ela, avistando a cestinha com o menino, recolheu-o, e logo percebeu que era uma criança judia. Aparece a irmã de Moisés que, no texto original, é chamada Almãh, palavra que significa: *moça, donzela, moça virgem*, que pergunta à princesa se não gostaria que fosse buscar uma ama de leite judia, e ela concorda. A criança foi levada pela ama e devolvida à filha do Faraó algum tempo depois.

O menino foi criado no Egito e, por certo, teve a educação própria de um príncipe. Quando estava em idade adulta, exercendo um alto cargo no Estado egípcio, ao passar por uma rua, viu o feitor que tratava com crueldade um trabalhador hebreu. Revoltado, Moisés atacou o egípcio e o matou, enterrando seu corpo na areia. Por causa desse incidente, foi obrigado a fugir do Egito, dirigindo-se à terra de Madiã, onde se casou com a filha de um sacerdote, ora chamado Jetro, ora Raguel. O nome desta moça era Séfora. Moisés teve com Séfora um filho, que se chamou Guerson, palavra que significa *estrangeiro* ou *estrangeirinho*.

Estava Moisés entre os madianitas, vivendo uma vida tranquila e descuidada, quando, ao pastorear as ovelhas de seu sogro, algo chamou sua atenção: sobre um monte, o Horebe, também chamado Sinai, havia uma forte claridade, como se ali houvesse uma fogueira. Moisés, curioso, aproximou-se e notou que uma sarça pegava fogo, mas não se consumia. Esse é o primeiro fato estranho na vida de Moisés. Neste lugar, vai se manifestar o próprio Yahvyeh, embora no original se use o termo Mal'ak Yahweh, que significa *anjo de Yahweh*.

A primeira pergunta que se pode fazer aqui é: como é possível um fogo queimando sem consumir? Não seria este um milagre? A Resposta é *não*. O fogo que arde sem consumir poderia ser apenas luz, já que ali estava um espírito de grande elevação. Moisés, entretanto, fica interessado em saber o porquê de a sarça arder sem se consumir; se achega mais e escuta uma voz que lhe pareceu sair de dentro do fogo e que **lhe** dizia:

Não te aproximes. Descalça as tuas sandálias, porque o Êtgaronde te encontras é santo. E lahweh acrescentou: *Eu sou o Deus de teus pais: o Deus de Abraão, Isaac e Jacó.* Neste momento, Moisés, amedrontado, esconde o rosto, lahweh continua falando: *vi muito bem a aflição de meu povo no Egito, tenho escutado o clamor deles por causa de sua servidão.* Eu Desci para arrancá-los do poder dos egípcios e fazê-los subir a uma terra boa e espaçosa, uma terra que emane leite e mel.

É claro que, para as religiões tradicionais, estamos frente a um milagre, se entendermos por milagre o fato sobrenatural de alguém falar com Deus. Em primeiro lugar, não se pode afirmar, em nome da razão e do bom senso, que lahweh seja Deus, no sentido mais amplo desta palavra. Prova-o, as aversas passagens do Velho Testamento em que o Deus de Moisés tem comportamentos inteiramente absurdos e irracionais, indignos de um Deus e muito semelhantes ao comportamento dos deuses antropomórficos das antigas mitologias. Assim, preferimos acreditar que o espírito do Sinai é o protetor do povo de Israel, e não a divindade. Há também aqueles que acreditam que Jesus Cristo seja a encarnação de lahweh, afirmação que também pomos em dúvida.

Em segundo lugar, temos o fenômeno da conversa entre lahweh e Moisés. Aqui também não há coisa alguma de

sobrenatural ou milagrosa. Trata-se de um fenômeno espírita chamado de *voz direta*, que pode ser realizado por espíritos, mesmo não muito evoluídos, e tem acontecido inúmeras vezes, ao longo da história do Espiritismo experimental.

Na continuidade desta conversa, lahweh revela a Moisés que ele possui uma tarefa a realizar: tirar o povo de Israel, das terras do Egito, para levá-lo à terra prometida. Moisés, em um primeiro momento, não deseja deixar o conforto da família em Madian e se aventurar no Egito e, para não ir, alega que não teria condições para uma tarefa de tal monta, lahweh argumenta que não haveria maiores problemas para Moisés no Egito, uma vez que ele estaria junto a seu enviado. Afirma ainda que, depois de ter tirado o povo do Egito, ele, lahweh, gostaria de ser adorado naquele monte.

Moisés questiona o Espírito do Sinai: *Ao chegar ao Egito, em nome de quem deverei falar aos israelitas?* Com esta pergunta, ele deseja saber o nome do espírito que ali se encontra. A resposta é: *Sou o que sou*. E acrescenta: *Assim dirás aos israelitas: Eu sou me enviou a vós*. É desta forma verbal que derivaram as duas palavras com as quais o deus de Israel é conhecido: lahweh e Jeová.

Moisés, porém, ainda se mostra com pouca vontade de colaborar. Entretanto, lahweh não quer abrir mão de seu concurso e, por isso, apresenta dois sinais: em primeiro lugar, manda que Moisés atire seu cajado no chão e ele imediatamente se transforma em uma serpente; e, em segundo lugar, ordena a Moisés que coloque a mão sob o manto, na altura do peito, ele o faz, tendo a mão coberta por lepra. Em continuidade, a serpente volta a ser o cajado e a mão doente fica curada. Aqui, temos dois milagres clássicos, praticados pelo próprio Deus. Em ambos os casos, porém, a sugestão

hipnótica pode servir de explicação; ou seja, sob a ação magnetizante do espírito, Moisés viu o que não aconteceu, a vara virar cobra e a mão sadia tornar-se doente. Isso poderia ser feito por qualquer hipnotizador habilidoso.

Aqui se pode fazer uma observação. Mais à frente, Moisés, ante a corte do Faraó, também atirárá sua vara no **Chão** e ela se converterá em cobra. Temos o mesmo fato, mas não a mesma explicação. O segundo caso é muito conhecido pelos encantadores de serpentes do Oriente. Consiste o truque em se tomar uma serpente e comprimir-lhe, com o polegar, um lugar logo depois da cabeça para que o réptil assuma uma postura rígida que tem a duração de alguns segundos. Assim, o que Moisés portava na presença do Faraó não era uma vara, mas uma serpente em estado cataléptico. Esta hipótese é validada, pelo fato de os magos do Faraó terem feito as mesmas coisas com seus próprios cajados.

AS DEZ PRAGAS DO EGITO

Estes fenômenos são considerados como sinais (milagres) de Deus, para que o Faraó libertasse o povo de **Israel** de seu cativeiro. Vamos examinar cada um desses supostos milagres individualmente:

Yahweh disse a Moisés: o Faraó não está disposto a deixar sair o povo. Amanhã, apresenta-te ao Faraó, quando ele for a margem do rio; tendo, à mão, o cajado que se transformou em serpente. Dirá a ele: Yahweh, o deus dos hebreus me mandou a tua presença para te dizer: "Deixa meu povo ir para que me preste culto no deserto. Assim saberás que eu sou Yahweh. Veja!

Eu vou golpear com este cajado que se encontra em minha mão, e as águas do rio se transformarão em sangue. Os peixes que estão no rio morrerão, o rio se corromperá e os egípcios não poderão beber a sua água." Então, Yahweh disse a Moisés: "Dize a Arão que tome o teu cajado e estende tuas mãos sobre as águas do Egito, sobre sua torrente, sobre seus canais e reservatórios e toda água se converterá em sangue. Haverá sangue em todos do Egito, desde as vasilhas de barro às de pedra.¹⁵

— PRIMEIRA PRAGA —

As ÁGUAS DO NILO SE CONVERTEM EM SANGUE

A primeira questão que se impõe aqui é a seguinte: as águas de um rio podem se transformar em sangue? A resposta é *não*. Nesse caso, teria havido uma interferência do deus de Israel, que obrou o milagre? Também não. Busquemos, portanto, uma alternativa.

Antes, porém, de buscarmos uma explicação para o fenômeno, queremos lembrar que as águas do Nilo ficaram sangrentas por sete dias, o que significa que os egípcios, todos eles, passaram todo esse tempo sem beber água e muito provavelmente também os hebreus, e seria muito tempo para não se ingerir uma única gota de água. O texto diz que todas as águas do Egito converteram-se em sangue. No versículo 24, entretanto, está escrito o seguinte: "*Os egípcios passaram a cavar o solo próximo do rio para ver se havia água potável, pois não podiam beber a água do rio.* Aqui fica claro que

¹⁵ Ex, VII: 14 a 24. (N.A.)

apenas a água do rio foi contaminada e parece claro que as pessoas encontraram água e assim não morreram de sede.

Em primeiro lugar, devemos admitir que a água não se converteu em sangue, mas assumiu uma coloração vermelha *como* sangue. Alguns estudiosos quiseram interpretar a cor da água por um limo avermelhado que o rio arrasta, sobretudo quando as cheias acontecem na Abissínia, no final do mês de junho. Iluminadas as águas do rio pelos raios do sol, elas tomam uma forte coloração sanguínea e, por esse motivo, nessas ocasiões, o fenômeno natural toma o nome de Nilo Vermelho. Os flagelados chamados *Euglena sanguínea* e *hematococcus pluvialis*, com suas bactérias abundantes nos altos lagos, também colorem a água de rubro.

Explicando esse fenômeno, Gresaner Hort, em sua obra **As pragas do Egito**, diz-nos que essas bactérias possuem a propriedade de produzir grande quantidade de oxigênio, durante o dia, mas à noite absorvem mais oxigênio do que produzem. Os peixes, muito sensíveis a essas variações naturais, morrem em grande quantidade. Por certo, o efeito dessas bactérias e do limo logo se espalhou pelas diversas ramificações do grande rio. As águas vermelhas do Nilo eram, portanto, um fenômeno natural, manipulado por Moisés. Tanto isto é fato que os magos egípcios conseguiram produzir artificialmente o mesmo efeito.

— SEGUNDA PRAGA —

A PRAGA DAS RÃS

Yahweh disse a Moisés: Vá ao Faraó e dize a ele:
Deixa sair meu povo para que me preste culto no

deserto. Se ele se recusar, eu vou açoitar todo o Egito com uma praga de rãs. O rio pululará de rãs, que subirão e penetrarão em seu palácio, em seu dormitório. Em seu leito, nas casas de seus ministros e nos fornos de seu povo. Contra seu povo e contra seus ministros subirão as rãs.¹⁶

Essa praga é caracterizada por uma invasão de rãs nas casas das pessoas pobres e ricas, nas choupanas e nos palácios, entrando nas cozinhas e nas alcovas, saltando sobre as pessoas durante o sono. As rãs, nesse caso, poderiam ser de dois tipos: a *rana punctata* e a *rana esculenta*, que são muito comuns nas águas do Egito, assim como espécies menores como as pererecas (*hyla arborea*), e muitos tipos de sapos. A inundação do Nilo começa em finais de junho e dura três meses, terminando em outubro.

Por esta época, as águas sobem e cobrem grandes extensões de terra, formando uma espécie de charco, que favorece a proliferação dos ovos de batráquios, que, em pouco tempo, dão origem a uma grande população de indivíduos adultos. Nesta oportunidade, uma grande quantidade de aves como íbis, cegonhas, pelicanos, grande quantidade de palmípedes, provocam uma enorme destruição entre os batráquios, isso para não se falar das serpentes e dos próprios homens, que também são predadores desses animais. Se houver uma interferência nos predadores, por morte ou afastamento metódico, a consequência seria o crescimento desordenado da espécie predada. Essa interferência Moisés e seus homens poderiam fazer muito bem.

Ex, VII: 26-29. (N.A.)

O texto do **Êxodo** diz que as rãs morreram, em grande quantidade. Obra de Deus? Por certo que não, mas do *Bacillus Anthracis* que podem eliminar as rãs em um instante. Como se pode ver, até aqui, pudemos apresentar hipóteses explicativas das pragas do Egito, afastando, pelo menos nesses dois casos, a ideia de milagre.

— TERCEIRA PRAGA —

A PRAGA DOS PIOLHOS

Segundo o texto bíblico Jeová castiga os egípcios mais uma vez através de piolhos que assolam toda a terra do Egito, atingindo homens e animais. Nota-se que o desejo da divindade era punir o faraó e não o Egito inteiro. O interessante é que Êxodos 8, versículo 18 está escrito que os magos egípcios tentaram produzir piolhos mas não puderam. A se acreditar nisto, era possível sem o concurso de Deus que viessem os piolhos e também fica claro que Moisés sabia mais de magia do que os magos; já que os magos não conseguiram fazer o que ele fez. Assim, mais uma vez não estamos frente a um milagre.

— QUARTA PRAGA —

OS MOSQUITOS

Disse Yahweh a Moisés: Dize a Arão para que estenda seu cajado e golpeie o pó da terra, e ele se converterá em mosquitos que tomarão toda a terra do Egito. Assim foi feito. Arão, estendendo o seu cajado, golpeou o pó da terra e surgiram vários mosquitos que

atacaram os homens e os animais. Todo o pó da terra se converteu em mosquitos em toda a terra do Egito.¹⁷

A palavra kinním (kinnâm) aparece na Bíblia apenas três vezes: no livro do **Êxodo** (Ex. VIII: 12-15); no livro dos **Salmos** (Sal.CV: 31); e no livro de **Isaías** (Is: 6); Nesses textos, a palavra possui dois sentidos diversos, que passamos a estudar.

A primeira interpretação lê a palavra **kinnim** como piolho, ou outros insetos parasitas ápteros (sem asas) e semelhantes. Esta hipótese perde um tanto sua validade, porque os piolhos não eram característicos do Antigo Egito.

A segunda interpretação, deriva da palavra grega *skinifes*, que, na Vulgata, é traduzida pelo latim *scinifes*, palavra que significa mosquito. O filósofo judeu Philon de Alexandria descreve os *scinifes* do Egito como mosquitos muito pequenos que, além de picar a pele das pessoas, penetram pelo nariz e pelos ouvidos, produzindo uma espécie de comichão intolerável. O historiador grego Heródoto de Halicarnasso refere-se a uma espécie de inseto, chamado kónopes, que também é capaz de molestar as pessoas e é abundante no Egito.¹⁸ Orígenes, por seu turno, interpreta o termo bíblico como um inseto alado, provavelmente um mosquito, cuja picada é muito dolorosa.

Se a praga em questão foi de mosquitos, podemos buscar uma interpretação racional e natural para ela. Dos primeiros dias de outubro ao final de novembro, os mosquitos (*scinifes*) aparecem no Egito em grande quantidade. Eles são resultado das grandes inundações que se iniciam em junho e espalham pelo vale uma grande quantidade de charcos, cria-

Ex, VIII: 12-14. (N.A.)

Her. História II: 45. Clássicos Ackson, Vol. 1. (N.A.)

douros naturais de mosquitos, inclusive o *aedes egipti*, que não tem esse nome à toa. Os mosquitos, que colocam seus ovos nas águas, chegam a viver cerca de quinze a vinte dias, e cada três fêmeas conseguem pôr mais de mil ovos. Isso nos dá uma ideia da grande quantidade de mosquitos que pode aparecer, ser criada uma situação favorável. Suas nuvens parecem brotar do solo como algo sobrenatural.

Disse logo Yahweh a Moisés: Levanta cedo e vai ter com o Faraó. Dirás a ele assim: Yahweh manda te dizer para que deixes sair seu povo, para que lhe preste culto no deserto. Se não permitires que o povo saia, ele mandará contra o Egito, contra o faraó e seus ministros, um enxame de moscas. As casas dos egípcios se encherão de moscas, assim como o solo onde pisam.

Porém, esta praga não atingirá as terras de Gosen, onde vive meu povo, para que saibas que eu, Yahweh, estou no meio da terra do Egito. Haverá uma distinção entre os egípcios e os hebreus. Amanhã se dará esse sinal.¹⁹

De novo, Moisés apresentou-se diante do Faraó quando esse, de manhã cedo, foi ao Nilo para o banho de adoração ritual, momento em que se conseguir uma audiência com ele era bastante fácil. Vamos examinar com cuidado essa questão.

Para forçar o Faraó a libertar o povo, Yahweh envia contra o Egito uma nova praga. Desta vez, o animal se chama

Ex, VIII: 16-19. (N.A.)

ãrôb e se encontra apenas na versão das pragas existentes nos *Salmos*. As Vulgatas siríaca e latina não se referem exclusivamente a moscas, mas a toda classe de insetos (*omne genus*). A versão grega dos setenta chama esses insetos de *kinomnia*, ou moscas de cachorro. Philon fala de uma espécie de mosca de cachorro que existia no Egito e que morde sua vítima até sair sangue. Ao escrever isso, Philon, por certo, estava influenciado pelo salmo LXXVIII, versículo 45, onde se lê o seguinte: *Enviou contra eles o ãrôb, que comia suas carnes*.

Que classe de moscas era essa? Verdadeiramente não sabemos, mas o tipo que melhor se enquadra ao contexto da quarta praga é uma mosca que se chama *Stomixys calcitrans*. Trata-se de um inseto que aparece no Egito no final do outono e que se denomina *mosca que morde*. Em climas quentes pode multiplicar-se em milhares de exemplares. Uma só pode pôr setecentos ovos em dois meses. Esse inseto nasce em meio a detritos vegetais e seus ovos podem ficar incubados entre 27 e 37 dias. Picam homens e animais, principalmente nas extremidades inferiores, e transmite o antrax cutâneo, que se encontra na pele de animais empesteados.

Pode-se aqui estabelecer uma relação entre a primeira e a quarta praga. As cheias do Nilo deixavam o Egito coberto de dejetos vegetais. Formava-se, assim, um meio e uma ocasião bastante favoráveis à aparição e ao desenvolvimento desse inseto. No final de novembro, pode acontecer um novo comportamento dessas moscas e, no final de dezembro e início de janeiro, o número de moscas pode ser fantástico. Como se pode ver até agora, continuam predominando as leis naturais e fatos que Moisés, um grande sacerdote, saberia manipular muito bem.

— QUINTA PRAGA —

A PESTE DOS ANIMAIS

Disse Yahweh a Moisés: Volta ao Faraó e diz-lhe: Yahweh, o deus dos hebreus, manda dizer que deves deixar o povo partir para prestar-lhe culto no deserto; porque, se te recusares, a mão de Yahweh cairá sobre o gado dos egípcios: os cavalos, os asnos e os camelos. Sobre o gado maior e menor, cairá gravíssima peste. Entretanto, Yahweh fará distinção entre o gado do Egito e o gado dos hebreus. A todas as coisas que pertencem a Israel, nada perecerá. Yahweh fixou um prazo, dizendo: Amanhã Yahweh fará isso aqui também.²⁰

A epizotia não é incomum em diversas partes do mundo e em diversas épocas. O mal da vaca louca, a doença dos frangos em nossos dias, são bons exemplos dessas pragas. Um homem mal intencionado pode contaminar todo um rebanho, desde que conheça o modo correto de fazê-lo. Repare que a divindade diz que a praga não atacará o gado dos hebreus, ou seja, o contaminador não introduzirá o agente de contaminação no gado dos israelitas. Ainda se pode imaginar que a epizotia poderia ser consequência da segunda praga — a das rãs. O gado poderia ter consumido ou levado a consumir a erva contaminada pelo antrax do corpo das milhares de rãs mortas. Note-se que a terra de Gosen foi

Ex, IX: 1-6. (N.A.)

liberada da praga das rãs; logo, ali não havia elementos de contaminação.

O que se pode dizer contra a tese do milagre divino é que, neste caso, ele apequena a divindade, transformando-a em açuladora de rãs, moscas e insetos para dobrar a vontade do Faraó, e o pior: sem consegui-lo. Assim, melhor seria aceitar a tese da presença de Moisés e seus companheiros na realização desses "milagres".

— SEXTA PRAGA —

AS ÚLCERAS

Yahweh disse a Moisés e a Arão: tomai um pouco de cinza de forno e que Moisés atire essa cinza para o alto na presença do Faraó, para que se espalhe por toda a terra do Egito e que se converta em todos os homens e animais, em erupções que façam brotar bolhas em toda a terra do Egito. Tomaram, pois, as cinzas de forno e se apresentaram perante o Faraó. Moisés atirou esse pó para o alto e fez com que nascessem bolhas sobre a pele dos homens e dos animais.²¹

Desta vez o *modus operandi* do "milagre" fica bastante claro: Moisés atira para o ar certo pó, e é provável, que outros judeus, auxiliares de Moisés, estivessem espalhando o mesmo pó por outras partes e contaminando lugares estratégicos como fontes, ruas e praças. Moisés era um conhecedor de Biologia

²¹ Ex, IX: 8-12. (N.A.)

e Química, entre outras ciências naturais; assim, não lhe seria difícil criar um agente bacteriológico e um antídoto para que seu povo, se contaminado, pudesse se curar.

Não se sabe que tipo de doença acometeu os egípcios, mas as pequenas pistas dadas pelo texto poderiam nos dizer que se tratava de uma infecção manifesta de natureza cutânea. Há quem acredite que o elemento pernicioso fosse o antrax ou furúnculus e, se assim fosse, estaria relacionado com a praga das moscas, que criou condições propícias para que se manifestasse. Outros, talvez mais próximos da verdade, acreditam que era uma espécie de varíola muito contagiosa, que ataca homens e animais, cujos sinais aparecem nas múmias egípcias. Seus sintomas, febres e bolhas pelo corpo e intenso comichão na pele, estão de acordo com as referências bíblicas.

— SÉTIMA PRAGA —

CHUVA DE PEDRAS

Disse Yahweh a Moisés: Estende a mão para o céu e cairá chuva de pedras sobre toda a terra do Egito, sobre os animais e toda erva do campo. E Moisés estendeu o seu cajado para o céu. Yahweh enviou trovões e chuva de pedra, e desceu fogo sobre a terra. Yahweh fez cair chuva de pedras sobre a terra do Egito. Tudo o que estava no campo foi atingido, homens e animais. Feriu toda erva do campo e derrubou todas as árvores. Somente em Gessem, onde estavam os judeus, a chuva não caiu.²²

Ex, IX: 22-26. (N.A.)

Deus ameaça enviar todas as pragas de uma vez. A palavra hebraica usada desta vez, é *maggefãh*, que aparece apenas aqui aplicada às pragas do Egito. Esta palavra significa *golpe* ou *castigo súbito*, e relaciona-se com o verbo **nãgae**, que quer dizer golpear, açoitar e é utilizado para designar uma calamidade material, como se pode ver em *Êxodo*: VII: 27; XII: 23-27 e em *Josué*: XXIV: 5. Também aparece como uma calamidade motivada por uma guerra: **Samuel** I IV: 17 e **Samuel** II: XIII: 17 e, por fim, como um castigo sobrenatural: **Números** XIV: 3; XVI: 48-49-50; XXV: 8-9 e XVII: 2.

As tempestades desse tipo são relativamente raras no Egito, e quando acontecem o tempo indicado para a ocorrência é o período entre janeiro e abril. Na primavera do ano de 1895, todo o vale do Nilo foi afetado por uma dessas tempestades que causaram grandes estragos. Naquela ocasião, as pedras de granizo chegaram a atingir o tamanho de uma maçã ou de uma bola de tênis. Na Bíblia, o granizo é considerado como um castigo divino.

O questionamento aqui é se esta chuva de pedras foi milagrosa ou não. A resposta é a mesma: *não*. Então, como foi possível a Moisés interferir no tempo? Neste caso, é bastante possível que não tenha sido Moisés o autor do fenômeno, mas o próprio Yahweh. Em **O livro dos espíritos** há uma informação sobre a existência de espíritos que, sob o comando de espíritos superiores, seriam os responsáveis pelos fenômenos climáticos. Esta ideia já se encontra na mitologia antiga, quando determinados deuses são considerados como responsáveis por alterações climáticas, ou mesmo por cataclismos como maremotos, terremotos, entre outros. Assim, nos parece bastante possível que Yahweh pudesse comandar espíritos elementais para produzir a tempestade desejada, mas sempre com respeito às leis naturais.

— OITAVA PRAGA —

A NUVEM DE GAFANHOTOS

Então, disse Yahweh a Moisés: Estende a tua mão sobre a terra do Egito, chamando gafanhotos para que se espalhem sobre a terra do Egito, para que devorem toda a erva da terra e tudo o que sobrou do granizo. Estendeu Moisés seu cajado sobre a terra do Egito e Yahweh fez soprar sobre o país um vento do levante todo aquele dia e aquela noite. Veio a manhã e o vento do levante havia trazido os gafanhotos. E se espalharam os gafanhotos por todo o Egito. Como jamais acontecera antes, e não aconteceria depois.²³

A estrutura narrativa é a mesma: Yahweh pede que seu povo deixe o Egito para cultuá-lo; o Faraó não se mostra disposto a fazê-lo; então é anunciada a praga e contam-se as consequências dessa; o faraó parece fraquejar; Moisés retira a praga, mas o próprio Yahweh, estranhamente, endurece o coração do Faraó, ele não permite a saída e o ciclo prossegue.

Para que se entenda melhor o alcance desta praga, seria interessante lembrar que uma invasão de gafanhotos nos países quentes do sul do Mediterrâneo causa grandes incômodos e estragos. Era tão desagradável a chegada das nuvens de gafanhotos, que esse fato era considerado como um castigo divino. Os judeus usavam quatro palavras para indicar a evolução do gafanhoto: *gâzâm*, *yeléc*, *arbeh* e *hâsil*. No texto das pragas aparece a palavra *arbeh* para indicar o inseto adulto, com capacidade de voar e de se espalhar por

Ex, X: 12-15. (N.A.)

uma determinada região. Os gafanhotos aparecem pouco no Egito, porém, quando chegam em nuvens, causam tremendos estragos. Normalmente, esses insetos invadem o Egito entre fevereiro e março. Admitindo-se que a intensidade da praga do Êxodo tenha sido a maior de todas, seria necessário supor uma época chuvosa, o que acontece no mês de fevereiro.

O texto faz referência ao vento do levante, ou vento oriental, que em hebraico se diz *ruah qãdim*, e os gregos o chamam de *anemos nótos*, que significa *vento do sul*, porque sua origem são as estepes do Sinai no sudeste do Egito, as terras da Arábia e regiões da Abissínia. A vulgata diz que esse vento arde, queima e resseca as plantas. Diz o profeta Ezequiel: *"Ei-la que está plantada; vingará ela? Acaso não murchará ao toque do vento oriental no mesmo canteiro em que brotou?"*¹²⁴ É este vento que traz a nuvem de gafanhotos.

Ao que parece, as invasões dos gafanhotos era um fenômeno bastante conhecido e temido em Israel, principalmente pelos agricultores, que sofriam mais de perto com esses ataques. Ora, se o homem comum poderia conhecer esse fato, por que não Moisés, que era um iniciado? E, sabendo disso, não seria difícil manipular o fenômeno a seu favor.

— NONA PRAGA —

CAEM AS TREVAS SOBRE AS TERRAS DO EGITO

Yahweh disse a Moisés: Estende a tua mão para o céu, para que se produzam trevas sobre o Egito tão densas que se possam apalpar. Estendeu Moisés sua mão para o céu e se produziram densas trevas,

Ez.XVII: 10. (N.A.)

que duraram três dias e três noites. As pessoas não podiam ver umas as outras e ninguém saía de seu lugar. Entretanto, para todo o povo de Israel, houve luz nos lugares onde estavam estabelecidos.²⁵

O responsável por esta escuridão é um vento impetuoso e muito quente, chamado em árabe *hamsím*, mas que nós conhecemos por *simum*, *siroco* ou *xaloq*. O nome *hamsim* quer dizer *cinquenta*, nome devido ao fato de que ele sopra 50 vezes por ano, ou ainda porque é característico do Egito e do Oriente Próximo durante os 50 dias que medeiam entre a Páscoa e o dia de Pentecostes, portanto entre março e abril.

Este vento tem a particularidade de arrastar consigo uma grande quantidade de areia vinda do deserto, produzindo escuridão muito semelhante à névoa que costuma cobrir os lugares acustres e as altas montanhas. Heródoto, o grande historiador grego, nos conta que o exército do rei persa Cambises foi sepultado por uma tempestade de areia que gerou grande escuridão. Como se pode ver, estamos novamente perante um fato natural, transformado em milagre, para atender aos interesses ideológicos dos judeus do Velho Testamento.

— DÉCIMA PRAGA —

A MORTE DOS PRIMOGÊNITOS

Esta é, por certo a mais inaceitável de todas as pragas, pois neste caso o deus de Israel pratica um genocídio, cujo único objetivo seria fazer o Faraó (apenas o Faraó) dobrar-se à sua vontade, vontade esta que o próprio Yahweh manipulou o tempo todo. Ainda há mais um agravante: a morte dos

Ex, X: 21-24. (N.A.)

primogênitos dos animais, que de nada eram culpados. Supondo a possibilidade de ter acontecido tal coisa, ficamos com uma hipótese: a da conspiração, segundo a qual homens de Moisés, naquela noite sangrenta, conseguiram penetrar em casa de egípcios, perpetrando seus objetivos perversos. Esta hipótese tem apoio em uma passagem (**Êxodo** XX: 13-14), na qual se diz que Deus mandara que se sacrificasse um cordeiro, e com o seu sangue pintasse nas portas das casas dos judeus um sinal, para que ele (Yahweh) pudesse identificar a casa dos judeus e não feri-la com a morte. Mas pergunta-se: como poderia Yahweh se confundir a ponto de necessitar de um sinal para distinguir a casa dos judeus da casa dos egípcios? Realmente, por mais boa vontade que se tenha para com o texto bíblico, não há como concordar com uma ação dessas.

Ficamos por aqui, lembrando aos leitores que muitos estudiosos racionalistas do texto bíblico preferem acreditar que as dez pragas do Egito não possuem um sentido histórico, devendo ser uma alegoria ou mesmo uma simples invenção piedosa.²⁶

A PASSAGEM DO MAR VERMELHO

Depois da calamidade que matou os primogênitos do Egito, segundo o texto bíblico, o Faraó, vencido, decide permitir que os israelitas deixem o local. Vamos estudar este caso, em detalhes, acompanhando o texto bíblico:

Quando o Faraó deixou o povo sair, lahweh o levou pelo caminho da terra dos filisteus, embora fosse mais perto, pois lahweh achara que, diante dos combates, o povo poderia se arrepender e desejar voltar para o

²⁶ O adjetivo latino, *pius a um*, significa "santo", "bondoso". É dele que deriva a palavra *piedade*. (N.A.)

Egito. Ele, então, fez o povo dar a volta pelo deserto do mar dos juncos, e os filhos de Israel saíram bem armados do Egito.²⁷

Comecemos explicando a terminologia *terra dos filisteus*. Trata-se de uma região mediterrânea da Palestina. É interessante lembrar que, por uma dessas ironias de que a história se acha repleta, o nome da *Terra Santa* será Palestina, denominação da terra onde viviam os maiores inimigos de Israel. No tempo de Moisés, os filisteus dominavam toda a Palestina.

No início do **Êxodo**, os israelitas se viram ante dois caminhos possíveis. O primeiro é chamado Via Maris, que partia de Mênfis, capital do antigo Egito, passava por Pelusium, lugar da famosa derrota das forças egípcias por Cambises, rei persa, e chegava a Gaza. O segundo, que podia se entroncar com a Via Maris, passava por Pithon, Heroómpolis, Serapeum, Taubastum, Silu al-Qantara, até o caminho dos Filisteus. Esses dois caminhos possuíam poços e lugares de descanso e guarnições de soldados.

Sem dúvida, os israelitas não poderiam seguir nenhum dos dois caminhos, tanto por causa dos soldados que o Faraó havia disposto nesses locais, como também, muito provavelmente, nos planos maiores, estava a peregrinação pelo deserto para que o povo de Israel pudesse viver experiências que os transformassem, de um grupo de refugiados em um verdadeiro povo.

Assim, Yahweh decide que eles terão que dar uma volta pelo sul, bordeando o caminho dos lagos por dentro da fronteira egípcia. Esse fato possui finalidades diversas. Duas delas podem ser ressaltadas: enganar o Faraó e destruir-lhe

Ex, XIII: 17-18. (N.A.)

as forças e a Segunda, preparar o povo, consoante o projeto divino, na experiência do deserto.

Vamos ver agora o nome *Mar dos Juncos*, que em língua hebraica se diz *Yam suf*. Era também chamado de *Mar dos canaviais*. Em grego, este mar se denomina: *tés erithrán thalassan*, que se traduz por *Mar Vermelho*, e em latim, *Maré Rubrum*. O texto ainda nos diz que os hebreus estavam armados para combate. O que parece comprovar que os judeus no Egito não viviam em radical sistema de escravidão, privados de quaisquer direitos, pois chegavam a possuir armas em quantidade considerável. Deviam também conhecer o mínimo da atividade bélica, já que eram organizados em ordem de batalha.

Moisés levava consigo os ossos de José; porque este havia feito jurar absolutamente aos filhos de Israel, dizendo: com toda a certeza, Deus os visitará e, então, levai daqui meus ossos convosco. Tendo saído de Sucot, acamparam em Etam, na entrada do deserto. Yahweh ia na frente deles, de dia em uma coluna de fumaça, e de noite numa coluna de fogo, para os alumiar, a fim de caminharem de dia e de noite. Nunca se retirou de diante do povo, nem a coluna de nuvem durante o dia, nem a coluna de fogo durante a noite.²⁸

José foi o filho de Jacó que introduziu os hebreus no Egito, provavelmente no tempo dos hicsos ou reis pastores. Com esse ato, fica bastante claro que José nunca deixou de

28 Ex, XIII: 19-21. (N.A.)

ser judeu, apesar do excelente tratamento que lhe deram os egípcios.

Os nomes geográficos *Succot* e *Etam* não puderam ainda ser precisados. Há, em seguida, uma informação que nos parece milagrosa e sobrenatural. Refiro-me à presença de Yahweh de dia e de noite, como uma nuvem e uma coluna de fogo. O fato de se dizer que Yahweh marchava à frente de seu povo deve ser entendido como: estava com seu povo através do médium, Moisés, e não concretamente.

Os exércitos antigos possuíam o costume de, ao acampar em planícies e desertos, manter um fogo aceso que desse bastante fumaça, a fim de servir como orientação à grande distância. Aqui, porém, se pode introduzir uma explicação espírita, segundo a qual essas colunas de fumaça e de fogo bem poderiam ser um fenômeno de efeito físico, semelhante ao *fotismo* que vimos na primeira experiência de Moisés no Sinai.

Yahweh falou a Moisés, dizendo: "Diz aos filhos de Israel que retrocedam e acampem diante de Piariot entre Magdol e Baao Sefon; vós acampareis neste lugar diante ao mar. Pois o Faraó há de dizer acerca dos filhos de Israel: eis que erram pelo país e o deserto os encerrou. E eu endureci o coração do Faraó e serei glorificado no faraó em todo o seu exército, e os egípcios saberão que eu sou Yahweh." E eles assim o fizeram.²⁹

De início, Yahweh ordena ao povo que volte, a fim de acampar em Piariot, cuja localização e sentido do nome

Ex, XIV: 1-2. (N.A.)

nos são desconhecidos. Alguns estudiosos dizem que este nome significa *boca dos pântanos*, ou seja, desembocadura dos canais. Também já foi proposto o sentido de *templo de Heret*, uma deusa de origem semítica. Quanto à localização, existem duas hipóteses: na primeira, este lugar ficaria entre o lago Menzaleh e o Mar Mediterrâneo. Essa hipótese não se sustenta facilmente, porque Menzaleh fica no Mediterrâneo, junto à Via Maris, que, como já vimos, foi evitada pelos hebreus. A segunda coloca este lugar entre o lago Tinzah e os lagos amargos. Esta é a localização mais aceitável.

Continuando o relato, o escriba nos diz que os egípcios que haviam perseguido os hebreus conseguiram cercá-los. Moisés, percebendo a situação em que se encontrava, quis passar para o deserto, pelo Sinai, por um lugar dele conhecido; entretanto, esperou o momento ideal, quando a maré baixa permitia que se atravessasse a pé. Vamos lembrar que os hebreus saíram na Lua cheia, quando o refluxo das águas permitia uma travessia segura. Provavelmente Moisés soubesse que haveria uma conjunção astronômica excepcional, por isso fez com que os israelitas acampassem em um lugar aparentemente sem saída.

As forças do Egito, ao verem isso, imprensaram os hebreus entre o mar e o deserto, de modo que não pudessem escapar. Neste momento, sopra um vento oriental muito forte e se inicia a maré baixa. O vento duplica a força da maré. Segundo alguns autores, a força do vento fez com que as águas se afastassem de tal modo que os israelitas puderam atravessar para o outro lado, sem molhar os pés.

Na última vigília da noite, os egípcios percebem que os israelitas haviam atravessado o braço de mar e, em alvoroço, se lançam atrás dos perseguidos sem pensar nas consequências.

Os Israelitas, sob o comando de Moisés, haviam feito fogo para provocar grande quantidade de fumaça, que o vento se incumbia de levar na direção dos egípcios e os envolvia numa espécie de nuvem que lhes dificultava e confundia a visão. Estão dentro do braço navegável de mar. As rodas de seus carros prendem-se na lama e os cavalos não podem continuar. O mar começa a crescer com grande rapidez e os soldados percebem que não podem mais avançar ou recuar. As águas os arrastam com violência. O texto diz que formaram-se duas muralhas com água à direita e à esquerda dos egípcios, mas isso deve ser tomado como uma força de expressão, uma hipérbole, própria dos textos literários deste tipo.

Terminando os comentários sobre esta passagem, seria interessante lembrar aqui uma história egípcia muito antiga. A narrativa se passa na XVIII dinastia, mais ou menos 1550 anos antes de Jesus Cristo, embora os egiptólogos a considerem mais antiga ainda.

Esta história foi contada ao rei Khufu (Quéops) por Baiuf-Ra, tendo acontecido no tempo do pai do Faraó. É a prova dos poderes notáveis que possuía o sacerdote do Antigo Egito, chamado Tchatcha-em-ank. Vamos, então, conhecer esta narrativa.

Conta-se que, certo dia, o Faraó Senefru estava muito triste, desanimado, desinteressado de caçadas, danças, espetáculos de saltimbancos e outras atividades que serviam para quebrar o ócio dos poderosos. Ele, então, procurou os magos de sua corte, esperando que encontrassem um modo de lhe devolver a alegria ao seu coração; entretanto, eles nada puderam fazer neste sentido. O Faraó, então, deu ordens para que trouxessem à sua presença o sacerdote e escritor

chamado Tchatcha-em-ank, e a ordem do rei foi cumprida sem demora. Assim que o sacerdote chegou, o Faraó lhes disse:

— Meu irmão, recorri aos nobres de minha corte, procurando um meio pelo qual eu pudesse alegrar o meu coração, mas eles não puderam me ajudar em nada.

— Meu senhor, a alegria voltará ao seu coração quando Vossa Majestade velejar de um lado para outro e contemplar os belos bosques em torno do lago, suas belas margens e os lindos campos, e, então, seu coração sentir-se-á feliz.

Em seguida, o sacerdote pediu permissão a Senefru para organizar o passeio terapêutico e trazer vinte remos de ébano, incrustados de ouro; vinte virgens tendo belos penteados, lindas formas e pernas bem torneadas e vinte redes para que vestissem em lugar dos trajes comuns. As virgens deveriam remar e cantar para o Faraó.

O Soberano concordou com todas essas exigências e, quando tudo ficou pronto, tomou lugar no barco, enquanto as moças remavam de um lado para outro, cantando belas canções de amor. O rei as contemplava e, pouco a pouco, o coração dele se livrou das antigas mágoas. Aconteceu, porém, que uma das jovens que estavam remando, ficou presa pelos cabelos e um de seus ornamentos, feito de turquesa, caiu na água e afundou, por isso, ela parou de remar e, em solidariedade, todas as outras também pararam. O rei, então, perguntou a elas:

— Por que pararam de remar?

— Paramos porque a nossa líder parou.

— Por que você parou de remar? — perguntou o rei à jovem que perdera a joia.

— Perdi um adereço que caiu no fundo do rio.

— Não se preocupe. Volte a remar que eu trarei de volta a sua joia.

Naquele mesmo dia, o Faraó mandou que viesse à sua presença o sacerdote Tchatcha, e assim que o sábio chegou, ele lhe falou:

— Meu irmão, agi de acordo com as tuas palavras e meu coração encheu-se de alegria quando vi as jovens remando. Mas um ornamento, feito de turquesa, que pertencia à líder das donzelas, caiu no rio, por causa disto ela ficou silenciosa e parou de remar, e com ela, todas as outras.

— E o que desejas, senhor?

— Gostaria de ter o adereço da jovem de volta.

O sacerdote pediu para ser levado até o lugar onde caíra o precioso objeto. Ele disse algumas palavras mágicas {*hekau*) e as águas se afastaram tanto que se podia ver o fundo do rio. Então, o sacerdote passou a procurar o adereço e o encontrou dentro de um caco de louça. O objeto foi entregue à sua dona. O sacerdote voltou a dizer palavras mágicas e as águas voltaram a ser como eram. O Faraó, muito satisfeito, deu um banquete para comemorar o acontecimento e cumulou de bens o sacerdote. Comentando este fato, escreveu Wallis Budge:

Tal é a história do poder possuído por um grande mago, do tempo do rei Khufu (Queóps), que reinou no começo da quarta dinastia, cerca de 3800 antes de Cristo. A cópia da história que possuímos é mais

antiga do que a época em que viveu Moisés e, assim sendo, não há possibilidade de ser uma versão deturpada do milagre das águas do Mar Vermelho, fazendo dois muros, um à direita e outro à esquerda; por outro lado, o milagre de Moisés pode, muito bem, ter alguma relação com o de Tatcha-em-ank.³⁰

O EPÍSÓDIO DO MANÁ E DAS CODORNIZES

E levantaram suas tendas de Elim e entraram no deserto de Sin, que se encontra entre Elim e o Sinai, os filhos de Israel, toda a comunidade, do dia quinze do segundo mês depois de haverem saído das terras do Egito. Toda a comunidade dos filhos de Israel murmurava contra Moisés e Arão no deserto. Diziam-lhes os filhos de Israel: Antes fôssemos mortos pela mão de Yahweh nas terras do Egito, quando estávamos sentados juntos à panela de carne e comíamos pão com fartura! Certamente nos trouxeste a este deserto para fazer toda esta multidão morrer de fome.³¹

Três coisas são importantes neste capítulo: as codornizes, o maná e a introdução do sábado como dia religioso, que deve ser guardado por todos os israelitas. Naturalmente, vamos nos ocupar, aqui, apenas dos dois primeiros.

E. A. Wallis Budge. *Egyptian Magic*, 1986. (N.A.)
Ex, XVI: 1-3. (N.A.)

Em primeiro lugar, vamos explicar o dado geográfico do Deserto de Sín: situado entre o Elim e o Sinai, no décimo quinto dia do segundo mês. Não se pode afirmar com total certeza algo de definitivo sobre esse deserto; entretanto, é bem provável que se trate de uma grande extensão arenosa chamada em nossos dias de Debbet-al-Ramlah. A referência aos quinze dias deve ser compreendida não como metade de um mês, mas um mês inteiro.

A expressão *morrer pelas mãos de Yahweh* tem o sentido de *morrer de morte natural*. Levanta-se então uma acusação contra Moisés e seu irmão: eles teriam tirado os hebreus das terras do Egito, onde havia fartura, para que morressem de fome no deserto. Essa frase nos indica o fato de que as provisões trazidas do Egito haviam acabado. A situação fica tensa e Yahweh decide interferir.

Yahweh disse a Moisés: Veja que eu vou fazer chover pão do céu para o povo; sairá o povo e colherá a porção de cada um, a fim de que eu ponha à prova, para ver se anda (o povo), ou não, segundo a minha lei. Mas, no sexto dia, prepararão o que colherem e serão dois tantos do que colherem a cada dia.

Então, Moisés e Arão disseram a toda comunidade dos filhos de Israel: à tarde, sabereis que foi Yahweh que vos fez sair da terra do Egito e, pela manhã, vereis a glória de Yahweh, porque Yahweh ouviu as vossas murmurações contra ele. Nós, porém, o que somos para que murmureis contra nós? E Moisés disse: Yahweh vos dará, nesta tarde, carne para comer e, pela

manhã, pão com fartura, pois ouviu as vossas murmurações contra ele. Porque nós, o que somos? Não são contra nós as vossas queixas, e sim contra Yahweh.³²

As coisas, de fato, aconteceram como Yahweh dissera. À tarde, na hora do crepúsculo, as codornizes cobriram o acampamento; pela manhã havia uma camada de orvalho ao redor do local. Quando evaporou a camada de orvalho, apareceu no solo uma coisa miúda e granulada, fina como geada sobre a terra. Vendo aquilo, o povo perguntou: *Man-hu?* (O que é isso?). Disse-lhe Moisés: Este é o pão que Yahweh vos manda para o vosso alimento. Cada um colhe dele o necessário apenas para comer, um gomo por pessoa. Cada um tomará segundo o número de pessoas que se encontrem em sua tenda.

Várias são as explicações dadas sobre as aves que serviram de alimento aos judeus. A grande maioria dos eruditos, porém, aceita que as aves eram codornizes, cujo nome científico é *Crex pratensis*. Essa codorniz é uma pequena galinácea voadora que no Outono viaja da Europa para a África e, no Inverno, regressa às suas origens. Esse tipo de ave não costuma voar muito rápido e nem muito alto. Quando estão muito cansadas por causa de um longo voo, pousam e, então, podem ser facilmente capturadas. As aves citadas pelo livro do *Êxodo* provavelmente atravessam o Mar Vermelho. Como se pode ver, embora Yahweh tenha dito que mandaria a carne para os filhos de Israel, isso, de fato, não aconteceu, uma vez que a migração de aves deve ser vista como um fenômeno natural.

Ex, XVI: 4-8. (N.A.)

Vejamos agora o maná. A palavra maná em hebraico se chama *daq*, um termo coletivo que significa pó, partícula de alguma coisa. Também costuma ser chamado de *mhsp*, que tem o sentido de *desincrustado*. Por fim, ainda é reconhecido pelo nome de *kfr*, que significa *pomada branca*. Nesse caso, é comparado com o fruto do cilantro (*Coriandrum sativum*), uma planta da família das umbelíferas, que cresce no Egito e na Palestina, cujas sementes possuem a fórmula de glóbulos elipsoidais, do tamanho de um grão de pimenta e de cor branco-acinzentada. Tem um cheiro muito bom quando está seca e costuma ser usada como condimentos ou especiarias. Em outros textos, (**Números** II: 8) o maná é comparado com o bdélio, ou seja, uma goma resinosa, transparente, parecida com a cera e de cor amarela, odor suave e sabor amargo. Procede de um terebinto que existe na Arábia, muito apreciado por sua fragrância e qualidade. Os gregos o chamavam **bdella**.

O maná do **Êxodo** costuma cair até hoje na região do Sinai. É esse um produto resinoso que, durante os meses de junho e julho, é destilado pela *Tamarix mannifera*, uma tamareira que os árabes chamam de *taríã*. A palmeira exala esta substância através da ação de um inseto, cujo nome técnico é *Triburtina mannipara*. As cochonilhas fêmeas secretam uma espécie de xarope, que se transforma em bolas e caem no solo à noite, de tal modo que parecem ter caído da tamareira. Às nove da manhã, vêm as formigas e limpam o lugar. Os beduínos vão antes das formigas para recolhê-los. Trata-se, segundo Flavius Josefo, de uma substância muito doce que serve para se fazer tortas e pastéis. Os antigos escritores, como Ambrósio, já conheciam o maná.

FATOS MARAVILHOSOS EXECUTADOS PELO PROFETA ELIAS

Elias foi um dos maiores profetas bíblicos. Nascido, provavelmente, em Tisbete da Galileia, por isso, era chamado de o *Tesbita*. Viveu e atuou no tempo do rei Acabe e da Rainha Jezebel. Travou grandes e constantes lutas contra os dois soberanos, quando Acabe induzido por Jezebel, tentou introduzir divindades estranhas em Israel.

O livro de Reis conta sobre ele o seguinte:

Elias, o Tesbita, de Tebi em Galaad, disse a Acab:
Pela vida de Yahweh, o deus de Israel, a quem sirvo:
não haverá, nestes anos, nem orvalho, nem chuva, a
não ser quando eu ordenar.³³

Nessa primeira fala, Elias diz com clareza que possui poder sobre os elementos da natureza e que estes vão obedecê-lo; entretanto, quem pode estar falando é o próprio Yahweh, que, como vimos quando tratamos de Moisés, pode ter ingerência na atividade dos espíritos que atuam no clima.

Em seguida, o profeta, seguindo as ordens de Yahweh, vai viver junto à torrente do rio Carit. Comia o pão e a carne que lhe traziam os corvos, enviados por Yahweh. Como devemos entender isso? Que corvos eram esses? Onde conseguiam pão e carne para alimentar o profeta? Pode-se tratar de uma fábula ou de um mito, ou ainda, de uma alegoria. Não seria de todo descartável imaginar que esses corvos pudessem ser espíritos, na forma dessas aves, que Yahweh enviava a seu profeta.

1Rs, XVII: 1. (N.A.)

Em razão de não haver chuva, a torrente do rio secou. Então Yahweh voltou a falar com Elias e ordenou-lhe que fosse a Serapta, uma cidade que pertencia à Sidónia, e ali fixasse moradia. Yahweh diz a Elias que ele ordenara a uma viúva para alimentar o seu enviado. Ao chegar ao portão da cidade de Serapta, viu a viúva apanhando lenha. Aproxima-se dela e lhe pede um vaso de água para beber.

Quando a mulher já ia buscar a água, Elias gritou para ela:

— Traze-me um pedaço de pão.

— Não tenho pão cozido. Tenho apenas um punhado de farinha numa vasilha e um pouco de azeite em uma jarra. Estou juntando uns gravetos. Vou preparar esses restos para mim e meu filho; nós comeremos e depois esperaremos pela morte. - disse a mulher chorosa.

— Não temas — disse Elias —, vá fazer como disseste. Mas, primeiro, prepara o que tens, um pãozinho, e traze-mo. Depois o prepararás para ti e teu filho. Pois assim fala Yahweh, o deus de Israel:

A vasilha de farinha não se esvaziará
E a jarra de azeite não acabará.
Até o dia em que Yahweh enviar
A chuva sobre a face da terra.

A mulher partiu e fez como o profeta lhe dissera e fizeram uma refeição: ele, ela e seu filho. A vasilha de farinha não se esvaziou, nem o jarro de azeite se acabou, conforme a profecia de Yahweh através de Elias. Como se explicaria esse fenômeno? Elias era médium de efeitos físicos, e o que é mais sério: era médium de Yahweh, como Moisés havia sido muitos anos antes.

Logo depois deste acontecimento, o filho da viúva adoeceu e seu mal foi tão grave que ele faleceu. Então ela disse a Elias:

— Que há entre mim e ti, homem de Deus? Vieste à minha casa para reavivar as lembranças de minhas faltas e causar a morte de meu filho?

— Dá-me teu filho — Elias falou.

— Aqui o tens, senhor.

Elias tomou o corpo da criança dos braços de sua mãe e o levou para o quarto, onde estava hospedado, colocando-o sobre o leito. Depois, chamou Yahweh, dizendo: "Yahweh, meu deus, até a viúva que me hospeda queres afligir, fazendo seu filho morrer." Estendeu-se por três vezes sobre o menino e tornou a invocar Yahweh: "Yahweh, meu deus, eu te peço, faze voltar a alma deste menino." Yahweh atendeu à súplica de Elias e a alma do menino voltou para ele e ele reviveu. Elias tomou a criança, desceu-o do quarto de cima para dentro da casa e o entregou a sua mãe, dizendo:

— Olha, teu filho está vivo.

— Agora sei que és um homem de deus, e que Yahweh fala verdadeiramente por sua boca. Falou a viúva.

Sabemos que as ressurreições são sempre consideradas como milagres. No caso de Elias teria sido um fato milagroso? O primeiro detalhe deste fenômeno é que não foi Elias, mas Yahweh quem produziu este resultado. Um segundo aspecto, digno de nota, é o fato de o profeta ter se deitado sobre a criança por três vezes. Estaria ele passando energias vivificantes para o menino? Não o sabemos. Elias pede a Yahweh que faça voltar a alma do menino, ou seja, a alma

dele não estava longe, isto é, a ruptura dos laços fluídicos que caracterizam a morte- não havia acontecido, e isso é o bastante para descaracterizar o milagre.

A morte de Elias é marcada por fatos maravilhosos que estão muito mais próximos do discurso mítico clássico do que da realidade objetiva. Essa passagem diz que Elias não morreu, mas foi arrebatado. Esse fato maravilhoso se deu do seguinte modo: Elias sabia que seria arrebatado para tanto, tomou seu companheiro Eliseu, e ambos foram para as margens do Jordão, onde já estavam 50 homens, chamados irmãos profetas. Esses ficaram à distância, enquanto Elias e Eliseu foram para a beira do rio.

Então, Elias tomou seu manto, enrolou-o e bateu com ele nas águas que se dividiram de um lado e de outro, de modo que ambos puderam atravessar o rio de pés enxutos. Facilmente, veem-se aqui ecos bastante nítidos da narrativa de Moisés, no Mar Vermelho. Elias, então, disse a seu amigo:

— Pede o que quiseres, que eu faço por ti antes de ser arrebatado de tua presença.

— Que me seja dada uma dupla porção de teu espírito.

— Pedes uma coisa difícil; todavia, se me vires, ao ser arrebatado da tua presença, isso te será concedido; caso contrário, isso não te será dado! Aconteceu que, enquanto andavam e conversavam, eis que um carro de fogo puxado por cavalos de fogo os separaram um do outro, e Elias subiu ao céu num turbilhão. Eliseu olhava e gritava: *Meu pai! Meu pai! Carro e cavalaria de Israel!* Depois, não mais o viu e, tomando as suas vestes, rasgou-as em duas. Apanhou o manto de Elias que havia caído e voltou para a beira do Jordão.

Essa passagem é muito estranha. Elias sabia onde seria arrebatado e o momento exato em que o fato se daria.

Estranho: por que Yahweh precisaria de um carro de fogo, puxado por fantásticos cavalos também de fogo? Isso nos lembra Medeia fugindo em um carro alado, puxado por quatro dragões que vomitavam fogo, depois de ter matado os dois filhos em Corinto, mas nos remete também às abduções, tão em moda na literatura ufológica de nossos dias. Só não nos lembra uma ação divina. Deus não realiza espetáculos maravilhosos desse tipo, porque não necessita disso.

Antes de Elias partir, prometera que se Eliseu o visse ser arrebatado (abduzido?), ele passaria parte de seu espírito (poderes mediúnicos) para seu amigo. O que de fato acontece, uma vez que Eliseu, se utilizando do manto de seu amigo, consegue afastar as águas do rio. Mais à frente, purifica uma fonte, cujas águas tornavam o país estéril. Em prosseguimento, faz outra coisa fantástica, mas desta vez ele pratica um crime. Um grupo de meninos, por brincadeira, chamou Eliseu de careca. Irritado, ele amaldiçoou os meninos. Neste momento, saíram da mata dois ursos, que estraçalharam as 42 crianças.

A MULA DE BALAÃO

A onda invasora dos judeus vindos do Egito, cerca de seiscentas mil pessoas, que iam na direção de Jericó, acampou nas estepes de Moab, além do Jordão. O rei de Balac, sabendo o que os filhos de Israel haviam feito aos amorreus, tomou-se de pânico. Ele reuniu, então, os anciãos da cidade e lhes disse: Eis esta multidão que devora tudo ao redor de nós, como o boi devora a erva do campo.

Balac decidiu, então, que o melhor a fazer era chamar, na região de Petor, Balaão, filho de Beor, que era tido como um adivinho de grande poder. Os anciões foram enviados até Balaão, com um pedido de que ele amaldiçoasse os hebreus, uma vez que aquele que ele bendissesse seria bendito e

aquele a quem ele maldissesse seria maldito. Assim, eles partiram com o preço do oráculo.

Quando a embaixada deu ciência ao profeta sobre o que desejavam, Balaão disse que os embaixadores passassem aquela noite com ele, pois iria consultar Yahweh sobre o que fazer. Os embaixadores de Moab aceitaram a proposta de Balaão e ficaram com ele aquela noite. Depois disto, manifestou-se o Espírito do Sinai dizendo a Balaão:

— Quem são estes homens que estão contigo?

— Balac, filho de Sefor, rei de Moab, mandou-me dizer isso: Eis que o povo que saiu do Egito cobriu toda a terra. Vem, pois, amaldiçoá-lo para mim; assim poderei combatê-los e expulsá-los.

— Não irás com ele. Não amaldiçoarás este povo, porque ele é bendito — falou Yahweh.

Na manhã seguinte, levantou-se Balaão e disse aos embaixadores de Moab: não amaldiçoarei os hebreus, porque Yahweh é contra. Voltai para vossa terra. Os homens regressaram e informaram a Balac, o resultado de sua embaixada. O rei de Moab não desistiu e mandou uma nova embaixada, mais poderosa que a primeira, por causa de seus embaixadores. O profeta, porém, manteve-se firme, dizendo que por nada deste mundo desobedeceria Yahweh.

Os embaixadores voltaram e contaram ao rei o que Yahweh havia falado. Balac, entretanto, não resistiu e mandou ao profeta uma nova embaixada, desta vez formada pelos homens mais ilustres do reino. Os novos embaixadores refizeram o pedido, entretanto Balaão continuou sem mudar a sua posição, ainda que Balac lhe desse uma casa cheia de prata e ouro. Mesmo assim, ele pediu aos enviados de Balac que

pernoitassem com ele, pois mais uma vez invocaria Yahweh. Desta vez a resposta do espírito do Sinai foi oposta à anterior, uma vez que ele disse: *Não vieram essas pessoas aqui para te chamar? Pois bem. Levanta e vai com eles. Vai, contudo só farás aquilo que eu te ordenar.* Levantou-se Balaão na manhã seguinte, selou a sua mula e seguiu com os moabitas.

Estranhamente, a partida de Balaão provocou a ira de Yahweh, que mandou um anjo ir à estrada barrar a passagem do profeta. Ele montava a sua jumenta e dois servos o acompanhavam. Então, a jumentinha viu, na estrada, o anjo de Yahweh de pé e com uma espada na mão e, por isso, desviou-se do caminho, indo em direção ao campo. O vidente, ou profeta, entretanto, espancou a jumenta para fazê-la voltar ao caminho. O anjo se colocou em uma posição bem mais estratégica, e a jumenta, vendo-o, temeu e não quis avançar. Balaão tornou a espancar o animal.

Nesse momento, o profeta ouviu o animal falar como se uma pessoa fosse:

— Balaão, o que te fiz para que me espanques assim?

— Espanco-te porque zombaste de mim e, se tivesse comigo uma espada, eu teria te matado.

— Espere, Balaão, não dou eu a montaria que te serviu até hoje? Tenho por costume agir assim contigo?

— Não. Não tens.

É, de fato, um acontecimento surpreendente que um animal seja capaz de falar como se fosse um ser humano. É bom, porém, que se explique que o animal não falou, e sim o anjo (espírito), que estava ali para impedir o caminho do profeta. Como poderia ele ter feito isso? Duas hipóteses são possíveis: a primeira é a da voz direta, como acontecera com Moisés no

Sinai, e a segunda seria o fato de o espírito ter aproveitado o tubo vocal do animal adaptando-o ao uso da palavra, como se fosse uma corneta do tipo que, antigamente, existia nas reuniões mediúnicas, para o espírito se comunicar oralmente.

A PITONISA DE ENDOR:

A PRIMEIRA SESSÃO MEDIÚNICA DOCUMENTADA

Esta passagem se encontra no primeiro livro de **Samuel**, capítulo XXVIII, versículos de três a vinte e cinco.

A história tem início com um ataque dos filisteus aos hebreus, na época em que Saul era rei de Israel. Samuel, o grande juiz e profeta, havia desencarnado e fora enterrado em Ramá, a sua terra natal. Algum tempo antes, Saul expulsara de Israel todos os adivinhos e necromantes.³⁴

Os filisteus reunidos vieram acampar em Sunam, enquanto Saul, com seus homens, tomaram posição em Gelboé, um monte que fica na planície de Jesrael, ao sul de Sunam. Saul, para chegar a Gelboé, deveria contornar o acampamento dos filisteus.

Saul, ao ver as forças inimigas, teve medo e seu coração perturbou-se. Consulta Yahweh sobre o que fazer naquela emergência, mas este não lhe dá respostas, nem por sonhos, nem pelos profetas e nem pela sorte que era tirada através de dois instrumentos chamados *Urim* e *Thumim*.

Sabendo que Yahweh não desejava entrar em contato com ele, Saul decide que o melhor a fazer seria consultar Samuel. Entretanto, Samuel, como já vimos, estava morto e enterrado. Foi então que lhe ocorreu procurar uma pitonisa

Necromantes: **aqueles que adivinham o futuro ou revelam o passado por meio dos espíritos desencarnados.** (N.A.)

(médium) para invocar o espírito de Samuel. Um de seus servos lhe diz que em Endor, uma aldeia pertencente à tribo de Manasses, havia uma pitonisa que ali se refugiara, depois do decreto de banimento feito por Saul.

Saul, agarrado a essa última esperança, disfarçou-se o melhor que pôde, tomou dois homens e partiu para a casa da médium. A mulher os recebeu muito bem e, ao saber o que desejavam, levou-os para a parte de sua casa onde costumava atender os clientes. A mulher, depois de acomodada, perguntou a Saul:

— O que deseja de mim, meu senhor?

— Quero que me prevejas o futuro, chamando para mim quem eu disser.

— Tu deves saber muito bem que Saul expulsou de Israel todos os necromantes e adivinhos. Por que me armas uma cilada para me matar?

— Tão certo como Yahweh vive, nenhum mal acontecer-te-á.

— Está bem. Aquém chamarei para ti?

— Faça-me subir Samuel.

Aqui há uma passagem obscura, uma vez que a mulher, ao ver o espírito Samuel, dá um grito desesperado por ter conhecido que o homem à sua frente era o rei Saul. Ela então diz a ele:

— Por que me enganaste? Tu és Saul.

— Não temas. Diga-me o que vêes,"

— Vejo um espectro que sobe da terra.

- Qual é a sua aparência?
- É um velho que está subindo, veste um manto.

Então, Saul, vendo que se tratava de Samuel e, inclinando-se, com o rosto no chão, prostrou-se.

Esta passagem merece alguns comentários. Como a médium soube que o seu consulente era Saul? O texto não nos informa sobre isso. Há, porém, duas possibilidades: a primeira hipótese, seria a de que o próprio espírito tenha dito a sua médium quem estava ali. A segunda, seria a de que ela própria, reconhecendo o espírito, associasse a presença dele ali ao rei de quem ele fora conselheiro íntimo, e mais do que isso: ele, Samuel, havia ungido Saul, rei de Israel.

Outra questão está nas palavras da médium. Vejo um espírito (*elohin*) subindo da terra. Entre nós, se diria que o espírito baixou e não subiu. Isto se dá por causa de nossa ideia de que o plano espiritual, assim com o céu, ficam no alto. Entre os judeus, porém, dava-se o inverso: o mundo dos espíritos, chamado *Sheol*, ficava sob a terra. Por isso, entre eles, o espírito sobe e não desce. Vamos, porém, continuar examinando a sessão mediúnica.

Ao completar a sua materialização, Samuel disse a Saul:

- Por que, Saul, perturbaste o meu descanso?
- Estou em grande angústia. Os filisteus guerreiam contra mim, Deus se afastou de mim, não me responde mais, nem pelos profetas nem por sonho. Então vim te chamar para que me digas o que devo fazer.
- Por que me consultas, se Yahweh afastou-se de ti e se tornou teu adversário? Yahweh fez contigo o que dissera

por meu intermédio: tirou de tua mão a realeza e a entregou a Davi, porque não obedeceste a Yahweh e não executaste o ardor da tua ira contra Amelc. Foi por isso que Yahweh, hoje, te tratou assim. Como consequência, Yahweh entregará, juntamente contigo, o teu povo, Israel, nas mãos dos filisteus. Amanhã, tu e os teus filhos estareis comigo e o acampamento de Israel também: Yahweh entregará nas mãos dos filisteus.

Na mesma hora, Saul caiu estendido no chão, terrificado pelas palavras duras de Samuel e também enfraquecido, por não ter se alimentado durante todo aquele dia. A mulher se aproximou de Saul e, vendo-o tão perturbado, disse-lhe:

— A tua serva te obedeceu, arriscando a minha vida, obedeci às ordens que me deste. Agora, eu te suplico, ouve também as palavras da tua serva: deixa-me servir-te um pedaço de pão, come e recupera as tuas forças antes de voltares.

— Nada comerei — falou Saul.

Mas seus servos e a mulher insistiram com ele e, por fim, ele concordou. Levantou-se do chão e sentou-se no leito. A mulher possuía uma novilha cevada. Rapidamente abateu-a, tomou farinha, amassou-a e cozinhou uns pães sem fermento. Depois serviu a Saul e aos que com ele estavam. Eles comeram e, em seguida, se levantaram e partiram.

Mais uma vez, não estamos frente a um fato sobrenatural, mas natural, bem natural: a comunicação de espíritos que qualquer pessoa pode ver nas sessões espíritas, em que acontecem manifestações. Passagens como essas comprovam que a Mediunidade não foi criação de Allan Kardec, mas algo que acontece no mundo, desde tempos imemoriais. O Espiritismo é, portanto, um fenômeno humano que está onde estiver o homem, em qualquer época ou em qualquer lugar.



OS MILAGRES DE JESUS

DA TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE OBJETIVA

— AS BODAS DE CANÁ —

Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galileia, achando-se ali a mãe de Jesus. Jesus também foi convidado, com os seus discípulos, para o casamento. Tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho. Mas Jesus lhe disse: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora. Então, ela falou aos serventes: Fazei tudo o que ele vos disser. Estavam ali seis talhas de pedra, que os judeus usavam para as purificações, e cada uma levava duas ou três metretas. Jesus lhes disse: Enchei de água as talhas. E eles as encheram totalmente. Então, lhes determinou: Tirai

agora e levai ao mestre-sala. Eles o fizeram. Tendo o mestre-sala provado a água transformada em vinho (não sabendo donde viera, se bem que o sabiam os serventes que haviam tirado a água), chamou o noivo e lhe disse: Todos costumam pôr primeiro o bom vinho e, quando já beberam fartamente, servem o inferior; tu, porém, guardaste o bom vinho até agora. Com este, deu Jesus princípio a seus sinais em Caná da Galileia; manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele. Depois disto, desceu ele para Cafarnaum, com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos; e ficaram ali não muitos dias.³⁵

Esse é o primeiro milagre de Jesus, e só é citado no quarto Evangelho, ou Evangelho de *João*. Não se encontrando, portanto, nos evangelhos chamados *sinóticos*: **Marcos**, **Mateus** e **Lucas**.

Vamos dar início ao nosso estudo localizando o milagre no espaço. Diz o evangelista que ele ocorreu em um casamento que foi realizado em Caná da Galileia. Esta aldeia, cujo nome significa *lugar das canas*, não é mencionada no Velho Testamento. Foi neste lugar que nasceu Natanael, um dos apóstolos de Jesus. Também nesta aldeia se deu a cura, através de Jesus, do filho de um régulo que morava em Cafarnaum. O determinativo da Galileia foi usado para fazer diferença entre essa aldeia e a Caná da tribo de Aser, que aparece no livro de **Josué**.³⁶

Jo, II: 1-12. (N.A.)

Js, XIX: 28. (N.A.)

A narrativa começa dizendo que no terceiro dia houve uma festa de casamento, em Caná da Galileia, onde estava a mãe de Jesus. De que terceiro dia estava falando João Evangelista? A resposta mais simples seria a última referência cronológica que faz o evangelista (Jo, 1:43), refiro-me ao encontro de Jesus com Filipe. Não há inconveniência em se pensar que, de fato, o Evangelista esteja se referindo a esse encontro, uma vez que para se ir da parte baixa do Jordão até Caná da Galileia e Nazaré gastavam-se exatos três dias. Se Cristo partiu da Betânia, na Transjordânia, e, tendo seguido o caminho mais comum, teria percorrido cerca de 110 km em três dias, o que nos autoriza a pensar que ele tenha percorrido, mais ou menos, 37 km por dia.

Em segundo lugar, se diz que Maria, a mãe de Jesus, estava presente nas bodas. Maria teria vindo da aldeia de Nazaré, que ficava à distância de 7 km, a qual poderia percorrer com facilidade em apenas um dia.

O texto nos faz imaginar que Maria já estava na festa quando Jesus chegou. O fato de Maria estar apenas com os seus outros filhos parece indicar que José já havia partido para o plano espiritual. Quanto à presença de Jesus na festa, pode haver duas hipóteses: ou Jesus foi convidado pela família do noivo, ou da noiva, ou Maria, convidada, levou seu filho mais velho, que, foi com os amigos mais próximos.

O texto de João prossegue com a notícia de que o vinho da festa havia acabado e com o pedido de ajuda de Maria para Jesus. Era comum que nas festas das pessoas mais pobres, que não podiam pagar profissionais, as mulheres convidadas fossem auxiliar na cozinha e na copa. Assim, se Maria estivesse nesta tarefa, explicar-se-ia o fato de ela saber, antes de todos, que estava faltando vinho.

As bodas no Oriente antigo começavam ao pôr do sol, quando a noiva era acompanhada por um alegre cortejo formado pelos amigos do noivo e outros convidados. Depois, chegavam os amigos, vizinhos, parentes, e, assim, a casa ficava muito cheia. Nessas festas, a presença do vinho era essencial; pois, de certo modo, o vinho está para Israel como a cerveja, para o Egito. Entre os judeus, havia uma expressão popular que dizia: "Onde não há vinho, não existe alegria". Por este motivo que, em Aramaico, chamam as bodas de *mishtitha*, que significa bebedeira. Assim, faltar vinho em uma festa seria uma falta gravíssima.

Conforme o Mishna³⁷, a duração das bodas era de cerca de sete dias, no caso de a noiva ser virgem; e de três dias, se fosse viúva. Naturalmente, em uma festa tão extensa, era normal que os convidados fossem renovados. Os escritos supõem, porém, a possibilidade da chegada de convidados inesperados. A festa foi se desenvolvendo até que faltou vinho. É, neste momento, que Maria interfere junto a Jesus.

Que motivo levou Maria a pedir a ajuda de Jesus em um caso como aquele? Talvez ela houvesse se lembrado de uma tarde em Nazaré, quando Gabriel veio lhe fazer o grande anúncio, dizendo que ela seria a mãe do Messias de Deus. E se Jesus fosse o Messias, era de se esperar que pudesse fazer coisas maravilhosas. Talvez, durante sua infância e adolescência, Jesus houvesse realizado alguma coisa que Maria considerou prodigiosa, que fizesse com que a mãe pudesse acreditar que ele poderia fazer algo naquele caso específico.

A resposta de Jesus à mãe oferece aos intérpretes do texto sagrado grandes dificuldades: *Mulher, que tenho eu*

Mishna: a mais antiga obra remanescente da Literatura Rabínica, editada por Judá Há-Nasssi e completada por seus discípulos após sua morte, no início do século II. (N.A.)

contigo? Ainda não está chegada a minha hora. Examinemos, em primeiro lugar, a frase: *Que tenho eu contigo?* Tanto no Antigo como no Novo Testamento, esta frase possui dupla interpretação:

1. Oposição, inimizade

Em **O livro dos Juízes** encontra-se a seguinte passagem: Mandou Jefté mensageiros ao rei dos filhos de Amon, que lhe disseram: *que há entre ti e mim para que hajas vindo contra mim para combater?*

2. Algo que existe entre dos sujeitos, mas que não os une nem separa.

No livro do profeta Oséias se encontra: *Que terá Efraim com os ídolos?* Ou seja, que relação pode existir entre Efraim e os ídolos?

Ainda em nossos dias, encontra-se, com alguma frequência, em árabe moderno, a expressão: *Mali ulak*, que se traduz por: *Que tenho eu contigo? Não te preocupes.* Ainda em árabe, se diz: *Mota bain antaun ana*, que, literalmente, significa: *Que diferença há entre ti e mim.* No idioma siro-caldeu, que provavelmente falou Jesus e seus apóstolos, se costuma dizer: *Ma bain enteé wa Ana*, que possui, exatamente, o mesmo significado. No maltês, idioma de origem semita, se usa ainda hoje: *X ' hemm beynitna mita*, com o sentido exato de: *que há entre ti e mim?* E se usa em sinal de surpresa, quando se nota mudança em alguém.

No grego não religioso costuma-se acrescentar à frase a palavra comum: *que há de comum entre ti e mim?* Trata-se de uma frase feita, que pode possuir outros matizes que nos são desconhecidos.



Outra interpretação possível é a seguinte: pode ser que Maria, enquanto mãe de Jesus, como toda mãe, possuísse ou desejasse possuir autoridade sobre seu filho, ou mesmo estivesse em seu íntimo certa ideia de posse em relação ao filho. Talvez, ao dizer *Que há entre ti e mim?*, Jesus quisesse ressaltar a distância espiritual entre ele e ela, e lembrar-lhe que, embora houvesse encarnado através dela, não lhe pertencia. Era necessário que a própria Maria não olvidasse isso para se desapegar dele e sofresse menos, no tempo de seu sacrifício. Essa hipótese encontra apoio no episódio de Jerusalém, quando Jesus se perde de sua família e Maria o adverte. Ele respondeu que estava cuidando das coisas de seu pai, ou seja, que a sua missão estava além dos laços familiares.

Há nesta passagem uma palavra que também tem incomodado bastante os exegetas. Refiro-me à palavra *mulher* (*fitta*) em lugar de *minha mãe* (*immá*), usada por Jesus. Muitos estudiosos acharam que esta palavra seria resultante de uma atitude de desrespeito ou mesmo de desprezo que Jesus teve para com Maria.

Em verdade, entretanto, a palavra *mulher*, nos lábios de Jesus, não significa desprezo; porém, solenidade. Em **Mateus** (XV: 28), ele diz à mulher cananeia: *Mulher, grande é a tua fé*. Ainda é preciso lembrar que, em muitos casos, a palavra *mulher* possui um certo matiz de ternura. Y William, um notável estudioso do Oriente bíblico, escreveu sobre esta passagem o seguinte texto:

A palavra mulher é sinal de um tratamento elevado e, por conseguinte, é também uma expressão que indica um certo distanciamento, como acontece,

muitas vezes, na vida familiar do oriente. O oriental pode falar, em certas circunstâncias, sobre si mesmo, na terceira pessoa e, do mesmo modo age com os outros, pois é uma forma de expressão empregada no trato elevado. O oriental costuma dizer: Não só a sua esposa, como também, em certos casos, a sua mãe: Já mara! Oh! Mulher.³⁸

Por este texto, podemos concluir que, ao usar a palavra mulher (*itta*), Jesus usou um sinônimo da palavra mãe (*imma*). Porém, com um sentido muito mais elevado.

Resta examinar a expressão *ainda não é chegada a minha hora*. De que hora Jesus está falando? De fato, Jesus ainda não havia iniciado sua vida pública como o Messias de Israel. Conforme a crença popular, o Messias deveria se manifestar por meio de sinais e prodígios. É por este motivo que, em outras passagens evangélicas, o povo pede a Jesus os sinais. Assim, o pedido de Maria não era adequado, porque o tempo do Messias ainda estava por vir. E aí viriam muitos sinais: os cegos veriam, os leprosos ficariam limpos, os paralíticos se moveriam, os mudos falariam e os mortos voltariam à vida. Por certo, Maria insistiu, e Jesus, penalizado com a angústia de sua mãe e dos donos da casa, resolve atender ao desejo dela.

Poder-se-ia argumentar dizendo que Maria não sabia o que Jesus faria. Isso é verdade. Entretanto, Jesus não tinha dinheiro para comprar vinho e nem os donos da casa possuíam condições para isso. Àquela hora também, muito provavelmente, não haveria vendedores de vinho prontos para atender aos fregueses. Em outras palavras, não havia um modo normal

de se resolver o problema. Daí, ela ter se valido do filho. Voltemos, porém, ao relato.

Maria, segura da intervenção de Jesus, chama os servos e pede a eles que façam o que seu filho lhes ordenasse. Esta ordem dada por Maria mostra a familiaridade que ela possuía com os parentes do noivo.

Os servos se afastaram e voltaram com seis grandes jarros, chamados pelos gregos de *hídrias*, usados para armazenar a água das abluções. Esses vasos, em geral, eram feitos de barro cozido. Os rabinos, entretanto, aconselhavam que deveriam ser usadas ânforas de pedra, porque estas eram melhores para a função purificatoria a que se destinavam.

Esses recipientes eram de tamanho considerável, pois cada um deles podia conter duas ou mais metretas. A metreta equivalia ao *bath* hebraico, que correspondia a algo mais do que 39 litros. Assim, cada uma dessas hídrias teria a capacidade de armazenar de 80 a 120 litros. Uma hídria de pedra, que se encontra na igreja de Santo Estevão, em Jerusalém, tinha capacidade para 180 litros.

Jesus mandou que as hídrias fossem enchidas com água até a boca, e assim foi feito. Jesus opera a transformação da água em vinho e pede que parte do líquido seja levado ao arquitecliclinos, ou mestre-sala. O homem prova o novo vinho e o considera excelente.

Como Jesus realizou esta transformação? Para que se entenda com clareza o que se quer dizer, vejamos a composição do vinho:

Composição do vinho	
Água	85 a 90%
Álcoois	7 a 24%
Ácidos	8%

Ácidos provenientes da uva	
Tartárico	Málico

Ácidos provenientes da fermentação

Sucino
Lático
Acético
Subtínico
Fórmico
Propriônico
Carbônico

Açúcares - 15 %	
Glicose	Frutose

Outras substâncias

Vitaminas e sais minerais

Todos os elementos componentes do vinho são naturais, originados do fluido cósmico universal. Já ficamos sabendo que os espíritos evoluídos podem manipular os fluidos e criar coisas

materiais. Ora, o que Jesus fez foi manipular fluidicamente os elementos constituintes do vinho, para conseguir o objetivo desejado. Assim, não houve milagre, uma vez que não houve derrogação das leis naturais.

— JESUS CAMINHA SOBRE AS ÁGUAS —

Logo a seguir, Jesus compeliu os discípulos a embarcar e passar adiante dele para o outro lado, enquanto ele despedia as multidões. Despedida a multidão, subiu ao monte, a fim de orar sozinho. Ao caindo a tarde, lá estava ele só. Entretanto, o barco já estava longe muitos estádios da terra, açoitado pelas ondas; porque o vento era contrário. Na quarta vigília da noite, Jesus foi ter com eles, andando sobre o mar. Os discípulos, ao verem-no andando sobre as águas, ficaram aterrados e exclamaram: "É um fantasma!" E, tomados de medo, gritaram. Mas Jesus, imediatamente, lhes disse: "Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!" Respondendo, Pedro disse: "Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo por sobre as águas." Ele disse: "Vem!" E Pedro, descendo do barco, andou por sobre as águas. Reparando, porém, na força do vento, teve medo e; começando a submergir, gritou: "Salva-me, Senhor." Prontamente, Jesus, estendendo-lhe a mão, amparou-o e lhe disse: "Homem de pequena fé, por que duvidaste?" Subindo ambos para o barco, cessou o vento.

Os que estavam no barco o adoraram, dizendo:
Verdadeiramente és filho de Deus!³⁹

*
* * *

Logo a seguir, Jesus compeliu seus discípulos a embarcar e a passar adiante para o outro lado, a Betsaida, enquanto ele despedia a multidão. E tendo-os despedido, subiu ao monte para orar. Ao cair da tarde, estava o barco no meio do mar e ele sozinho em terra. Vendo-os em dificuldade de remar, porque os ventos lhe eram contrários; por volta da quarta vigília da noite, veio ter com eles, nadando sobre o mar; e queria tomar-lhes a dianteira. Eles, porém, vendo-o andar sobre o mar, pensaram tratar-se de um fantasma e gritaram. Pois todos ficaram aterrados à vista dele. Mas logo lhes falou, dizendo: "Tende bom ânimo.! Sou eu. Não temais!" E subiu para o barco para estar com eles e o vento cessou. Ficaram entre si atônitos. Porque não haviam compreendido o milagre dos pães; antes os seus corações estavam endurecidos.⁴⁰

*
* * *

Ao descambar do dia, os discípulos desceram para o mar. E, tomando um barco, passaram para o outro

Mt, XIV: 22-33. (N.A.)
Mc, VI: 45- 52. (N.A.)

lado, rumo a Cafarnaum. Já se fazia escuro e Jesus não havia ainda tido com eles. O mar começava a encapelar-se, agitado pelo vento rígido que soprava. Tendo navegado uns vinte e cinco a trinta estádios, eis que viram Jesus andando sobre o mar, aproximando-se do barco; e ficaram possuídos de temor. Mas Jesus lhes disse; "Sou eu. Não temais!" Então eles, de bom grado, o receberam e logo o barco chegou a seu destino.⁴¹

Um exame inicial dos três evangelistas nos revela algumas diferenças. Nem Marcos nem João tratam do episódio de Pedro. O texto de Marcos é muito próximo do de Mateus, mas inclui um versículo, o 52, em que aparece uma explicação pouco clara do motivo do medo dos discípulos; e o de João parece uma síntese do acontecimento. João nos informa que eles iam para Cafarnaum.

Vamos, em seguida, ao comentário dessas passagens. A leitura de Mateus nos dá a impressão de que Jesus estava cansado da turba ansiosa por milagres e sedenta pelo Messias. Por isso, pede aos amigos que preparem o barco para ir ao outro lado, enquanto ele despede a multidão. Quanto ao lugar, segundo Marcos, teria sido Betsaida, e conforme João, Cafarnaum. Assim instruídos, os apóstolos entraram no barco, deixando Jesus com a multidão. Despedida a multidão, Jesus subiu a um monte para orar e lá ficou, até que a noite caiu.

O vento leva o barco com os apóstolos. João especifica que o barco teria ficado a cerca de 20 ou 30 estádios. O *estádio* era uma medida grega, que equivalia a 183 metros.

⁴¹ Jo, VI: 16-21. (N.A.)

De repente, os apóstolos olharam para o mar e viram Jesus, andando à flor da água. A hora indicada por Mateus era a da quarta vigília da noite.

Os judeus costumavam dividir a noite em períodos que se chamavam *vigílias*. A primeira começava com o pôr do sol, às seis da tarde; a segunda tinha início às 9 horas; a terceira à meia-noite e a quarta às 3 da manhã. Conforme o relato, Jesus caminhava sobre as águas, como se em terra firme estivesse, embora o mar se mostrasse revoltado. Os apóstolos temeram por acreditar que se tratava de um fantasma. O povo judeu acreditava na manifestação de espíritos e temia as almas do outro mundo, tidas como mensageiras de mau agouro.

Percebendo o temor que se apossara de seus amigos, Jesus tranquiliza-os e eles se acalmam. Neste momento, Pedro interfere. Cheio de fé, deseja ir até onde estava Jesus, e consegue, graças à sua crença com a ajuda do Cristo. Porém, de repente, Pedro duvida e, nesse instante corta o efeito que o fez caminhar sobre as águas por alguns segundos. Esse fenômeno possui duas explicações hipotéticas: a primeira seria a *levitação*. Jesus estaria levitando sobre as águas com seu corpo de carne; e a segunda presume que ele teria projetado o corpo astral e com este se apresentado aos apóstolos. Creio ser mais provável a primeira hipótese, uma vez que Jesus subiu no barco e continuou a viagem normalmente. Se tivesse sido uma projeção, o corpo de carne estaria em outro lugar e não ali. Justifica esse ponto de vista, o fato de o próprio Pedro ter levantado por alguns momentos. Por fim, ainda se pode argumentar que esta passagem, que não se encontra nem em Marcos nem em João, pode ser uma inclusão tardia para evidenciar a pessoa de Pedro.

— A PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES —

Jesus, ouvindo isto, retirou-se dali num barco para um lugar deserto, à parte. Sabendo-o, as multidões vieram das cidades, seguindo-o por terra. Desembarcando, viu Jesus uma grande multidão, compadeceu-se dela e curou seus enfermos. Ao cair da tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: O lugar é deserto e já vai adiantada a hora; despede, pois, a multidão para que, indo pelas aldeias, comprem para si o que comer. Jesus, porém, lhes disse: Não é preciso que se retirem; dai-lhes, vós mesmos, de comer. Mas eles responderam: não temos aqui senão cinco pães e dois peixes. Então, ele disse: Trazei-mos". E, tendo mandado que a multidão sentasse sobre a relva, tomou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos para o céu, abençoou-os. Depois, tendo partido os pães, deu-os aos discípulos, e eles, às multidões. Todos comeram a ponto de se fartarem e dos pedaços que sobraram recolheram ainda 12 cestos cheios. Os que comeram foram cerca de 5000 homens, além de mulheres e crianças.⁴²

*
* * *

Voltaram os apóstolos à presença de Jesus e lhe relataram tudo quanto haviam feito e ensinado. E ele

⁴² Mt, XIV: 13-21. (N.A.)

lhes disse: "Vinde repousar um pouco à parte, num lugar deserto"; porque eles não tinham tempo para comer, visto serem numerosos os que iam e vinham. Então foram sós no barco para um lugar solitário. Muitos, porém, os viram partir e, reconhecendo-os, correram para lá a pé, vindos de todas as cidades, e chegaram antes deles. Ao desembarcar, viu Jesus uma grande multidão e compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas sem pastor. E passou a ensinar-lhes muitas coisas. Em declinando a tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: "É deserto este lugar e já avançada a hora; despede-os para que, passando pelos campos ao redor e pelas aldeias, comprem para si o que comer". Porém, ele lhes respondeu: "Dai-lhes vós mesmos de comer". Disseram-lhe: "Como iremos comprar duzentos denários de pão para lhes dar de comer?" E ele disse: "Quantos pães tendes? Ide ver!" E, sabendo-o, eles responderam: "Cinco pães e dois peixes". Então, Jesus ordenou que todos se assentassem, em grupo, sobre a relva verde. E o fizeram, repartindo-se em grupos de 100, e de 50 e 50. Tomando ele os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu, os abençoou; e, partindo os pães, deu-os aos discípulos para que os distribuíssem; e por todos também distribuíram os dois peixes. Todos comeram até se fartarem; e ainda recolheram 12 cestos cheios de

pedaços de pão e de peixe. Os que comeram dos pães eram 5000 mil homens.⁴³

*
* *

Ao regressarem, os apóstolos relataram a Jesus tudo o que haviam feito, e ele, levando-os consigo, retirou-se, à parte, para outra cidade, chamada Betsaida. Mas as multidões, ao saberem, seguiram-no. Acolhendo-as, falava-lhes a respeito do Reino de Deus e socorria os que tinham necessidade de cura. Mas o dia começava a declinar. Então se aproximaram os 12 e lhe disseram: "Despede a multidão para que, indo às aldeias e campos circunvizinhos, hospedem-se e achem alimento, pois estamos aqui em lugar deserto". Ele, porém, lhes disse: "Daí-lhes vós mesmos de comer". Responderam eles: "Não temos mais do que cinco pães e dois peixes. Salvo se nós mesmos formos comprar comida para todo esse povo". Porque estavam ali cerca de cinco mil homens. Então, ele disse aos seus discípulos: "Fazei-os sentar em grupos de cinquenta". Eles atenderam, acomodando a todos. E tomando os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos para o céu, os abençoou, os partiu e deu aos discípulos para que os distribuísse entre o povo. Todos comeram até se

⁴³

Mc, VI: 30-44. (N.A.)

fartarem e, dos pedaços que sobraram, foram recolhidos doze cestos.⁴⁴

*
* * *

Depois dessas coisas, atravessou Jesus o Mar da Galileia, que é o de Tiberíade. Seguia-o numerosa multidão, porque tinham visto os sinais que ele fazia na cura dos enfermos. Então, subiu Jesus ao monte e ali assentou-se com seus discípulos. Ora, a Páscoa, festa dos judeus, estava próxima. Então, Jesus, erguendo os olhos e vendo que a grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: "Onde compramos pão para lhes dar de comer?" Mas dizia isto para experimentar; porque ele bem sabia o que estava para fazer. Respondeu-lhe Filipe: "Não lhes bastariam duzentos denários de pão, para receber cada um o seu pedaço". Um de seus discípulos, chamado André, irmão de Simão-Pedro, informou a Jesus. Está aí um rapaz que tem cinco pães e dois peixinhos, mas que é isso para tanta gente? Disse Jesus: "Fazei o povo assentar-se", pois havia naquele lugar muita relva. Assentaram-se, pois os homens eram em número de quase cinco mil. Então, Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os entre eles; e também igualmente os peixes o quanto queriam. E, quando já estavam fartos, disse Jesus aos seus discípulos:

Lc, IX: 10-17. (N.A.)

"Recolhei os pedaços que sobraram para que nada se perca". Assim, pois, o fizeram e encheram 12 cestos de pedaços do pão de cevada que havia sobrado. Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: "Este é realmente o profeta que deveria vir ao mundo". Sabendo, pois, Jesus que estavam para vir, a fim de arrebatá-lo com o intuito de proclamá-lo rei, retirou-se, novamente, sozinho para o monte.⁴⁵

Mateus começa dizendo que Jesus tomou um barco e foi para um lugar deserto. Lucas diz que este lugar ficava perto de Betsaida, região sob o domínio do Tetrarca Filipe. O que motivou o afastamento de Jesus? Vejamos: o lugar onde vivia Jesus com seus discípulos estava sob a jurisdição de Herodes Antipas. Nesta região, eles gozavam de relativa segurança. Aconteceu, porém, que começaram a surgir boatos a respeito de Jesus e suas curas, o que inquietou bastante a Herodes, que chegou a imaginar que Jesus fosse o próprio Batista ressuscitado. Esse interesse de Herodes sobre a pessoa de Jesus poderia evoluir para uma hostilidade aberta, que o Mestre não desejava naquele momento.

Assim, Jesus se retira do território de Herodes por uma questão de cautela, para evitar que sua prisão fosse antecipada, porque ainda não havia chegado o momento do grande sacrifício. O Plano Divino possui etapas que devem ser seguidas e respeitadas, e Jesus, mais do que ninguém, sabia disso.

Consoante à narrativa de Marcos e Lucas, os apóstolos que haviam voltado de uma missão na Galileia encontraram

⁴⁵ Jo, I: 13. (N.A.)

Jesus em Cafarnaum e, felizes, contaram a ele o sucesso de sua tarefa evangelizadora. Marcos nos informa de que o trabalho foi tão árduo que nem tempo para comer eles tiveram. Provavelmente, teria sido por isso que Jesus pediu para descansarem um pouco em um lugar afastado. João e Mateus omitem essa informação.

Lucas, como já vimos, nos diz que eles foram para um lugar chamado Betsaida ou Betsaida Julias, que pertencia ao território da Gaulanítida. Possivelmente, Lucas tenha citado esta cidade para dar uma ideia do local aonde fora Jesus. Uma vez que havia lugares desertos nas proximidades de Betsaida.

Conta Mateus, entretanto, que, mesmo nesses lugares ermos, as multidões não deixavam Jesus em paz. Em Lucas, Jesus atende com generosa solicitude àquelas pessoas, sem o menor sinal de aborrecimento. De onde vinha essa quantidade enorme de pessoas? Marcos nos diz que eram provenientes de todas as cidades. Não é improvável que as pessoas houvessem se encontrado em Cafarnaum, como um lugar ideal para ir a Jerusalém, a fim de festejar a Páscoa, que, segundo João, estava próxima.

Cafarnaum era, então, um centro de caravaneiros por onde se poderia subir a Jerusalém, seguindo o Vale do Jordão; evitando-se, desse modo, passar pela terra dos odiados samaritanos. Aqueles judeus, por certo, ouviram falar em Jesus e nas curas que fazia, daí o interesse em estar com ele.

A distância entre Cafarnaum e os arredores de Betsaida não era muito grande. Cerca de dez quilômetros. Essa distância, por certo, foi facilmente vencida pelos peregrinos, que, inclusive, chegaram antes de Jesus e dos seus. Foi por esse motivo que Jesus encontrou aí uma grande multidão à sua espera. O que causou-lhe grande compaixão.

Não se sabe quanto tempo Jesus passou atendendo àquelas pessoas que o procuravam, mas deve ter sido um largo espaço de tempo, pois Lucas nos diz que o dia começava a declinar. Os judeus chamavam assim o espaço de tempo entre o meio-dia e o pôr do sol.

Naturalmente, àquelas horas do dia as pessoas estivessem com fome. Nos sinóticos, são os apóstolos que se preocupam com a necessidade do alimento, mas em João, é o próprio Jesus. Em Mateus, eles sugerem a Jesus que despeça a multidão, para que possam comprar alimentos nas povoações periféricas ou mesmo em Betsaida. Jesus responde que o povo não precisava sair, uma vez que eles mesmos poderiam alimentá-lo. Entretanto, eles argumentam que não poderiam alimentar tanta gente com cinco pães e dois peixes. João explica que os pães e os peixes pertenciam a um rapaz. Tratava-se de pão de cevada, que era o alimento próprio das classes menos favorecidas.

Jesus pede os pães e os peixes e, erguendo os olhos para o céu, murmura uma prece. Todos os membros da multidão estavam sentados na relva, divididos em grupos. De repente, as cestas rústicas, chamadas em grego *kóphines*, começaram a se encher de pão e peixe, e todos comeram até se fartar (*ejartástheson*), ainda sobrando uma grande quantidade de alimento, a ponto de encher com os restos 12 cestas. O número de pessoas, narram os evangelistas, foi de 5000 almas, o que nos parece uma hipérbole.

Carlos Torres Pastorino, em seu livro **Sabedoria do Evangelho**, volume terceiro, faz um excelente comentário sobre as hipóteses interpretativas deste milagre.

A primeira dessas possibilidades é a de hipnotismo, alucinação coletiva ou ilusionismo. Essa teoria teria alguma validade se fosse um fato testemunhado apenas através da visão. Entretanto, o texto se refere ao fato de que as pessoas foram alimentadas (aqui também cabe a ideia de alucinação). Mas, quando se diz que sobraram 12 cestas, que foram enchidas com os restos (sólidos e palpáveis), essa ideia perde a importância e o valor.

A segunda hipótese diz respeito ao transporte dos pães. Nesse caso a palavra transporte deve ter uma conotação espírita e, sendo assim, o transporte consiste na desmaterialização de um objeto no local em que ele se encontra e a transferência de suas moléculas astrais pelo espaço, até o local desejado, onde o objeto é rematerializado. Esse fato encontra diversos exemplos na literatura espírita, para explicar casos em que um objeto sólido é trazido pelos espíritos para dentro de um lugar fechado.

Não se teletransportam apenas objetos, pois há casos de seres vivos que sofreram esse processo. Há um exemplo citado por Pedro de Campos, em seu livro **UFOS, fenômenos de contato**, que tomamos a liberdade de relatar aqui. A história se passou em uma fazenda localizada no nordeste dos Estados Unidos, no Estado de Utah. Em Abril de 1966, o fazendeiro, com sua esposa, se dirigiam para a cidade, e, ao passarem pelo curral, onde estavam quatro magníficos touros reprodutores, o fazendeiro falou: Seria um grave prejuízo se perdêssemos esses animais. Tão grave que, talvez, nem vendendo a nossa fazenda nos recuperaríamos desta perda. Os dois seguiram para a cidade. Na volta, o fazendeiro foi ver os animais e para seu espanto, os quatro touros haviam desaparecido.

Os empregados da fazenda e o patrão saíram pelo local à procura dos touros, sem lograr grande sucesso. Foi então,

que o fazendeiro teve a ideia de verificar um velho trailer estacionado em um canto do curral. A ideia, a priori, pareceu-lhe um absurdo, pois o veículo estava trancado. Nada poderia entrar ali. Entretanto, a intuição persistia. O fazendeiro abriu a porta e, não deu outra, lá estavam os touros, vivos e saudáveis. Examinando-se a porta, perceberam a presença de teias de aranha na parte de dentro, o que prova que ninguém havia aberto aquela porta. Ora, esses fenômenos podem ser realizados por espíritos não muito evoluídos e, sendo, assim, não haveria nenhuma razão para que Jesus não o fizesse.

Há, no entanto um problema nessa ideia: para haver o transporte, seria necessário que o objeto transportado já existisse, uma vez que ele é deslocado de um lugar para o outro, como no caso dos touros. Assim, a dificuldade está em saber onde haveria tamanha quantidade de pães e peixes para alimentar cerca de 5000 pessoas e ainda sobrar tanto. Mesmo assim, é uma hipótese a ser considerada.

A terceira hipótese é a que encontra sua base no fenômeno da *transmutação da matéria*. Esse fato é tão comum, que acontece em nosso organismo na assimilação dos alimentos pelo tecido orgânico. Contudo, muitos outros exemplos podem ser dados. Pastorino dá o exemplo da semente, que dentro da terra, transmuta matéria sugada do solo, dando origem a uma grande quantidade de seres da sua espécie. Talvez essa fosse uma boa hipótese para este caso. Conta-se que na Índia os faquires comuns são capazes fazer germinar uma semente com a força de suas mentes.

Por fim, temos a hipótese da pura criação mental, através do que se poderia chamar de coagulação dos fluidos astrais. Diz Pastorino que "havendo a substância no plano mental, fácil é

condensá-la no plano astral e coagulá-la no plano material". O processo, comprovado pela ciência moderna, já era conhecido pelo autor do livro "de Jó. Nesse livro, lemos: *Derramaste-me no jarro como leite e como queijo me coagulaste.*"⁴⁶ É interessante que "Derramaste-me" faz referência ao espírito; a palavra "jarro" ao útero materno e "me coagulaste", formação do corpo astral.

Desse modo, as moléculas existentes no ar e provenientes de Fluido Cósmico poderiam ser coaguladas na forma de pão e de peixe. Sabendo-se que a energia é uma só, sendo diferente da matéria densa, pela constituição atômica e pela estrutura molecular, é possível que um espírito como Jesus pudesse perfeitamente fazer o que fez.

— JESUS ACALMA UMA TEMPESTADE —

Então, entrando ele no barco, seus discípulos o seguiram. Eis que sobreveio uma grande tempestade, de sorte que o barco era varrido pelas ondas. Entretanto, Jesus dormia. E os apóstolos vieram acordá-lo, clamando: "Senhor, salva-nos! Perecemos!" Perguntou-lhes, então, Jesus: "Por que sois tímidos, homens de pequena fé?" Levantando-se, repreendeu os ventos e o mar; e fez-se grande bonança. Maravilharam-se os homens dizendo: "Quem é este que até os ventos e o mar o obedecem?"⁴⁷

Jo, X: 10. (N.A.)

Mt, VIII: 23-27. (N.A.)

Aquele dia, sendo já tarde, disse-lhe Jesus: "Passemos para a outra margem". E eles, despedindo a multidão, o levaram, assim como estava, no barco, e outros barcos o seguiam. Ora levantou-se grande temporal de vento e as ondas se arremessavam contra o barco, de modo que o mesmo já estava enchendo-se de água. Jesus estava na popa, dormindo sobre um travesseiro; eles o despertaram e lhe disseram: "Mestre, não te importa que pereçamos?" Ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: "Acalma-te, emudece!" O vento se aquietou e fez-se grande bonança. Então, lhes disse: "Por que sois assim tímidos? Como é que não tendes fé?" E eles, possuídos de um grande temor, diziam uns aos outros: "Quem é esse homem que até o vento e o mar lhe obedecem?"⁴⁸

*

* *

Aconteceu em um daqueles dias. Jesus entrou em um barco em companhia de seus apóstolos e lhes disse: "Passemos à outra margem do lago"; e partiram. Enquanto navegavam, ele adormeceu. E sobreveio uma tempestade de vento no lago,

⁴⁸

Mc: XXXV: 41. (N.A.)

correndo eles o perigo de soçobrar. Chegando-se a ele, despertaram-no, dizendo: "Mestre, Mestre, estamos perecendo!" Despertando, Jesus repreendeu o vento e a fúria da água. Tudo cessou e veio a bonança. Então lhes disse: "Onde está a vossa fé?" Eles, possuídos de temor e admiração, diziam, uns aos outros: "Quem é este que até os ventos e as ondas repreende, e lhe obedecem."⁴⁹

A cena se passa, segundo Marcos, numa tarde em que Jesus se encontrava cercado de grande multidão (em todos os sinóticos). Para livrar-se do acúmulo de pessoas, deu ordem a seus discípulos de partirem dali em direção à parte oriental do lago. Ele estava em um barco, de onde pregava por meio de parábolas, sem descer da embarcação. Terminada a sua prédica, Jesus e seus apóstolos fizeram a travessia. Na hora da partida, estava o lago muito calmo. O barco se afastava, as pessoas iam embora e, de vez em quando, lançavam um olhar melancólico ao Cristo, que se afastava.

As tarefas daquele dia, as curas, as pregações, as longas parábolas, provocaram um desgaste natural no corpo físico de Jesus. Ele sobe ao barco e se acomoda na popa, um lugar privilegiado, e ali deitou-se sobre uma esteira ou uma almofada grosseira, feita de cordas cobertas de pano. Assim, não demorou muito, adormeceu embalado pelas ondas mansas. Esta é a única passagem dos evangelhos em que se vê Jesus adormecido.

Aconteceu, porém, que, de uma hora para outra, caiu sobre o lago uma grande borrasca e o mar ficou encapelado,

Lc, VIII: 22-25. (N.A.)

enquanto soprava um vento terrível. O lago Genezaré fica 208 metros abaixo do nível do mar Mediterrâneo. Ali, as tempestades podem ser desencadeadas de uma hora para outra. O vento ameaçava derrubar o navio, e as ondas subiam a tal ponto que pareciam desejosas de engolir as embarcações. Em certo momento, os apóstolos, alguns deles pescadores experientes, percebem que a situação era bastante crítica. Veem então Jesus, que dormia calmamente na popa, e sem vacilar, pedem ajuda a ele antes de fazer qualquer coisa. Jesus repreende os apóstolos por sua pequena fé. O homem que possui a verdadeira fé nada teme. Depois, repreende as ondas e o vento, e a tempestade acaba. Vamos, em seguida, examinar a hipótese espírita para este fato.

Em **O livro dos espíritos**, parte II, capítulo IX, há um tópico muito pertinente para ser tratado aqui. Refiro-me à ação dos Espíritos nos Fenômenos da Natureza. Na pergunta 536, Allan Kardec questiona se os grandes fenômenos da natureza se dão em virtude de causas fortuitas ou possuem uma espécie de controle da Providência Divina sobre eles.

Os espíritos respondem que tudo tem uma razão de ser e que nada acontece sem a permissão divina. O Codificador fica satisfeito com a resposta; mas, como sempre acontece, ele deseja avançar um pouco mais no tema, e pergunta se os espíritos que agem sobre a matéria também poderiam agir sobre os fenômenos naturais. A resposta é sim, lembra o espírito que Deus não precisa agir sobre a matéria e, para isso, se vale de seus agentes, os espíritos.

Na pergunta 537, Allan Kardec lembra que na mitologia grega havia deuses que se ocupavam de determinados tipos de fenômenos. Assim, uns estavam ligados a raios, trovões,

tempestades, ciclones; outros fariam explodir os vulcões; outros ainda fariam a terra tremer, e assim por diante. Kardec quer saber se esta ideia antiga teria algum fundamento. A resposta do espírito é positiva. Acrescenta o espírito que os espíritos superiores mandam e os inferiores obedecem. Dessa maneira, grande número de espíritos pouco desenvolvidos se ocupa, sob a orientação dos espíritos superiores, de realizarem os fenômenos naturais. Desse modo, Jesus não repreendeu o vento ou o mar, o que não faria o menor sentido, mas os espíritos, que eram a verdadeira causa das tempestades. Novamente estamos muito longe da definição clássica de milagre: derrogação de uma lei da natureza.

— A TRANSFIGURAÇÃO

Seis dias depois, tomou Jesus consigo Pedro e os irmãos, Tiago e João, e os levou em particular a um alto monte. E foi transfigurado diante deles: o seu rosto resplandecia como o sol e suas vestes tornaram-se brancas como a luz. Eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. Então, disse Pedro a Jesus: "Senhor, bom é estarmos aqui. Se queres, farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés e a terceira para Elias". Falava ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu e eis que, vindo da nuvem, uma voz que dizia: "Este é o meu filho muito amado, em quem me comprazo; a ele ouvi". Ouvindo-a, os discípulos caíram de bruços,

tomados de grande medo. Jesus, aproximando-se deles, tocou-os, dizendo: "Não temais!" Então, eles, levantando os olhos, ninguém viram, exceto Jesus.⁵⁰

*
* * *

Seis dias depois, tomou Jesus consigo Pedro, Tiago e João, e os levou, à parte, a um alto monte. Foi transfigurado diante deles. As suas vestes tornaram-se resplandecentes e, sobremodo, brancas, como nenhuma lavadeira da Terra poderia alvejar. Apareceram Elias e Moisés, que falavam com Jesus. Então, Pedro, tomando a palavra, disse: "Mestre, bom é estarmos aqui, e que façamos três tendas: uma será tua, outra para Moisés e a terceira para Elias". Pois não sabia o que dizer, estando eles aterrados. A seguir veio uma nuvem e os envolveu, e dela saiu uma voz que dizia: "Este é o meu filho amado, a ele ouvi". E, de relance, olhando ao redor, a ninguém mais viram com eles, senão Jesus.⁵¹

*
* * *

Cerca de oito dias depois de proferidas essas palavras, tomando consigo Pedro, João e Tiago, subiu o monte com o propósito de orar. E aconteceu que, enquanto ele orava, a aparência de seu

⁵⁰ **Mt, XVII: 1-6.** (N.A.)

⁵¹ **Mc, IX: 2-8.** (N.A.)

rosto se transfigurou e suas vestes resplandeceram de brancura. Eis que dois varões falavam com ele: Moisés e Elias. Os quais apareçam em glória e falavam de sua partida, que ele estaria para cumprir em Jerusalém. Pedro e seus companheiros achavam-se premidos de sono; mas, conservando-se acordados, viram a sua glória e os dois varões que com ele estavam. Ao se retirarem esses de Jesus, disse-lhe Pedro: "Mestre, bom é estarmos aqui; então, façamos três tendas: uma será tua, outra, de Moisés e mais uma para Elias", não sabendo, porém, o que dizia. Enquanto assim falava, veio uma luz que os envolveu. Eles se encheram de medo, ao entrar na nuvem. Dela veio uma voz, que dizia: "Este é meu filho, o meu eleito, Ouvi-o". Depois daquela voz, achou-se Jesus sozinho. Eles calaram-se e, naqueles dias, a ninguém contaram coisa alguma do que haviam visto.⁵²

Os três evangelistas criam um vínculo estreito entre a continuação do ensino sobre a necessidade de negar-se a si mesmo e a passagem em que se relata a transfiguração, situando-a seis dias depois da Confissão de Pedro, que, segundo Mateus e Marcos, se deu em Cesárea. Lucas fala em oito dias.

Os sinóticos não nos dizem o lugar exato desta cena, apenas revelam que foi em um monte. Alguns autores, em razão do fato ter se dado em Cesareia de Filipe, localizam este

acontecimento no monte Hermon, que possui 2.793 metros. A tradição católica, porém, defende a tese de que o monte em questão é o Tabor, na Galileia, o atual Djebel et-Tor, que possui 562 metros acima do Mediterrâneo e 320 sobre a planície que se eleva. Os seis dias a que os evangelistas fazem referência, seriam suficientes para se ir de Cesareia ao Tabor, cuja distância é de 80 quilômetros. As três narrativas são bastante semelhantes, apenas Lucas cita três diferenças: a oração de Jesus, o sono dos discípulos e o assunto conversado com os espíritos desencarnados.

As três narrativas começam do mesmo modo, dizendo que Jesus tomou consigo (em grego) *paralambánai* três apóstolos: Pedro, Tiago e João, e os levou consigo para o monte. Não foi a primeira vez em que Jesus escolheu esses três apóstolos, como se pode constatar (**Mateus** XXVI: 37; **Marcos** V: 37, XIV: 33; **Lucas** VIII: 51). Na sua Carta aos Gálatas, eles foram citados pelo apóstolo Paulo de Tarso como Colunas da Igreja. Pedro, pouco antes, havia revelado quem Jesus era e, com João, fora um dos primeiros a deixar João Batista para seguir Jesus; João era chamado de o discípulo amado, como se pode ver em seu evangelho (XIII: 23; XIX: 26 e XXI: 20), e, além disso, é muito provável que fosse sobrinho carnal de Jesus; por fim, Tiago, irmão de João, foi o primeiro dos apóstolos a regar com sangue o solo onde o evangelho começou a nascer.

Os quatro sobem o monte chegando ao platô, Jesus começa a orar, e durante a prece se transfigura. O termo grego usado para transfiguração é *metamorphôthe*, que se pode traduzir por mudança de forma exterior. Lucas, entretanto, usa a palavra *metaschêmatízein*, cujo significado é revestir outra

forma. Lucas talvez utilizasse essa palavra para que os gregos que o lessem não confundissem a *metamorphose* de Jesus com as da mitologia pagã, como a de Zeus, que se transforma em Cisne para possuir Leda, ou de Atená, que na Odisseia toma a forma de andorinha.

Os apóstolos, então, notaram que Jesus estava entabulando uma conversa com dois espíritos: Moisés, o grande legislador de Israel, aquele que havia comandado o Êxodo, e o notável grande profeta Elias, que havia reencarnado como João Batista. A conversa versava sobre a possibilidade da saída de Jesus (gr. **Êxodo**), que aconteceria dali a algum tempo em Jerusalém.

É interessante lembrar que esta manifestação de Elias se deu depois de João Batista ter sido decapitado. A questão está em saber por que esse espírito não se manifestou como João, e sim como Elias. Em primeiro lugar, vamos lembrar que em outra parte deste livro já dissemos que o espírito pode assumir a forma que desejar e, talvez, a encarnação como Elias, para ele, houvesse sido mais marcante do que a de Batista.

Os hermeneutas levantam outra questão, não menos interessante: como os apóstolos haviam reconhecido Moisés, que vivera 1500 anos atrás, e Elias, que estivera na Terra cerca de 900 anos antes? Uma vez que não havia nenhuma representação deles, pois eram proibidas pela lei hebraica. A única resposta possível é a seguinte: teria sido Jesus, que os conhecia muito bem, que revelara aos seus amigos quem eram os dois espíritos com quem ele havia conversado.

Resta-nos explicar a nuvem e a voz misteriosa. Dizem os evangelistas que, em certo momento, uma nuvem cobriu a todos, e eles, aterrorizados, caíram com o rosto no chão.

Lembra Pastorino, que a nuvem poderia ser resultante do ectoplasma utilizado para a materialização de Moisés e Elias, que, após se desfazer, houvesse tomado a forma de uma nuvem difusa.

No livro dos Atos (At, 9) Lucas nos fala de um fenômeno muito semelhante. Diz ele que o ectoplasma utilizado para a materialização do corpo astral de Jesus, depois da ressurreição, tomou também a forma de uma nuvem. Esse ectoplasma teria sido utilizado para a materialização dos espíritos que, na forma de anjos, teriam sugerido aos apóstolos que voltassem a seus afazeres, e logo depois desapareceram.

Por fim, de dentro da nuvem surgiu uma voz, fenômeno que, no meio espírita, é conhecido como voz direta. Essa voz disse as mesmas palavras que foram ouvidas por ocasião do batismo de Jesus, como se pode ver nos sinóticos (Mateus XIII: 17; Marcos I: 11 e Lucas III: 22). Não fica claro quem seria o autor da voz. O próprio Deus? Não seria verossímil, uma vez que, enquanto inteligência universal e causa primeira de todas as coisas, não poderia se expressar como uma pessoa qualquer. Um espírito que se passou por Deus? Também não é uma boa hipótese. Um espírito maior que Jesus, que seria o Pai a quem ele se refere? Uma inserção tardia, repetição do que aconteceu no dia em que Jesus mergulhou, para afirmar o messianismo do Nazareno? Não o sabemos. O leitor deve escolher a melhor resposta, ou mesmo apresentar outras.

DAS CURAS

— CURA DE UM DOENTE DE HANSENÍASE —⁵³

Ora, descendo Jesus do monte, grandes multidões o seguiam. Eis que um hanseniano, tendo se aproximando, adorou-o, dizendo: "Senhor, se quiseses, podes me purificar". E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe falando: "Quero, fica limpo!" Imediatamente ele ficou livre de seu mal. Disse-lhe, então, Jesus: "Olha, não digas a ninguém, mas vai mostrar-te aos sacerdotes e fazer a oferta que Moisés ordenou, para servir-te de testemunho junto ao povo".⁵⁴

*

* *

Aproximou-se dele um hanseniano, rogando-lhe, de joelhos: "Se quiseses, podes me purificar". Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou-o e disse: "Quero. Fica limpo!" No mesmo tempo, os estigmas desapareceram e ele ficou limpo. Fazendo, então, veemente advertência, logo o despediu. E lhe disse: "Olha. Não digas nada a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e oferece por tua purificação o que Moisés determinou, para servir de testemunho ao povo". Mas, tendo ele saído, entrou a propalar muitas

⁵³ Hanseníase: **expressão que significa leproso, palavra estigmatizada que não se deve usar, havendo inclusive uma lei que a proíbe.** (N.A.)

⁵⁴ Mt, VIII: 14.. (N.A.)

coisas e a divulgar a notícia, a ponto de não mais poder Jesus entrar, publicamente, em qualquer cidade. Porém, permanecia fora, em lugares ermos; e de toda parte vinham ter com ele.⁵⁵

*
* * *

Isso aconteceu quando Jesus estava em uma cidade. Veio à sua presença um homem coberto de feridas, próprias da hanseníase; ao ver Jesus, prostrou-se com o rosto em terra e suplicou-lhe: "Senhor, se quiseres, podes me purificar". Jesus, estendendo a mão, tocou-o, dizendo: "Quero. Fica limpo!" No mesmo instante, os sinais da hanseníase desapareceram. Ordenou-lhe Jesus, que a ninguém falasse, mas que fosse ao sacerdote, se mostrasse e oferecesse pela purificação, o sacrifício que Moisés determinou, para servir de testemunho ao povo. Porém, o que se dizia a respeito de Jesus cada vez mais se divulgava, e multidões afluíam para ouvi-lo e serem curados de suas enfermidades. Ele, porém, se retirava para lugares solitários e orava.⁵⁶

Diz o texto de Mateus que, após Jesus ter terminado o Sermão do Monte, muitas pessoas seguiram com ele. A impressão que se tem é a de que o milagre aconteceu logo

⁵⁵ **Mc, I: 40-44.** (N.A.)

⁵⁶ **Le, V: 12-16.** (N.A.)

após a descida do monte. Isto, porém, se dá, em virtude do processo de justaposição, próprio deste tipo de narrativa. O mais provável é que tenha acontecido em uma cidade. Esta é, por exemplo, a opinião de Lucas.

No texto de Mateus, diz-se que um hanseniano aproximou-se de Jesus. Lucas, entretanto, fala que ele estava coberto de chagas. Era muito comum que os médicos usassem a expressão *cheio de* com respeito a diversas doenças. Contudo, essa expressão não é usada em se tratando de hanseníase. Talvez Lucas, por ser médico, usasse esta expressão para indicar a gravidade do mal, pois a doença, naquele homem, havia lhe tomado o rosto, os braços, as mãos e os pés.

Seria interessante lembrar que entre os judeus a hanseníase estigmatizava o doente sob três aspectos: o físico, o social e o religioso. Do ponto de vista do corpo, os sintomas são evidentes: as orelhas e o nariz incham e tomam uma cor arroxeada; os pelos do rosto tendem a cair; as mãos atrofiam, assemelhando-se à garras; acontece a perda da sensibilidade tátil; os rins ficam onerados. Essas deformações podem durar muito tempo, muitos anos. Era um mal incurável e, por esse motivo, os rabinos que prescreviam remédios para diversos males não o faziam quando se tratava desta doença.

Do ponto de vista social, o problema não era menor. Em razão de a doença ser tida como contagiosa, desde tempos muito remotos, Moisés havia criado muitas regras para isolar os hansenianos. Assim que uma pessoa tornava-se suspeita de ter contraído a doença, era realizado um rigoroso exame, e se ficasse confirmado, a pessoa era declarada oficialmente impura, sendo rapidamente afastada da comunidade.

A partir dessa confirmação, o doente deveria passar a usar roupas soltas; andar com a cabeça desnuda; ter o rosto

coberto com um véu e advertir ao passante de sua condição gritando: *Tamé! Tamé!*, que significa: Impuro! Impuro!

Tais pessoas eram convertidas em párias e acabavam reduzidas à condição de mendigas. Isolados do convívio das pessoas ditas puras, os hansenianos reuniam-se em guetos, onde, com seus iguais, podiam repartir as agruras e os sofrimentos comuns.

Do ponto de vista religioso, acontecia que não sendo excomungados, os doentes de hanseníase podiam assistir aos ofícios religiosos, desde que obedecessem a certas regras: deviam entrar na sinagoga em primeiro lugar e sair por último. Ao entrar, deveriam se colocar em um lugar à parte, a eles reservado. Os judeus viam os leprosos como pessoas castigadas pela divindade por causa de seus muitos pecados, conforme se vê em diversas artes do Velho Testamento (**Números** XII: 9-15; **2 Reis**: XV: 5; **Crônicas** XXVI: 19-21.) Por esse motivo, os hebreus davam a essa doença o nome *tzara 'at*, que significa golpe, açoite divino com que Deus punia o pecador.

O homem com hanseníase se aproxima de Jesus, mas para à distância convencionada. Prostra-se de joelhos diante dele, pondo o rosto em terra, segundo exigia a Lei de Moisés. Era normal que em uma situação como esta as pessoas, mesmo os rabinos, escribas e doutores da lei, hostilizassem o doente, fugissem dele ou lhe atirassem pedras para que saíssem de sua frente. Jesus, porém, não agiu assim.

O homem ficou ali, parado, de joelhos, com o rosto em terra. Depois de um certo tempo, ergueu o rosto e os braços e falou. Sua voz era amargurada e triste: "Se queres, podes me limpar". Veja-se o emprego do verbo *limpar*, uma vez que estar

impuro teria o mesmo sentido de estar sujo. Quando o doente diz a Jesus "se queres", ele demonstra a condição básica para ser curado: a fé. Ele acredita que Jesus pode limpá-lo, desde que o queira fazer. Jesus, compadecido daquele homem e vendo a sua fé, decide curá-lo; e o faz.

O homem está livre de sua doença. Por certo, seu coração estava cheio de felicidade e tinha vontade de gritar a todo mundo que Jesus o havia curado. Jesus, porém, o impede de gritar sua alegria e pede que não contasse a ninguém sobre a cura, mas diz-lhe que vá ao Templo informar ao sumo sacerdote que estava limpo.

A primeira recomendação de Jesus diz respeito à necessidade de se manter o segredo messiânico: limpar os leprosos, recuperar a visão dos cegos eram sinas do Messias. Ora, se aquele homem saísse apregoando aos quatro ventos que havia sido curado por Jesus, poderia repercutir perigosamente em um ambiente tomado com profundo entusiasmo pela ideia do Messias.

Era necessário, entretanto, que o ex-hanseniano fosse ao Templo, uma vez que o sumo sacerdote seria a pessoa mais indicada para avaliar a cura. Era provável que o homem curado recebesse uma espécie de certificado, comprovando que ele não era mais impuro. Além disso, o homem tinha o dever de fazer o sacrifício exigido pela lei. Vamos conhecer este sacrifício, embora o texto que o contém seja muito longo:

lahweh falou a Moisés e disse: Esta é a lei a ser aplicada ao leproso, no dia da sua purificação. Será conduzido ao Sacerdote e este sairá do acampa-

mento. Se verificar, depois do exame, que o leproso está curado da sua lepra, determinará que se tome para o homem a ser purificado duas aves vivas e puras, madeira de cedro, lã escarlata, o hísopo, e mergulhará tudo (inclusive a ave virgem) no sangue da ave imolada sobre a água corrente. Fará então sete aspersões sobre o homem a ser purificado da lepra e, tendo-o declarado puro, deixará que a ave viva voe para o campo. Aquele que se purifica lavará suas vestes, raspará todos os seus pelos, lavar-se-á com água e ficará puro. Depois disto, voltará ao acampamento. Entretanto, permanecerá ainda sete dias fora da tenda.

No oitavo dia, tomará dois cordeiros sem defeito, uma cordeira sem defeito e três décimos de flor de farinha amassada com azeite, para a oblação e um quartilho de azeite. O sacerdote que realiza a purificação colocará o homem a ser purificado, juntamente com suas oferendas, à entrada da Tenda de Reunião, diante de lahweh. Em seguida, tomará um dos cordeiros e oferecerá, em sacrifício de reparação, junto com o quartilho de azeite. Fará com eles o gesto de apresentação diante de lahweh. Imolará o cordeiro no lugar santo, onde se imolam as vítimas do sacrifício pelo pecado, e do holocausto. Esta vítima de reparação pertencerá ao sacerdote como um sacrifício pelo pecado, pois é coisa santíssima.

Tomará o sacerdote do sangue do sacrifício e o colocará sobre o lóbulo da orelha direita, sobre o polegar da mão direita e sobre o polegar do pé direito daquele que se purifica. Tomará, em seguida, o quartilho de azeite e derramará um pouco sobre a palma da sua mão esquerda. Molhará o dedo da mão direita no azeite que está na palma da mão esquerda e, com esse azeite, fará sete aspersões diante de lahweh. Em seguida, colocará um pouco do azeite que lhe resta na palma da mão, sobre o lóbulo da orelha direita, sobre o polegar da mão direita e sobre o polegar do pé direito daquele que se purifica, sobre o sangue do sacrifício da reparação. A parte restante do azeite que tem na palma da mão, po-lo-á na cabeça daquele que se purifica. Assim, terá sido feito sobre ele o rito da expiação diante de lahweh.⁵⁷

Como se pode ver, o ritual é muito detalhista e seria bem provável que, no tempo de Jesus, não fosse seguido ao pé da letra, ou seja, conforme se encontra escrito no Levítico.

Estamos mais uma vez ante a pergunta: esta cura foi ou não milagrosa? Se entendermos como milagre a derrogação da uma lei natural, a resposta é *não houve milagre algum*. A hanseníase é causada por uma bactéria chamada *micum bacteriae leprae*, uma bactéria anaeróbia, ou seja, que não vive em contato com o ar. As bactérias são organismos vivos e, sendo assim, poderiam ser mortas pelo eletromagnetismo de Jesus, ou através de fluidos energéticos específicos. Quanto

⁵⁷ Lv, XIV: 1-18. (N.A.)

ao tecido necrosado, poderia ser recomposto pelo Cristo e tudo isso estaria dentro das leis naturais conhecidas e desconhecidas.

A cura de um leproso não foi realizada apenas por Jesus. No Segundo livro de Reis, conta-se a seguinte história: Naamã era o chefe do exército do rei de Haram e gozava de grande consideração e prestígio junto ao seu senhor, embora fosse leproso. Ora, os arameus, em uma incursão, tinham levado do território de Israel uma jovem, que ficou ao serviço da mulher de Naamã. Certo dia, disse ela à patroa:

— Se o senhor quisesse ficar livre de sua doença, bastaria se apresentar ao profeta da Samaria e ele o livraria da lepra.

Naamã foi falar a seu senhor sobre o que a moça dissera. O rei concordou que ele fosse ver o profeta e ainda lhe deu uma carta ao rei de Israel. Naamã partiu, levando a carta e dez talentos de prata, seis mil ciclos de ouro e dez vestes de gala. A epístola pedia ao rei de Israel que enviasse Naamã à presença do profeta, para que esse o curasse da lepra. O rei de Israel mandou Naamã até Eliseu, que ordenou a ele ir banhar-se por sete vezes nas águas do Jordão. Ele foi e ficou bom. O interessante deste relato é que Naamã insistiu muito para que Eliseu recebesse os presentes que ele oferecia, mas o profeta não aceitou o pagamento.

— A CURA DO SERVO DO CENTURIÃO —

Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, apresentou-se-lhe um centurião, que lhe implorou: "Senhor, meu criado jaz em minha casa, de cama, parálítico,

sofrendo horrivelmente". Jesus lhe disse: "Eu irei curá-lo". Mas o centurião respondeu: "Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; porém, basta que mandes com uma palavra e o meu rapaz será curado. Pois eu também sou homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens e digo a este: "Vai, e ele vai", e a outro: "Vem, e ele vem", e a meu servo: "Faze isto, e ele faz". Ouvindo isto, admirou-se Jesus e disse aos que o seguiam: "Em verdade vos digo que nem em Nazaré encontrei uma fé assim. Digo-vos que muitos virão do Ocidente e do Oriente e tomarão lugar à mesa com Abraão, Isaac e Jacó no Reino dos céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas, e ali haverá choro e ranger de dentes". Então, disse Jesus ao centurião: "Vai-te e seja feito conforme a tua fé". E naquela mesma hora o servo foi curado.⁵⁸

*

* *

Tendo Jesus concluído todas as suas palavras dirigidas ao povo, entrou em Cafarnaum. E o servo de um centurião, a quem esse muito estimava, estava doente, quase à morte. Tendo ouvido falar a respeito de Jesus, enviou-lhe alguns anciões dos judeus pedindo ajuda para a cura de seu servo. Esses, chegando a Jesus, com instância lhe suplicaram,

⁵⁸

Mt, VIII: 5-13. (N.A.)

dizendo: "Ele é digno de que lhe faça isso. Porque é amigo de nosso povo e ele mesmo nos edificou a sinagoga". Então, Jesus foi com eles. E já perto da casa, o centurião enviou-lhe o amigos para lhe dizer: "Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres em minha casa". Por isso, eu mesmo não me julguei digno de ir ter contigo; porém, manda com uma palavra e o meu rapaz será curado. Porque eu também sou homem sujeito à autoridade e tenho soldados às minhas ordens e digo a este: "Vai, e ele vai", e a outro: "Vem, e ele vem" e ao meu servo: "Faze isto, e ele o faz". Ouvindo essas palavras, admirou-se Jesus e, voltando-se para o povo que o acompanhava, disse: "Afirmo-vos que nem mesmo em Israel achei fé como esta".⁵⁹

Comparando, essas duas passagens são muito diversas. Em Lucas, não foram incluídos os versículos XI e XII, que se assemelham a uma interpolação, uma vez que estão descontextualizados, não parecendo uma sequência natural dos acontecimentos. No texto de Lucas não é o centurião que faz o pedido, mas uma comitiva de judeus, por ele enviada, que afirma ser o romano um amigo de Israel. Até mesmo a afirmação "não sou digno de tê-lo sob meu teto" também é digno, de modo indireto.

Conforme o texto de Mateus, estava em Cafarnaum, assim que Jesus lá chegou, um centurião romano, ou seja,

⁵⁹ Lc, VII: 1-10. (N.A.)

um oficial que comandava uma centúria, ou uma tropa de 100 soldados. A presença de um centurião em Cafarnaum pode parecer estranha, porque não havia guarnição romana naquela cidade. Uma hipótese provável para o caso é a possibilidade de o militar estar a serviço de Herodes, O Grande, que mantinha naquela cidade um pequeno exército, composto de mercenários e organizado segundo o modelo de Roma.

Ao que parece, este centurião via com simpatia a religião dos judeus, conforme nos diz Lucas, uma vez que era tido como um benfeitor da cidade. O centurião possuía um escravo a quem amava muito e, tomado de uma hemiplegia grave, e Lucas diz que ele estava quase à morte. Isso explicaria a ansiedade do centurião ao encontrar o Cristo, no texto de Mateus. Aqui têm início as divergências entre os dois textos a que nos referimos há pouco. Escrevendo sobre essas diferenças, Santo Agostinho nos diz que o texto de Lucas é mais detalhado, e o de Mateus, mais sintético. Em ambos os textos, Jesus se admira da fé que possuía o gentio e realiza a cura desejada.

Temos aqui outro fato que merece as nossas considerações. Ensinam os espíritos da Codificação que nós possuímos, além do corpo de carne, um outro corpo de natureza fluídica, a que Allan Kardec chamou ou de *Perispírito*. Em determinadas circunstâncias o espírito pode deixar o seu corpo físico em um local e deslocar-se para outro. Um caso famoso e exemplar é o de Santo Antônio de Pádua, já bastante citado e conhecido no meio espírita. Este fenômeno chama-se *desdobramento*, *bicorporeidade* ou *projeção do corpo astral*.

Jesus poderia, no texto de Mateus, ter se deslocado espiritualmente até onde se encontrava o doente e lá produzido a cura do servo. Voltando, disse ao centurião: o seu servo está curado. Poder-se-ia argumentar que a cura foi instantânea e assim não haveria tempo para Jesus realizá-la e voltar. Esta objeção é facilmente respondida, lembrando que o caráter de instantaneidade pode ser dado pelo texto, que, além de ser econômico, possui a finalidade de exaltar o poder do Cristo. Logo, não se pode garantir que entre o pedido e a ação do Cristo não houvesse um certo espaço de tempo. Outro fato que não se pode olvidar é o de que a velocidade dos espíritos é igual a do pensamento.

— CURA DA MULHER COM HEMORRAGIA

Ora, uma mulher que padecia há 12 anos de hemorragia veio por trás dele e tocou-lhe a borla do manto. Porque dizia consigo mesma: "Se eu tocar apenas em seu manto, serei curada. Voltando-se, Jesus disse: "Tem ânimo, minha filha, tua fé te curou". E desde aquela hora, a mulher ficou curada.⁶⁰

* *

Ora, havia uma mulher que padecia há doze anos de um fluxo de sangue, e que tinha sofrido bastante nas mãos de muitos médicos, gastando tudo o que possuía, sem em nada melhorar, ficando cada vez

⁶⁰ Mt, IX: 20-22. **(N.A.)**

pior. Tendo ouvido falar a respeito de Jesus, veio por detrás, entre a multidão, e tocou-lhe o manto. Porque dizia: "Se eu tocar somente a sua veste, ficarei curada"-. Logo se lhe estancou a hemorragia e sentiu no corpo estar curada de seu flagelo. Jesus, reconhecendo imediatamente que dele saíra poder, virando-se no meio da multidão, perguntou: "Quem me tocou as vestes?" Responderam-lhe seus discípulos: "Vês que a multidão te aperta e dizes: Quem me tocou?" Ele, porém, olhava em redor para ver quem fizera aquilo. Então, a mulher atemorizada e tremendo, sabedora do que nela se operara, veio, prostrou-se diante dele e declarou-lhe toda a verdade. E ele disse: "Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre de teu mal".⁶¹

*
* *

Havia certa mulher que há 12 anos vinha sofrendo de uma hemorragia e a quem ninguém havia podido curar e que gastara com os médicos todos os seus haveres. Ela veio por trás de Jesus e lhe tocou na orla da veste, e logo ficou curada. Mas Jesus disse: "Quem me tocou?" Já que todos negaram, Pedro, com seus companheiros, disse: "Senhor, grande é a multidão, como vamos saber quem te tocou?" Contudo, Jesus insistiu: "Alguém me tocou, porque senti sair de mim

⁶¹

Mc, V: 25-34. (N.A.)

uma virtude". Vendo a mulher que não poderia se ocultar, aproximou-se trêmula e, prostrando-se diante de Jesus, declarou à vista de todo o povo a causa por que lhe havia tocado e como, imediatamente, fora curada. Então, disse-lhe Jesus: "Filha, tua fé te salvou; vai-te em paz".⁶²

Os três evangelistas dos sinóticos relatam esta cura, intercalada entre o pedido de Jairo para que curasse sua filha, e a ida de Jesus para a casa desse. Jesus e os apóstolos caminhavam seguidos de grande multidão formada por curiosos e pessoas que buscavam lenitivo para as suas dores.

É apresentada uma mulher que possui um fluxo de sangue há cerca de 12 anos. Deveria ser alguém de boa condição social, pois se diz que ela gastara muito com os médicos, que não conseguiram curá-la. Apenas Marcos e Lucas fazem referência a este detalhe. O fato de os médicos não terem conseguido a cura se devia à precariedade dos tratamentos desse mal à época.

Os procedimentos médicos para os casos de hemorragias eram, no mínimo, estranhos, além de ineficientes. No Talmude, existem diversas prescrições para combater esse tipo de doença. Uma das receitas constantes deste antigo livro judaico aconselhava que se tomasse denário de goma de Alexandria e a mesma quantidade de açafraão de jardim, socasse esses dois ingredientes em uma vasilha e acrescentasse vinho, feito isso, deveria ser oferecido ao doente para beber.

Lc, VIII: 43- 48. (N.A.)

Se esse remédio não desse certo poder-se-ia fazer o seguinte: cavar sete buracos, nos quais se queimaram sarmentos de vinhas não podadas; em seguida fazia-se a mulher sentar-se em cada um desses buracos, tendo em sua mão um vaso de Vinho. Ao se levantar de cada um desses buracos, o terapeuta dizia: "Cura-te de teu fluxo". Há também receitas que envolvem cinzas de ovo de avestruz e excrementos de animais.

Cansada desses tratamentos tão fantásticos quanto inúteis, a mulher ouviu falar de Jesus e de seu poder de curar. Ela acreditou nas histórias que ouviu e saiu de sua casa em busca de Cristo, e o encontra quando ele seguia para atender a filha de Jairo. Como havia muita gente em torno de Jesus, o máximo que ela consegue é estender o braço e tocar nas borlas do manto do Nazareno e, ao tocá-lo, fica curada.

Milagre? Por certo que não. Jesus era um centro de energia positiva, como jamais se viu. Assim que a mulher toca-lhe a veste, essa energia passa para ela. Nota-se que a descarga é tão forte que Jesus a registra ao perguntar, quem o havia tocado e ao dizer que sentiu uma energia sair dele. A pergunta aqui é a seguinte: todos que encostassem em Jesus poderiam receber as mesmas cargas de energia? Por certo que não. A cura da mulher foi possível por causa de sua fé. Nas diversas curas feitas por Jesus, há sempre um binômio: a energia de Jesus mais a fé das pessoas a serem curadas. Sem a fé, é muito difícil que aconteça a cura. A falta de fé por parte dos nazarenos foi o motivo para que Jesus não produzisse grandes sinais em sua aldeia de origem. Foi por esse motivo que Jesus disse à mulher que sua fé havia sido essencial no processo de cura.

O que há de anormal nisto? Nada. Todos nós possuímos energias curativas que poderiam exercer funções terapêuticas em nosso meio, o que não acontece por causa de nossa pequena fé. Essas energias não são, portanto, algo sobrenatural, mas um componente de nossa realidade espiritual. E, sendo assim, o uso delas de maneira positiva não pode ser qualificado como milagre.

— CURA DO PARALÍTICO —⁶³

Jesus entrou em uma barca, atravessou para o outro lado e foi para sua cidade. E trouxeram-lhe um paralítico deitado em um catre. Vendo Jesus a confiança dele, disse ao paralítico: "Tem ânimo, meu filho, teus pecados foram resgatados". Ora, alguns escribas disseram consigo mesmos: "Esse homem blasfema". Mas Jesus, conhecendo-lhe os pensamentos, disse: "Por que pensais coisas más em vossos corações? Pois o que é mais fácil, dizer que os vossos erros foram resgatados ou dizer: "Levanta-te e caminha?", Ora, para que saibais que o filho do homem tem sobre a terra o poder de resgatar os erros, disse ao paralítico: "Levanta, toma a tua cama e vai para tua casa. Ele levantou-se e foi para casa". Vendo isso, as multidões temeram e glorificaram a Deus, que dera tal poder aos homens.⁶⁴

Esta tradução é de Carlos Torres Pastorino na obra que citamos anteriormente. (N.A.)

⁶⁴

Mt, IX: 1-18. (N.A.)

Alguns dias depois, foi Jesus de novo a Cafarnaum e souberam que o Nazareno estava em sua casa. Muitos correram para lá, a ponto de não haver mais lugar, nem mesmo junto à porta; e ele lhes falava a palavra. E trouxeram-lhe um paralisado, carregado por quatro homens. E, não podendo chegar a ele através da multidão, destelharam o teto no lugar onde ele estava e, feita uma abertura, arriaram o estrado em que o paralisado jazia. Vendo Jesus a confiança deles, disse ao paralisado: "Filho, teus erros foram resgatados". Estavam, porém, sentados ali alguns escribas que criticavam em seu íntimo: "Por que este homem profere blasfêmias? Quem pode resgatar erros, senão um, que é Deus?" Mas Jesus, percebendo logo em seu espírito que eles assim pensavam, perguntou-lhes: "Por que assim pensais sobre essas coisas em vossos corações? Que é mais fácil? Dizer ao paralisado: "Foram resgatados os teus erros" ou dizer: "Levanta-te, toma o teu leito e caminha?" Ora, para que saibais que o filho do homem tem sobre a terra o poder de resgatar erros, disse ao paralisado: "A ti, eu digo: levanta, toma teu leito e vai para a tua casa". Então, no mesmo instante, ele se levantou e, tomando o seu estrado, retirou-se à vista de todos; de modo que todos ficaram atônitos e glorificavam a Deus, dizendo: "Nunca vimos coisa semelhante".⁶⁵

Ocorreu num daqueles dias em que ele ensinava, e estavam sentados perto dele fariseus e doutores da lei, vindos de todas as cidades da Galileia, da Judeia e de Jerusalém, e a força do Senhor estava nele para curá-los. Vieram alguns homens, trazendo na maca um hemiplégico e procuravam introduzi-lo e pô-lo diante de Jesus. Não achando por onde introduzi-lo através da multidão, subiram ao terraço e, por entre os tijolos, o desceram na maca para o meio de todos, diante de Jesus. E vendo Jesus a confiança dele, disse: "Homem, teus erros foram resgatados". Começaram os fariseus a raciocinar, dizendo: "Quem é este que profere blasfêmias? Quem pode resgatar erros, senão apenas um, que é Deus?" Mas Jesus, percebendo-lhes os raciocínios, disse-lhes: "Que raciocinais em vossos corações? Que é mais fácil? Dizer: "Teus erros estão resgatados"; ou dizer: "Levanta-te e caminha?" Ora, para que saibais que o filho do homem tem sobre a terra poder para resgatar erros, disse ao hemiplégico: "A ti te digo: levanta-te, toma a tua maca e vai para a tua casa". Imediatamente, levantou-se diante deles, tomou a maca em que estava deitado e partiu para sua casa, glorificando a Deus. Todos ficaram atentos, glorificaram a Deus e encheram-se de temor, dizendo: "Hoje vimos coisas extraordinárias".⁶⁶

⁶⁶

Lc,V: 17-26. (N.A.)

Mateus coloca este acontecimento antes da viagem a Gadara e depois do sermão do monte. Quanto a isso, há divergências entre os sinóticos, pois Marcos situa essa cura antes da viagem a Gadara e Lucas diz que aconteceu antes do Sermão do Monte. Não devemos estranhar essas divergências, porque os evangelistas não fizeram uma obra rigorosamente histórica, o que lhes importava eram os ensinamentos de Jesus e não os detalhes temporais ou espaciais. Quanto à expressão "sua cidade", não se referia a Nazaré, mas a Cafarnaum, onde Jesus estava residindo há quase um ano.

Em seguida, os evangelistas falam da casa e de sua superlotação. Havia gente na sala, no quarto e até mesmo no alpendre, o que dificultava sobremaneira o contato com Jesus. O Mestre está sentado e ao seu lado estão os fariseus e doutores da lei. Lucas, então, faz uma declaração interessante: a força do Senhor estava nele para curá-los. Aqui cabe um questionamento: o que seria a força do Senhor? Muito possivelmente, essa expressão faça referência à grande quantidade de fluidos magnéticos que havia em Jesus, prontos a se exteriorizar, como se deu no caso da mulher com hemorragia.

Está Jesus pregando a palavra de Deus, quando chegam quatro homens, trazendo um parente ou amigo que se encontrava hemiplégico e, por isso, vinha em uma espécie de leito rústico. A multidão que ocupava a casa e a varanda impedia qualquer acesso a Jesus, muito menos, levando um doente. Então, eles têm a ideia de entrar pelo telhado, afastando-se algumas telhas. À época, as casas na Palestina possuíam um terraço plano, construído com traves de madeira, que suportavam pequenos quadrados de terra cozida, que tanto se poderia chamar de telha, como de tijolos. Foram essas

placas afastadas pelos homens que permitiram a descida do doente através de cordas.

Jesus, para animar o paralítico, usa a expressão de ternura que os pais usavam com os filhos: *Teknon*. Em seguida, faz uma afirmação capital para o caso: "Seus erros estão resgatados; em grego: *áphéontai soi aí hamartia* sou."⁶⁷ Com essa frase, Jesus quer dizer que a ação da lei de causa e efeito, naquele caso, estava terminada e, por isso, ele poderia ser liberado de seu sofrimento. Então, Jesus atua na parte afetada do corpo físico do homem e o libera de sua doença.

Os fariseus e doutores da lei, extremamente legalistas, acusam Jesus de blasfêmia, uma vez que apenas Deus poderia perdoar os erros de alguém. A rigor, Jesus não havia perdoado os erros do homem, mas tomado conhecimento de que a paralisia havia, pode-se dizer, limpado o homem das máculas conseguidas em outras vidas, causadoras daquela situação dolorosa; assim, não foi a cura um privilégio, mas o resultado natural daquele que suportou sua prova ou expiação com denodo e galhardia.

É interessante ressaltar que o homem não só se levanta, mas leva a cama em que outrora estivera deitado e imóvel. Este foi o motivo principal para que as pessoas presentes ficassem estupefatas com o que viram, pois ninguém, nem mesmo os profetas, havia feito algo semelhante.

Seria interessante lembrar que a palavra grega *hamartia*, traduzida normalmente como pecado, significa, de fato, erro, mas um erro involuntário, como acontece àquele que, visando um alvo com a flecha, não o consegue acertar. (N.A.)

Nessa passagem, Jesus, mais uma vez, aplica a si mesmo o aposto de *filho do homem*, que em hebraico se diz: *bar'enascha*; em aramaico, *bar nascha* e em grego, *niós ton anthrópon*.

— AS CURAS DE OBSEDIADOS OU POSSUÍDOS —

Gostaria de lembrar ao leitor que os casos que vamos estudar, posto que não sejam explicitamente milagrosos, são considerados pertencentes a essa categoria, pela ideia de que os espíritos expulsos eram demónios e, com isso, os exorcismos se tornam fatos sobrenaturais.

Tendo ele chegado à outra margem, à terra dos gadarenos, vieram-lhe ao encontro dois obsediados em extrema fúria, saindo dos túmulos, de modo que ninguém podia passar por aquele caminho. E gritaram: "Que importa a nós, a ti, filho de Deus? Vieste aqui nos atormentar antes do prazo?" Ora, a alguma distância deles, fossava uma vara de muitos porcos. E os espíritos rogaram-lhe, dizendo: "Se nos expele, envia-nos para a vara de porcos. Disse-lhe Jesus: "Ide". E tendo eles saído, passaram para os porcos e toda a vara precipitou-se pelo declive do mar e se afogou nas águas. Os guarda-porcos fugiram, foram à cidade e contaram tudo o que tinha acontecido aos obsediados. Então a cidade toda saiu ao encontro de Jesus, e, ao vê-lo, rogaram que se retirasse dali.⁶⁸

⁶⁸

Mt, VIII: 28-35. (N.A.)

*

Chegaram do outro lado do mar no território dos gadarenos. Quando Jesus desembarcou, veio logo a seu encontro, saído dos túmulos, um homem obsediado por um espírito não purificado. O homem morava em sepulturas e nem mesmo com cadeias era possível prendê-lo. Porque, tendo sido muitas vezes detido com grilhões e cadeias, tinha quebrado as amarras e despedaçado os grilhões, e ninguém tinha força para subjugá-lo. E sempre, dia e noite, gritava nos túmulos e nos montes, ferindo-se com pedras. Então, vendo Jesus de longe, correu para ele e prostrou-se diante dele, e gritaram em voz alta, dizendo: "Que importa a mim e a ti, Jesus, filho do Deus Altíssimo? Por Deus, te conjuro que não me atormentes!" Pois Jesus dissera: "Espírito inferior, sai desse homem", e perguntou-lhe: "Qual é o teu nome?" Ele respondeu: "Meu nome é legião, porque somos muitos". E rogava a Jesus, com insistência, que não os mandasse para fora do território. Ora, fossava por ali, pelo monte, uma grande vara de porcos. E os espíritos superiores suplicaram-lhe, dizendo: "Envia-nos para os porcos, a fim de entrarmos neles". Imediatamente, Jesus lhes permitiu. Saindo, então, os espíritos inferiores entraram nos porcos; e a vara, que tinha cerca de dois mil animais, precipitou-se pelo declive no mar e se afogou. Os guardas dos porcos fugiram e foram contar

na cidade e nos campos, muitos foram ver o que havia acontecido. E chegando a Jesus, viram o ex-obsediado, que havia sido objeto da terrível possessão, sentado, vestido e em seu perfeito juízo; e ficaram com medo. Os que presenciaram o fato, contaram-lhes o que havia acontecido ao obsediado e aos porcos. E começaram a lhe pedir que se retirasse daquele lugar. Ao entrar ele no barco, o ex-obsediado rogou-lhe que o deixasse ficar com ele. Jesus não o permitiu, mas disse-lhe: "Vai para a tua casa e para os teus, e lhes conta quanto te fez o Senhor e como teve compaixão de ti". Ele se foi a divulgar em Decapóle tudo o que lhe havia feito Jesus, e todos ficaram admirados.⁶⁹

*
* *

Aportaram no território dos gerasenos que faz fronteira com a Galileia. Depois de lá haver desembarcado, veio da cidade ao seu encontro um homem obsediado por espíritos desencarnados, e havia muito tempo que não vestia roupas, e não permanecia em casa alguma, mas nos túmulos. Vindo a Jesus gritando, caiu-lhe aos pés e lhe disse em voz alta: "Que há entre mim e ti, Jesus, filho do altíssimo? Rogo-te que não me atormentes". Porque Jesus ordenou ao espírito não purificado que saísse do homem. Pois muitas vezes havia sido posto sob grilhões, mas ele, partindo as cadeias, era

⁶⁹

Mc, V: 1-20. (N.A.)

impelido pelo espírito desencarnado para os desertos. Perguntou-lhe Jesus: "Qual é o seu nome?" Ele respondeu: "Meu nome é legião". Isso, porque muitos espíritos desencarnados haviam nele entrado. Esses o suplicaram que não os mandasse ir para o abismo. Ora, havia ali uma grande vara de porcos a fossar no monte, e pediram que lhes permitisse passar para eles (para os porcos). E Jesus lhes permitiu. Tendo saído do homem, os espíritos entraram nos porcos e a vara precipitou-se pelo declive no lago e afogou-se. Quando os guarda-porcos viram o que havia acontecido, fugiram e contaram na cidade e nos campos. Então veio o povo para ver o que havia acontecido e foram ter com Jesus, a cujos pés encontrava-se sentado, vestido e em perfeito juízo, o homem do qual tinham saído os espíritos; e ficaram com medo. Os que haviam visto contaram-lhes de que modo se libertara o obsediado. O povo da região circunstante dos gerasenos rogou que se retirasse deles, pois estavam assustados, com grande medo; e tendo Jesus entrado na barca, voltou. Mas o homem de quem tinham saído os espíritos suplicava-lhe que o deixasse acompanhá-lo. Jesus, entretanto, despediu-o, dizendo: "Volta para a tua casa e conta quão grandes coisas Deus te fez". E o homem partiu contando por toda a cidade tudo que lhe fizera Jesus.⁷⁰

⁷⁰

Le, VIII: 26-39. (N.A.)

O primeiro problema dessa passagem é definir a questão topográfica, isto é, qual o nome real do lugar onde se deu este relato. Conforme Mateus e Marcos, fica do outro lado do lago Tiberíades para Lucas, ficaria de frente para a Galileia. Quanto ao nome deste lugar, aparecem três variantes: *gerasenos*, *gadarenos* e *gergeseos*. Em Mateus, está estabelecido o nome *gadarenos*, em Marcos e Lucas, *gerasenos*, embora em todos os três abundem as outras variantes. Normalmente se exclui a terceira variante, ficando para os habitantes da cidade, o nome duplo *gadarenos-gerasenos*.

O nome *gadarenos* nos faz imaginar a existência de uma cidade chamada Gadara. Talvez se trate da Gadara de Decápolis, uma cidade helênica situada a sudeste do lago. Era chamada metrópole da Pereia. Seu território se estendia até o lago Tiberíades. Sua situação geográfica corresponde ao atual Umm Keis a 12 km ao sul do lago Tiberíades, e desse separado por um vale profundo, colinas e o rio Yarmuk.⁷¹

Vale a pena explicar o termo *Decápolis*, usado neste parágrafo. O nome se refere a um distrito que se iniciava na planície de Esdrelon, que se abria para o vale do Jordão, expandindo-se para os lados do Oriente. Continha dez cidades, povoadas por gregos, depois das conquistas de Alexandre Magno. Eram elas: Citópolis ou Betseã, Hipos, Damasco, Gadara, Refana, Canata, Pela, Dion, Gerasa e Filadelfia ou Rabá-Amon. A essas dez cidades, foram acrescentadas mais oito mencionadas por Ptolomeu.

Continuemos, porém, o nosso estudo. Marcos e Lucas escolhem a palavra *gerasenos*, que pressupõe uma cidade-capital chamada Gerasa, que também existia e fazia parte

⁷¹ F. M. Abel. *Geographie de la Palestine*. Oriental Societé, 1927. p.112.ss. (N.A.)

da Decapolis, como já vimos. Corresponde à atual Djérash, a 60km do lago.

Qual o motivo desta oscilação do gentílico? Sobre essa questão escreveu o notável erudito Manoel Tuya:

Ante esta divergência topográfica de Mt, Mc e Le, qual seria a possível solução? Pensam alguns, que a leitura dos gadarenos de Mt fosse uma interpolação do tradutor grego do evangelho aramaico de Mt. Entretanto, nos parece que a solução seja outra. Dada a preponderância das cidades mais importantes de Decapolis, os cidadãos da confederação poderiam denominar-se pelo nome da cidade que no momento histórico, tivesse a preponderância na confederação. Assim, esta mesma oscilação de preponderância histórica se prestava também a uma oscilação denominadora, que nem sempre correspondia ao preciso momento histórico da preponderância.⁷²

Os autores modernos costumam situar esta passagem, na região onde existe um vilarejo em ruínas, chamado Korsi. A alguns quilômetros ao sul deste vilarejo, está um lugar chamado el-Hammi moqa'edlo, onde existe uma espécie de promontório que avança até o mar e em cuja parte superior há grutas naturais que, no passado, poderiam ter sido utilizadas como túmulos.

Outra divergência, é quanto ao número de obsediados. Em Mateus são dois e em Marcos e Lucas, um apenas. A

crítica moderna prefere ficar com Mateus, por acreditar em fato de Marcos e Lucas afirmarem que era somente um não exclui necessariamente o outro.

Jesus, que se aproximava dele, ordena categoricamente que o obsessor abandone a sua vítima, e o chama de *pneuna akátharton*, que significa espírito impuro ou inferior. O espírito obsessor registra com medo, ou respeito, a intervenção de Jesus pois ele percebera que estava perto de uma entidade espiritual de altíssima classe.

Jesus pergunta-lhe o nome e ele diz se chamar Legião, por ser ele, provavelmente, o líder de uma falange de espíritos imperfeitos. O nome legião não possui, como alguns comentadores disseram, analogia com o significado de companhia do exército romano.

Em Marcos, o espírito impuro pede a Jesus que não o mande para fora de seu território e, segundo Lucas, que não o envie para o abismo. Solicita-lhe permissão para que eles entrem nos corpos dos porcos que por ali fossavam. Comentando essa passagem, escreve Carlos Torres Pastorino:

(...) parece-nos, todavia, para aqueles que lidam praticamente, com os fenômenos obsessivos e conhecem os trabalhos espíritas, a explicação não é difícil. Estas falanges de espíritos inferiores, involuídos, sobretudo os que habitam os cemitérios (como é expressamente o caso desse obsediado), dedicam-se ao vampirismo, sugando a vitalidade da vítima. Ora, sabiam eles que jamais lhes seria permitido por Jesus que passassem para outras criaturas humanas e procuram uma opor-

tunidade, na vara de porcos (que Marcos diz ser constituída de 2000 animais) e solicitam insistentemente que lhes permita continuar o vampirismo, pelo menos nos porcos. A expressão "entrar neles", de Marcos, pode ser efeito da ignorância desses fenômenos por parte do obsessor, coisa que, ainda hoje, persiste, inclusive nos meios espíritas, quando se fala em "incorporação", dando quase a ideia de que o espírito entra no corpo do médium. E muito médium julga que é isso o que se dá... Em Mateus e Lucas, aparece uma palavra melhor: "passar para", que exprime uma transferência da operação vampiresca.

A situação gravíssima do obsediado deveria ser conhecida de todos e isso fez com que os maradores da cidade, ao verem o homem agindo com normalidade, ficassem com medo daquele que possuía o poder de expulsar os maus espíritos e, por isso, pediam que ele deixasse aquela terra e não mais para ali retornasse.

— CURA DE UM JOVEM EPILÉTICO —

E quando chegaram para junto da multidão, aproximou-se dele um homem que se ajoelhou e disse: "Senhor, compadece-te de meu filho, porque é lunático e sofre muito, pois, muitas vezes., cai no fogo e outras muitas, na água. Apresentei-o aos teus discípulos, mas eles não puderam curá-lo". Jesus exclamou: "Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei

convosco? Trazei-me aqui o rapaz". Jesus repreendeu o espírito impuro e este saiu do menino e, desde aquele momento, o doente ficou curado.⁷³

*
* * *

Quando eles se aproximaram dos discípulos, viram numerosa multidão ao redor e que os escribas discutiam com eles. E logo toda a multidão, ao ver Jesus, tomada de surpresa, correu para ele e o saudou. Então ele interpelou os escribas: "Que discutis com eles?" Um homem dentro da multidão lhe disse: "Mestre, trouxe-te o meu filho possesso de um espírito mudo. e esse, onde quer que o apanhe, lança-o por terra, e ele espuma, rilha os dentes e vai definhando. Roguei a teus discípulos que expulsassem o espírito, mas ele não o conseguiram". Então, Jesus disse: "Ó geração incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me o menino". E trouxeram-lhe. Quando o espírito viu Jesus, imediatamente agitou sua vítima com violência e, caindo ele por terra, revolia-se e espumava. Perguntou Jesus ao pai do menino: "Há quanto tempo isto lhe sucede?" "Desde a infância", respondeu o homem. "Muitas vezes o tem lançado no fogo e outras na água, para matá-lo; entretanto, se tu podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós e ajudai-nos". Ao que lhe respondeu Jesus: "Se

⁷³

Mt, XVII: 14-22. (N.A.)

podes! Tudo é possível àquele que crê". E, imediatamente, o pai do menino exclamou (com lágrimas): "Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé". Vendo Jesus que a multidão concorria, repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: "Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: sai deste jovem e nunca mais tomes a ele". E ele, clamando e agitando-se muito, saiu, deixando-o como se estivesse morto; a ponto de muitos dizerem: "Ele morreu". Mas Jesus, tomando-o pela mão, o ergueu, e ele se levantou. Quando entraram em casa, os discípulos lhe perguntaram em particular: "Por que não pudemos expulsá-lo?" Respondeu: "Esta casta de espíritos não pode sair, senão por meio de oração e jejum".⁷⁴

*
* * *

No dia seguinte, quando eles desceram do monte, veio ao encontro de Jesus grande multidão, e eis que, dentre a multidão, surgiu um homem, dizendo em voz alta: "Mestre, que vejas meu filho, porque é o único. Um espírito se apodera dele e, de repente, o menino grita e o espírito o atira por terra. Convulsiona-o até espumar; e dificilmente o deixa, depois de tê-lo quebrantado. Roguei aos teus discípulos que o expelissem, mas eles não o puderam. Respondeu Jesus: "Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei

⁷⁴

Mc, IX: 14-27. (N.A.)

convosco e vós sofrereis? Traze o teu filho". Quando se iam aproximando, o espírito impuro atirou o rapaz ao chão e o convulsionou, mas Jesus repreendeu o espírito imundo, curou o menino e o entregou ao pai. E todos ficaram maravilhados ante a majestade de Deus.⁷⁵

Esta cura aconteceu quando Jesus desceu do monte da transfiguração, acompanhado de Simão-Pedro, Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, conhecido como o discípulo que Jesus amava. Como se pode constatar, Mateus e Lucas fazem narrativas rápidas, indo direto ao âmago do assunto. Marcos, entretanto, tece uma descrição viva e colorida do acontecimento.

Jesus desce do monte da transfiguração com seus três discípulos mais chegados e vai para onde estavam os outros nove. Como sempre acontecia, muita gente estava junto deles, à espera de um sinal ou de uma palavra do Mestre. Logo ao pé do monte havia uma aldeia, que se chamava Dabuariyeh, a qual o historiador judeu romanizado, Flavius Josepho, chamou de Dabarita. Foi nessa aldeia, ou bem perto dela, que se deu este fato. Quando Jesus chegou ao local, nove dos doze apóstolos estavam envolvidos em uma discussão com fariseus, doutores da lei e escribas. O motivo do debate, muito provavelmente, fora o fracasso dos amigos de Jesus na tentativa de expulsar um espírito obsessor que estava vitimando um rapaz.

Do meio da multidão, surge um homem que se ajoelha perante Jesus e lhe suplica que cure seu filho, ainda jovem (em grego *paido*), que sofria em virtude dos ataques de um mau espírito. Os sintomas da obsessão, neste caso, eram

⁷⁵

Lc, IX: 37-43. (N.A.)

muito semelhantes aos da epilepsia: espuma na boca, rilhar de dentes, quedas no chão. Conforme o modo de ver dos judeus do tempo de Jesus, a causa das doenças eram espíritos desencarnados, que em grego se diz *daimon-onos*, origem da palavra demônio. Saul, o primeiro rei de Israel, sofria ataques neuróticos, tidos como causados por um espírito. Essas crises só se abrandavam quando Davi tocava harpa, como uma espécie de musicoterapia (I.Sam. XVI:15 -23).

Essas pessoas que sofriam de epilepsia e de outros males mentais eram chamadas lunáticas, porque seus ataques e surtos costumavam se dar nas fases da lua conhecidas como lua cheia e lua nova. Assim, poder-se-ia perguntar: este caso deve ser considerado como possessão espiritual ou simples mal físico, denominado epilepsia, já que os sintomas são os dessas doenças somos levados a crer na primeira hipótese, porque o próprio Jesus reconhece ali a presença do espírito. Supondo-se que a doença física, se de fato existisse, não eliminaria o processo obsessivo, poderia até mesmo facilitá-lo. Note-se, que muitos médiuns foram classificados pela medicina psiquiátrica como epiléticos.

Jesus pede que o rapaz seja conduzido à sua presença. Pelo contexto, parecia não estar surtado; porém, assim que viu Jesus, sucedem o ataque e a reação, muito comuns a esses espíritos quando se viam frente ao Cristo e nele reconheciam um ser superior, contra o qual nada poderiam fazer. A violência dos ataques dá-nos a ideia de que o obsessor odiava o obsediado, a tal ponto que o atirava no fogo e na água com a intenção de matá-lo. Este ódio, no entanto, não poderia ser gratuito ou aleatório, certamente originava-se em vidas passadas, nas quais o obsediado fizera mal ao obsessor, que na vida seguinte acredita-se com o direito de perpetrar vinganças.

O pai do infeliz diz a Jesus que os seus apóstolos haviam tentado inutilmente afastar o espírito impuro. Em seguida, o homem faz o pedido: "Se tu podes fazer alguma coisa, compadece-te de nós". As palavras do homem são de alguém que perdeu a esperança. Note-se que ele começa a frase com a conjunção subordinativa condicional, *SE*, o que nos autoriza a pensar que ele havia perdido a fé. Talvez ele tivesse ido até os apóstolos com o coração cheio de esperança, mas o fracasso desses o frustrara; daí o modo como falou. Como estamos longe do exemplo de fé do centurião romano! Jesus comenta com tristeza aquela ausência de fé, inclusive no caso de seus apóstolos, mas cura o rapaz, não só afastando o espírito, como atuando em seu cérebro para eliminar a causa física de sua doença.

— UMA CURA NA SINAGOGA DE CAFARNAUM —

Depois de entrarem em Cafarnaum, e logo em um sábado, foi ele ensinar na Sinagoga. Maravilharam-se de sua doutrina, porque os ensinava como quem tinha autoridade, e não como os escribas. Não tardou que aparecesse na sinagoga um homem, possuído por um espírito imundo, que bradou: "Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para nos perder? Bem sei quem és: o Santo de Deus". Mas Jesus o repreendeu, dizendo: "Cala-te e sai deste homem". Então, o espírito imundo, agitando-o violentamente e bradando em voz alta. Saiu dele. Todos se admiraram, a ponto de perguntar entre si: "Que vem a ser isso? Uma nova doutrina! Com autoridade, ele ordena aos espíritos imundos e eles lhe obedecem!" Então, correu

célere a fama de Jesus em todas as direções, por toda a circunvizinhança da Galileia.⁷⁶

*
* * *

Ele desceu a Cafarnaum, cidade da Galileia e os ensinava no sábado. E muitos se maravilhavam de sua doutrina, porque a sua palavra era com autoridade. Achava-se na sinagoga um homem possuído por um espírito impuro. "Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para nos perder? Bem sei quem és: O Santo de Deus!" Mas Jesus o repreendeu, dizendo: "Cala-te e sai deste homem". O espírito, depois de o ter lançado por terra no meio de todos, saiu dele sem lhe ter feito qualquer mal. Todos ficaram grandemente admirados e comentavam entre si, dizendo: "Que palavra é esta; pois, com autoridade e poder, ordena aos espíritos imundos e eles saem?" E a sua fama corria por todos os lugares das circunvizinhanças.⁷⁷

Este fato é relatado por Marcos e Lucas, de um modo que se poderia dizer idêntico. Ambos situam este caso no começo da vida pública de Jesus.

Jesus, com seus primeiros discípulos, chega a Cafarnaum, onde fica hospedado na casa de Simão-Pedro. Alguns dias depois de estar naquela cidade, ele foi à sinagoga local, que ficava bem perto da casa de Pedro. Era um sábado e

⁷⁶ **Mc, 1:21-28.** (N.A.)

⁷⁷ **Lc, IV: 31-37.** (N.A.)

Jesus assistiu disciplinadamente como era de seu costume. As práticas próprias daquela instituição eram as seguintes: primeiramente fazia-se uma oração, depois a leitura e exposição das Escrituras, que se dividia em dois momentos: em primeiro lugar, a lei {*Thorá*}, e depois os profetas. Essa leitura era feita por um sacerdote-chefe ou por alguém a quem ele julgasse em condições para fazer isso.

Esse estudo não consistia em apenas parafrasear a lei. O leitor poderia, se o desejasse, fazer uma exposição literal ou alegórica, estabelecer normas de conduta, usar parábolas e apólogos, e assim por diante. O tema era livre e bastante amplo, porém, o mesmo não acontecia com o método que deveria ser relacionado com as Escrituras, tradição e sentenças dos rabinos, considerados como verdadeiros mestres, chamados de *rabbone*.

Na sinagoga havia uma plataforma, tribuna onde se assentavam o chefe da sinagoga e os membros mais respeitáveis da comunidade, chamados de *Príncipes da sinagoga*. Junto a esta tribuna também ficava o púlpito, onde ficava o leitor ou a pessoa que iria fazer a exposição oral do dia. Foi deste lugar, por certo, que Jesus falou.

Os dois textos nos dizem que os presentes ficaram admirados em virtude do modo como Jesus falava. O traço característico de seu discurso era a autoridade. Admiravam-se não só os métodos, mas também a doutrina, que lhes pareceu nova, uma vez que nenhum rabino ou profeta havia falado aquelas coisas.

A marca principal dos discursos rabínicos tradicionais era não dizer coisa alguma que fosse de si mesmo. Um dos elogios feitos ao rabino Zakkai era o fato de que jamais dizia coisa alguma que não tivesse ouvido de seu mestre. Jesus, ao

contrário, falava de si mesmo e, inclusive, às vezes, corrigia a própria lei de Moisés.

Aconteceu que, naquele sábado, estava na sinagoga um homem possuído por um espírito impuro. Este espírito, falando pela boca de seu médium, grita de um modo muito semelhante ao espírito de Gadara, cujo caso já estudamos aqui. Nesse grito, ele diz duas coisas importantes: primeiro deixa claro que não havia relação alguma entre ele e Jesus, e é claro que não havia. Que relação pode haver entre um espírito puro como Jesus e um espírito impuro como aquele? Em segundo lugar, reconhece que Jesus era o Messias, ou o Santo de Deus, o que mostra que não era qualquer espírito ignorante, reconhecendo perfeitamente o mal que estava fazendo ao homem.

Jesus, a quem não interessa uma revelação deste tipo, manda que ele se cale e deixe a vítima. A força magnética de Jesus é tão grande que o espírito não discute e é compelido a deixar a pessoa que subjugava. O ato do desligamento fluidico entre as duas auras provoca violenta agitação no ex- -obse-diado. Nada existe aqui de sobrenatural e muito menos de milagroso, pois trata-se de um fato corriqueiro que é recorrente entre nós, nos mais diversos centros espíritas que trabalham com a desobsessão e doutrinação de espíritos.

OS CASOS CONSIDERADOS COMO RESSURREIÇÃO

— AFILHA DE JAIR —

Enquanto ele lhes falava, chegou um chefe da sinagoga e, aproximando-se, se postou diante de Jesus, dizendo: "Minha filha acaba de morrer; porém, vem pôr a mão sobre ela e ela viverá". E levantando-se, Jesus o seguiu

com seus discípulos. Quando chegou Jesus à casa do chefe, vendo os flautistas e a multidão de carpideiras, disse: "Retirem-se, pois a menina não está morta, ela dorme". E todos se riram dele. Assim que a multidão saiu, Jesus entrou, tomou a mão da menina e ela se levantou. A novidade se espalhou por toda aquela terra.^{78 179}

*
* *

Havendo Jesus chegado em uma barca à outra margem, e reuniu-se ali grande multidão. Chegou-se a ele um dos chefes da sinagoga, chamado Jairo que, ao vê-lo, se lançou a seus pés. E instantaneamente rogava a ele, dizendo: "Minha filhinha está morrendo; vem e impõe a mão nela e ela sobreviverá". Jesus foi com o homem e a multidão o seguia, comprimindo-o. Ainda estava falando, quando chegaram, vindos da casa do Príncipe da Sinagoga, servos que disseram: "Tua filha está morta. Por que incomodar o mestre?" Então, ouvindo isso, Jesus disse ao pai da menina: "Não temas. Mantenha-te na fé". Jesus entrou na casa com Pedro, Tiago e João, irmão desse. No interior da casa vê-se um grande alvoroço feito pelas carpideiras. E lhes diz: "Para que todo esse pranto? A menina

⁷⁸

Mt, IX: 18-25. (N.A.)

⁷⁹

Pulamos do versículo 19 para o 23 porque esses versículos continham a referência à mulher com hemorragia; o que já foi visto em outra parte deste livro. O mesmo acontecerá com os textos de Marcos e Lucas. (N.A.)

não está morta. Ela dorme". Todos se riram dele. Ele, porém, tomando os pais da menina e os três apóstolos que estavam com ele, entra no lugar onde estava a menina. E tomando a mão da menina, disse a ela: "*Talitha qum [ij]*", que significa: Menina, levanta-te. No mesmo instante, a menina se levantou e começou a andar. Tinha doze anos. Todos se encheram de espanto. Jesus pediu que a ninguém falassem daquilo e mandou que dessem de comer à menina.⁸⁰

*

Quando Jesus voltou, foi recebido por uma grande multidão, pois todos estavam a sua espera. Chegou um homem, chamado Jairo, que era um dos príncipes da sinagoga e, caindo aos pés de Jesus, suplicava a ele que entrasse em sua casa, porque tinha uma filha única, de uns doze anos, que estava prestes a morrer. Ainda estava falando, quando chegou alguém da casa de Jairo que falou: "Tua filha está morta. Não moleste mais o Mestre". Jesus, porém, que o ouviu, respondeu: "Não temas. Persevera na fé e ela será curada". Ao chegar à casa de Jairo, Jesus permitiu que entrassem com ele apenas Pedro, Tiago e João. Ali todos choravam e lamentavam-se por ela. Ele lhes disse: "Não choreis, pois a menina não está morta. Apenas dorme". As pessoas presentes zombavam dele, porque

⁸⁰

Mc, V: 21-43. (N.A.)

sabiam que a menina estava morta. Jesus, tomando-lhe a mão, disse em voz alta: "Menina, levanta-te". Voltou a ela o espírito e ela se levantou. Jesus mandou que lhe dessem alimento. Os pais ficaram cheios de contentamento, mas Jesus pediu que não fizessem alarde daquilo.⁸¹

Os três sinóticos fazem relatos corretos e semelhantes, mas nós vamos tomar o de Marcos, por ser aquele que nos parece mais detalhado dentre os três.

Esta passagem está relacionada com a anterior por um tempo não muito longo. Cristo reembarca no outro lado do mar de Tiberíades, indo, provavelmente, para Cafarnaum onde se diz que havia uma grande quantidade de pessoas esperando por ele.

Ao desembarcar, quando ainda estava na praia, surgiu um homem, chamado Jairo, que era um dos príncipes da sinagoga. A forma usada em hebraico para nos dar uma ideia da importância desse homem é *rosh hakeneseth* que, em grego, se diz *Archisinagogo*. O prefixo *archi* (antigo, superior) é o elemento que indica a distinção do personagem.

O nome deste personagem é Jairo, forma grega do hebraico *Jair*, que significa: aquele que ilumina, que levanta. Ele se ajoelha perante Jesus e, insistentemente, pede ao Mestre que vá à sua casa ver sua filha que estava à morte, e sobre ela impusesse as mãos. Jesus concorda em ir com ele e se põe a caminho. Aconteceu, porém, que os servos do homem vêm avisá-lo que não mais incomodasse Jesus, pois a menina

⁸¹ Lc, VIII: 40-56. (N.A.)

já estava morta. Mateus sintetiza a sua narrativa, pois em seu evangelho, quando Jesus chega, a menina já está morta.

Jesus, ouvindo que a menina já havia morrido, não se perturba e pede ao pai que se mantenha firme em sua fé. Mais uma vez podemos ver a importância da fé no processo da cura. Ele então toma seus três amigos: Pedro, Tiago e João e vão para a casa de Jairo. Os outros nove, talvez, ficassem do lado de fora cuidando da multidão.

Ao entrarem na casa, encontram um grande rebuliço, causado pelas carpideiras remuneradas, que, desde o tempo de Jeremias (Jer. IX: 17-18), se ocupavam das lamentações e do pranto, soltando grandes gritos, arrancando os cabelos, em uma expressão hiperbólica de dor. Ao lado das carpideiras, estavam os flautistas, que também eram pagos para acompanhar os enterros, soltando notas graves de seus instrumentos. Segundo o **Talmud**, mesmo o israelita mais pobre estava obrigado a alugar dois flautistas e pelo menos uma carpideira para celebrar as exéquias de sua esposa.⁸²

Jesus pede aos presentes que cessem todas aquelas manifestações de tristeza, porque a menina não havia morrido, estava apenas adormecida. Ele vai até onde está a menina e diz a ela em aramaico: "*Talitha qum*" que se traduz por "Menina, levanta-te". Marcos introduz a fórmula "Eu a ti te digo", para acentuar a autoridade de Jesus. A menina obedece e se levanta. Jesus pede que lhe dêem comida. O milagre, neste caso, está descaracterizado pelo modo como Jesus fala: "Ela dorme". Em outras palavras: a alma não se havia desprendido do corpo, mas apenas se afastado. No Evangelho de Lucas, isto fica mais claro com a expressão: "o espírito voltou". (V. 55)

⁸² Citado em Shuster- Holzammer. História Bíblica, p. 212. (N.A.)

A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO

Este texto se encontra apenas em João e é muito grande e complexo, assim, vamos estudá-lo por partes.

PRIMEIRA PARTE

— A VOLTA DE JESUS A BETÂNIA — ⁸³

Havia um enfermo, Lázaro, de Betânia, da aldeia de Maria e Marta, sua irmã. Era esta Maria a que ungiu o Senhor com unguento e enxugou-lhe os pés com seus cabelos. As irmãs de Lázaro mandaram dizer a Jesus: Senhor, está enfermo aquele a quem amas. A receber a notícia, disse Jesus: "Esta doença não é para a morte e sim para a glória de Deus, a fim de que seu filho seja por ela glorificado". Ora, Jesus amava Lázaro e suas irmãs. Quando, pois, soube que Lázaro estava doente, ainda se demorou por dois dias no lugar onde estava. Depois, disse aos seus discípulos: "Vamos outra vez para a Judeia". Disseram os apóstolos: "Mestre, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te e voltas para lá?" Respondeu Jesus: "Não são 12 horas do dia? Se alguém andar durante o dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo. Mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz". Isso dizia e, depois, acrescentou: "Nosso amigo, Lázaro, adormeceu, porém vou despertá-lo". Disseram-lhe os discípulos: "Se dorme, estará salvo". Jesus, porém,

⁸³ Jo, XI: 1-16. (N.A.)

falava da morte de Lázaro. Entretanto, eles supunham que ele falasse do repouso eterno. Então, Jesus disse claramente: "Lázaro morreu; e por vossa causa me alegro de que lá não estivesse, pra que possais crer; entretanto, vamos ter com ele". Então, Tomé, chamado o Dídimo, disse aos discípulos: "Vamos nós também para morrermos com ele".⁸⁴

Inicia João por apresentar o segundo personagem desta narrativa. Chama-se Lázaro, que é uma forma apocopada de Eliazer, nome bastante frequente entre os judeus cujo significado é *Deus socorreu*.

O fato se deu em Betânia, nome que vem do hebreu *beth aniah*, que poderia significar *casa da dor* ou *casa dos pedidos*. Muitos críticos racionalistas adotaram, em razão dos sentidos da palavra Betânia, a tese de que esta passagem não seria histórica, mas simbólica. Segundo outros, Betânia viria de *Beit ' aniah*, possivelmente uma reminiscência de *Beth - anania*, da tribo de Benjamim, conforme se vê em *Neemias*, capítulo 11, versículo 32. Sua localização era em Jerusalém no *rãs- ech- chyyakh*, vertente que fica antes do Monte das Oliveiras. Nas proximidades desse lugar, ficava a casa de Lázaro e suas irmãs.

Lázaro está gravemente doente. Suas irmãs enviam um mensageiro a Jesus, com uma mensagem que revela o grau de intimidade que havia entre Jesus e Lázaro: "Aquele a quem amas está enfermo". A notícia não era apenas informativa, mas nela havia, implicitamente, um pedido de ajuda.

⁸⁴ Jo.XI: 1-44. (N.A.)

Jesus estava na Betânia da Pereia, que ficava na Transjordânia, onde João, filho de Zacarias, batizava. Ao ouvir essa informação, Jesus diz que a doença de seu amigo não era mortal, mas se manifestara nele pela graça de Deus. Assim, Jesus não foi logo, ainda demorou-se onde estava por dois dias.

Passado este tempo, Jesus disse a seus amigos que eles voltariam a Jerusalém, e isto deixou os apóstolos preocupados e temerosos, porque lá já havia um sentimento de hostilidade contra Jesus comandado pelos fariseus. Jesus, porém, que tantas vezes, evitara o confronto com os judeus por não haver chegado sua hora; agora, não mais evita, o que parece indicar que o momento havia chegado ou estava muito próximo.

Nesta oportunidade, Tomé, chamado o Dídimo (*gêmeo*), afirma que estava disposto a morrer com Jesus, ou ainda, morrer por Jesus, caso fosse necessário. Jesus parte, mas quando chega a Betânia, na casa de Lázaro, sabe que seu amigo havia morrido fazia quatro dias.

SEGUNDA PARTE

— CONVERSA DE JESUS COM MARTA E MARIA —⁸⁵

Chegando Jesus, encontrou Lázaro já sepultado havia quatro dias. Ora, Betânia estava a cerca de 15 estágios perto de Jerusalém. Muitos dentre os judeus foram ter com Marta e Maria, a fim de as consolar pela morte de Lázaro. Marta, ao saber que Jesus vinha, saiu ao seu encontro, e Maria ficou sentada em casa. Disse, pois, Marta a Jesus: "Senhor, se estivesse

⁸⁵ Jo, XI: 17-37. (N.A.)

aqui, meu irmão não teria morrido. Mas também sei que, mesmo agora, tudo quanto pedires a Deus, Deus te concederá". Declarou-lhe Jesus: "Teu irmão há de ressurgir". "Eu sei", disse Marta, "que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia". "Eu sou a ressurreição e a vida, e aquele que crê em mim, embora esteja morto, viverá. E todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente. Crê nisto?" "Sim, Senhor", respondeu ela, "eu tenho acreditado que tu és o Cristo, o filho de Deus que devia vir ao mundo". Tendo dito isto, retirou-se e chamou Maria, sua irmã, e lhe disse em particular: "O Mestre chegou e te chama". Ela, ouvindo isto, levantou-se depressa e foi ter com ele. Pois Jesus ainda não havia entrado na aldeia e permanecia onde Marta se avistara com ele. Os judeus que estavam com Maria, para consolá-la, vendo-a levantar-se depressa e sair, seguiram-na, supondo que ela ia ao túmulo para chorar. Quando Maria chegou ao local onde estava Jesus, ao vê-lo, lançou-se aos pés dele, dizendo: "Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido". Jesus, vendo-a chorar, assim como os judeus que a acompanhavam, agitou-se no espírito e comoveu-se. E Jesus perguntou a ela: "Onde o sepultaste?" Elas responderam: "Senhor, vem e vê". Jesus chorou. Então, disseram os judeus: "Veja o quanto o amava". Alguns deles, porém, disseram: "Não podia, este que abriu os olhos do cego, fazer também que esse não morresse?"

Jesus se aproxima de Betânia, e Marta ficou sabendo por alguém e seguiu para onde estava Jesus, enquanto Maria ficou em casa, recebendo as visitas que vinham para lhes dar os pêsames. A prática de levar condolências às famílias enlutadas era muito comum entre os judeus. O luto judaico durava sete dias. Era também comum se fazer jejum nessas ocasiões. O ritual consistia em as pessoas, depois de voltarem do enterro, sentarem-se no chão com os pés descalços e com véu na cabeça.

Assim que Marta se aproxima de Jesus, a sua primeira frase denota a confiança que possuía no Mestre: "Se estivesse aqui, por certo, meu irmão não teria morrido", mas também diz saber que tudo o que Jesus pedisse a Deus, esse lhe concederia. Jesus, como resposta aos anseios de Marta, diz a ela que ele há de ressurgir. Marta entende errado e toma, como a ressurreição dos mortos; crença popular entre os judeus. Jesus explica-se com maior ênfase: "Eu sou a ressurreição e a vida, e aquele que crê em mim ainda que esteja morto viverá".

Pastorino corrige esta frase atribuída a Jesus do seguinte modo:

As traduções correntes dão, literalmente, a transferência da frase: "a ressurreição e a vida". No entanto, sentimos de modo indiscutível que estamos diante de uma *hendíade*⁶⁶. E o principal motivo que nos faz compreender assim é a lógica, isto é, o sentido das palavras

⁶⁶ Hendíade é uma figura que exprime uma ideia, mediante dois substantivos ligados pela conjunção e; o que, habitualmente, se expressaria por um substantivo e um adjetivo ou uma locução adjetiva, como se pode ver na frase *pela poeira e pela estrada*, em vez de *pela estrada poeirenta* ou *pela poeira da estrada*. (N.A.)

e da ideia (além da confirmação que encontramos no versículo 42).

Vejamos:

O termo "ressurgimento" (*anástasis*) exprime, exatamente, o reerguimento ou ressurgimento, isto é, a volta de alguma coisa que se levanta e que "outra vez" (*anã*) fica de pé (*stásis*). Ora, o que novamente fica de pé é a vida que se retira, deixando o corpo cair por terra. Então, entendemos a frase: eu sou aquele que faz a vida ficar de novo em pé, ou seja, eu sou o ressurgimento da vida.⁸⁷

O que encontramos nas traduções correntes é uma redundância: "sou o ressurgimento E a vida". Só se pode entender, por conseguinte, como uma hendíade. Eu sou o retorno da vida (esse era precisamente o caso em questão). O corpo de Lázaro havia cessado de viver; assim, o mestre faria ressurgir, ou reerguer-se, devolvendo-lhe vida: tenho o poder de fazer reviver um corpo morto.

Há nesta passagem uma afirmação muito interessante: "Jesus chorou". Esta tradução merece algum reparo. Nos mais diversos passos dos evangelhos, o verbo grego usado como *chorar* é *klaiô*. Neste versículo, entretanto, não foi usado esse, mas o verbo *dákriô* que não expressa chorar, mas ficar com os olhos cheios de lágrimas ou brotarem lágrimas nos olhos de alguém.

⁸⁷

Carlos Torres Pastorino. Sabedoria do Evangelho, vol. 6. 131-132. (N.A.)

— A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO

Jesus caminhou para o túmulo, que ficava em uma gruta, em cuja entrada se havia colocado uma pedra. Então ordenou Jesus: "Tirai a pedra". Disse Marta, a irmã do morto: "Senhor, já cheira mal, pois está morto faz quatro dias". Respondeu-lhe Jesus: "Já não te disse que, se acreditares, verás a glória de Deus?" Tiraram, então, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: "Pai, graças te dou porque me ouviste. Aliás eu sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste". E tendo dito isto, clamou em voz alta: "Lázaro, vem para fora". Saiu aquele que estivera morto, tendo os pés e as mãos ligados com ataduras e o rosto envolto em um lenço. Então, Jesus lhes ordenou: "Desatai-o e o deixai ir". Muitos, pois, dentre os judeus que haviam vindo visitar Maria, vendo o que fizera Jesus, creram nele. Outros, contudo, foram ter com os fariseus e lhes contaram os feitos que Jesus realizara.⁸⁸

Jesus, por fim, caminha para o túmulo, acompanhado de Marta. Encontram a gruta, e Jesus pede que retirem a pedra que fechava a entrada. Marta adverte que o cadáver deve estar exalando mau cheiro, uma vez que estava ali há quatro dias. Jesus não se perturba com essa observação. A pedra é retirada. Jesus agradece a Deus pelo que vai acontecer, que

⁸⁸ Jo, XI: 38-46. (N.A.)

seria o grande testemunho, a todos que ali estavam, de que ele era o enviado, o grande sinal do Messias. Disse então: "Lázaro, vem para fora". Lázaro deve ter se erguido e sentado na tumba, uma vez que, com os pés atados, não poderia caminhar, por isso Jesus disse: "Desatai-o".

Sempre achei estranha esta passagem. Ela está apenas em João, embora seja o milagre mais extraordinário de Jesus. Como pôde passar inteiramente despercebido para os outros evangelistas um fato dessas proporções? Confesso que não sei. Talvez seja um relato incluído no Evangelho de João com o intuito de defender a divindade de Jesus. Talvez tenham razão aqueles que defendem que esta passagem é meramente simbólica. Carlos Torres Pastorino, na obra que citamos há pouco, escreve um longo texto hermenêutico no qual defende a tese de uma espécie de *morte iniciática* de Lázaro. Allan Kardec defende a tese de que Lázaro não estava morto porque, se estivesse, não poderia voltar à vida. À guisa de conclusão deste capítulo, vamos trazer aqui o texto sobre este caso.

A ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, de nenhum modo infirma este princípio. Ele estava, dizem, havia quatro dias no sepulcro; sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais. Acrescentam que já cheirava mal, o que é sinal de decomposição. Esta alegação também nada prova, dado que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, havendo em tal caso cheiro de podridão. A morte só se verifica quando são atacados os órgãos essenciais à vida.

E quem podia saber que Lázaro já cheirava mal? Foi sua irmã Maria quem o disse. Mas, como o sabia ela? Por haver já quatro dias que Lázaro fora enterrado, ela o supunha; nenhuma certeza, entretanto, podia ter.⁸⁹

AS APARIÇÕES DE JESUS, DEPOIS DA SUA MORTE

— A SEPULTURA DE JESUS —

Quando a tarde chegou, veio um homem rico, de Arimateia, de nome José, que era discípulo de Jesus. Ele se apresentou a Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Pilatos, então, ordenou que lhe fosse entregue. Ele, tomando o corpo, o envolveu em lençóis limpos e o colocou em seu próprio sepulcro, inteiramente novo, que fora escavado na pedra, e fazendo correr uma pedra pesada, fechou a sua entrada e foi embora. Estava ali Maria Madalena e a outra Maria sentadas em frente ao sepulcro. No dia seguinte, um dia depois da preparação, os chefes dos sacerdotes e os fariseus, reunidos junto a Pilatos, diziam: "Senhor, lembramo-nos de que aquele impostor disse, quando ainda estava vivo: "Depois de três dias eu ressuscitarei". Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança, até o terceiro dia, para que um dos discípulos não venha roubá-lo e depois digam ao povo: "Ele ressuscitou dos mortos e a última impostura será pior que a primeira". Disse Pilatos: "Tendes uma guarda;

⁸⁹

KARDEC, Allan. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB. Cap. XV, item 40. (N.A.)

ide, guardai o sepulcro, como entendeis". E, saindo, eles puseram em segurança o sepulcro, selando a pedra e montando guarda.⁹⁰

Quando o sol se punha, começava a Páscoa judaica, e os corpos das pessoas justiçadas, segundo os costumes dos judeus, tinham que estar enterrados. Pilatos não se opõe a este uso. À época de que estamos tratando, os tribunais judaicos tinham duas fossas para enterrar os executados, já que não era permitido que fossem enterrados nos jazigos familiares, até que o tempo corrompesse a carne e os ossos fossem entregues à família.

Jesus havia morrido cerca de quinze horas e, como o sol se punha em Jerusalém depois das dezoito horas,urgia que se ativasse o enterro de Jesus. Então, José de Arimateia, que era um discípulo secreto de Jesus, assim como também o era Nicodemos, decidiu, em um ato de extrema coragem, ir falar com Pilatos, a fim de resgatar o corpo de seu mestre. Tinha, para fazer este pedido, o título especial, Membro do Sanhedrin, um status que Pilatos deveria respeitar.

O costume romano permitia enterrar os corpos dos criminosos a pedido da família e, sobretudo, explica Philon de Alexandria, nos dias festivos. Pilatos concordou principalmente por dois motivos: o costume era romano e o pedido era de um sinédrito, neste caso, José de Arimateia. O procurador romano, porém, estranhou que Jesus houvesse morrido tão rapidamente, uma vez que muitos crucificados ficavam presos à cruz por mais de um dia, sem falecer. Por essa razão, Pilatos mandou chamar um centurião da guarda para certificar-se de que o crucificado estava morto.

⁹⁰ Mt, XVII: 57-66. (N.A.)

O centurião tomou dois soldados e foi ao Gólgota para fazer o *crucifragium*, que consistia em quebrar as pernas dos crucificados com uma clava de madeira ou de ferro, o que causava morte quase instantânea. Jesus, porém, não passou por isso, porque, quando chegaram a ele, viram que estava morto.

Aconteceu que um dos soldados, possivelmente o centurião, querendo a constatação de que o condenado estava de fato morto, deu-lhe um golpe de lança no flanco e da ferida saiu água e sangue. Depois disto o corpo foi entregue a Arimateia, que o embrulhou em lençóis muito brancos e o levou para o túmulo, onde o depositou carinhosamente, cobrindo-lhe o rosto com um sudário e fazendo rolar a grande pedra da entrada, fechando o túmulo.

— APARIÇÃO À MARIA MADALENA

No primeiro dia da semana, Maria Madalena veio de madrugada, antes do raiar do sol, e viu retirada a pedra que fechava a porta do túmulo. Correu para falar a Simão-Pedro e a um outro discípulo, a quem Jesus amava, e lhes disse: retiraram o Senhor do seu túmulo e não sabemos onde o colocaram. Saiu, pois, Pedro e o outro apóstolo, e foram ao túmulo. Ambos correram, mas o outro discípulo correu mais depressa e chegou primeiro ao túmulo. E, inclinando-se, viu os lenços mas não entrou. Chegou Simão-Pedro depois dele, entrou no túmulo e viu os lençóis ali postos; o sudário, que havia estado sobre a cabeça de Jesus, não posto junto com os lençóis, mas colocado à parte. Então, entrou também o outro discípulo, que havia chegado antes,

viu e acreditou porque ainda não se havia dado conta da escritura, segundo a qual era preciso que ele se levantasse dentre os mortos. Os discípulos voltaram para casa.⁹¹

— ENCONTRO DE MADALENA COM JESUS —

Maria ficou chorando junto ao túmulo de Jesus. Enquanto chorava, inclinou-se na direção do interior do monumento. E viu dois anjos vestidos de branco, um na cabeceira, e outro nos pés, do lugar onde havia estado o corpo de Jesus. Os anjos lhe perguntaram: "Por que choras, mulher?" Ela respondeu: "Porque tiraram o meu Senhor daqui e não sei para onde o levaram". Jesus lhe disse: "Mulher, por que choras? A quem buscas?" Ela, crendo que ele fosse um jardineiro, falou-lhe: "Senhor, se foste tu que o levaste, diga-me onde o puseste e eu irei resgatá-lo". Jesus lhe disse: "Maria!" Ela, voltando-se, disse em hebraico: "Rabboni", que quer dizer "meu mestre". Jesus lhe disse: "Não me toques, porque ainda não subi ao Pai". Porém, vai a meus irmãos e lhes diga: "Subo a meu Pai, a vosso Pai, a meu Deus, a Vosso Deus". Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: "Vi o Senhor", e falou das coisas que ele dissera".⁹²

⁹¹ Jo. XX: 1-2. (N.A.)

⁹² Jo, XX: 11-18. (N.A.)

Os quatro evangelistas registram a ida de Madalena ao sepulcro, porém, de pontos de vista literários diferentes. João situa, com um termo característico do judaísmo: no primeiro dia da semana, o que equivale a dizer *no dia seguinte ao sábado*, ou seja, ao *shabbath*, ou dia do descanso. A hora em que ele vai é de madrugada, ou pelo menos bem cedo, antes do nascer do dia, quando ainda está escuro.

Por meio dos sinóticos, fica-se sabendo que ela não foi sozinha, uma vez que com ela estavam outras mulheres, Maria, a mãe de Tiago menor; Salomé, mãe de João e Tiago maior; e outras mais. De uma certa distância, elas veem que a pedra do túmulo havia sido retirada. Madalena, então, sai correndo, deixando às outras mulheres o trabalho de prepararem as essências aromáticas para o embalsamamento de Jesus, uma vez que o seu enterro ocorrera, muito provavelmente, às pressas, por casa do repouso sabático.

Como Madalena não havia entrado no sepulcro e, portanto, não o vira vazio, devemos admitir que o que ela disse aos apóstolos era uma simples suposição, baseada no raciocínio: se o túmulo foi violado, o corpo pode ter sido roubado.

Avisados por Madalena, Pedro e João saem em desabalada corrida até o túmulo. João chega à frente, na certa por ser mais jovem que Pedro, mas não entra no túmulo. Essa primazia coube ao apóstolo mais velho. Pedro, ao entrar, vê o túmulo vazio e os lençóis que haviam envolvido o corpo de seu mestre, mas o sudário que lhe envolvera o rosto não estava com os lençóis, mas dobrado e colocado à parte. Tem-se a impressão de que o evangelista, ao fazer esta referência, quis deixar claro que o corpo de Jesus não havia sido roubado, tese que os judeus levantarão mais tarde, uma vez que, dificilmente, ladrões roubariam um corpo sem levar a mortalha, e, também não teriam o cuidado de dobrar o sudário, do modo como estava.

Vamos ver, em seguida, o encontro entre Madalena e Jesus, que deixou profundas marcas na catequese primitiva. Esse encontro aparece em Mateus XXVIII: 9-10; de um modo muito explícito em Marcos XVII: 9-11; mais detalhado no quarto evangelho de João. Supõe-se que, depois da partida de Pedro e João, que haviam constatado o desaparecimento do corpo de seu mestre, Madalena ficou ali chorando, não só a morte de Jesus, mas o desaparecimento de seu corpo. Ela, como João fizera antes, também se inclina para observar o interior do sepulcro e viu dois espíritos vestidos de branco, a quem o texto qualifica de anjos.

Os dois espíritos estão sentados, um na cabeceira e outro nos pés do túmulo funerário. Eles perguntam-na pelo motivo de seu pranto, e ela responde que lamentava o desaparecimento do corpo de seu mestre, que ela não fazia ideia sobre onde fora parar. Ao chegar esse momento do diálogo, Madalena vira-se e vê Jesus perto dela, mas não o reconhece, possivelmente porque não lhe passava pela cabeça que o Jesus que era vira, concreta e objetivamente morto, estivesse ali, tão próximo. Ele faz a mesma pergunta dos espíritos: "Mulher, por que choras?" E ela dá a mesma resposta, mas desta vez imaginando que fora aquele homem quem retirara o corpo amado.

Nesse momento, Jesus diz apenas uma palavra a Madalena: Maria! Este nome, por certo, foi pronunciado com tamanha ternura, de um modo tão característico, que ela não tem mais dúvidas e exclama: *Rabboni!* Que significa meu mestre. Ela, emocionada, faz um gesto de abraçar o mestre, mas ele diz a famosa frase: *Noli me tangerei*. Ou seja, não me toques. Claro que ela não podia tocar uma estrutura fluídica, como era o caso de Jesus, naquele momento.

Ate aqui, nenhum milagre. As manifestações de espíritos são coisas muito comuns e nada têm de sobrenatural. Jesus, abandonando seu corpo de carne, vale-se do corpo fluídico e, por meio deste, se manifesta a Madalena e, mais à frente, a dois de seus discípulos no caminho para a aldeia de Emaús.

— NO CAMINHO DE EMAÚS —

Eis que dois deles (discípulos) viajavam, nesse mesmo dia, para um povoado chamado Emaús, a sessenta estádios de Jerusalém, e conversavam sobre todos esses acontecimentos. Ora, enquanto conversavam e discutiam entre si, o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles; Seus olhos, porém, estavam impedidos de reconhecê-lo. Ele lhes disse: "Que palavras são essas que trocaís, enquanto ides caminhando?" E eles pararam com os rostos sombrios. Um deles, chamado Cleófas, perguntou a ele: "Tu és o único forasteiro em Jerusalém que ignoras os fatos que nela aconteceram nesses dias?" "Quais?" Perguntou-lhes. Responderam: "O que aconteceu e Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e diante de todo o povo. Nosso chefe dos sacerdotes, e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram". Nós esperávamos que ele redimisse Israel; mas, com tudo isso, faz três dias que todas essas coisas aconteceram. É verdade que algumas mulheres, que são dos nossos, nos assus-

taram. Tendo ido muito cedo ao túmulo, E não tendo encontrado o corpo, voltaram dizendo que tinham tido uma visão de anjos declarando que ele está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas, tais como as mulheres haviam falado; mas não o viram". Ele, então, lhes disse: "Insensatos e lentos de coração, para crer no que os profetas anunciaram! Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?" E, começando por Moisés e por todos os profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito. Aproximando-se do povoado para onde iam, Jesus lhes disse que iria mais à frente. Eles, porém, insistiram, dizendo: "Permaneça conosco, pois cai a tarde e o dia declina". Ele então entrou na casa para ficar com eles. E, uma vez à mesa, com eles, tomou o pão, abençoou, depois partiu-o e o distribuiu para eles. Então seus olhos se abriram e o reconheceram. Ele, entretanto, ficou invisível diante deles. Disseram um ao outro: "Não ardia nosso coração, quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as escrituras". Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém. Acharam ali reunidos os onze e seus companheiros, que disseram: "É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!" E eles narraram os aconteci-

mentos do caminho e como o haviam reconhecido, na fração do pão.⁹³

No mesmo dia da ressurreição do Senhor, dois discípulos vão deixando Jerusalém e caminham na direção de Emaús. Possivelmente, fossem peregrinos vindos à cidade de David por ocasião da Páscoa. Esta aldeia, atual Amvas, ficava, segundo uns, a onze quilômetros e meio de Jerusalém, e outros, a trinta. Os dois amigos vão conversando sobre os últimos acontecimentos. De repente, um viajante que ia à mesma direção, se junta a eles. Este homem é Jesus Cristo, mas eles não o reconhecem. O mesmo havia acontecido antes com Madalena. O fato de eles não conhecerem Jesus possui dupla explicação: possivelmente, por não pertencerem ao círculo dos doze, não conhecessem Jesus muito bem e, ainda como Madalena, estavam certos de que Jesus havia morrido. E se morrera, não poderia estar ali. Em segundo lugar, o próprio Jesus não quis se dar a conhecer aos dois homens, podendo ter usado um recurso fluídico para disfarçar a sua aparência.

O assunto da conversa era a crucificação de Jesus, ocorrida na sexta-feira. A cidade, por causa da Páscoa, deveria estar muito cheia, com peregrinos vindos de todas as partes. Uma crucificação não era, de modo algum, um acontecimento banal e, muito menos, a crucificação de uma pessoa muito conhecida na cidade, como era o caso de Jesus.

Eles demonstram grande desânimo, pois, se Jesus era o Messias, não poderia ter morrido como morreu; e o pior, já tinham se passado três dias de sua morte e as coisas haviam voltado à normalidade. Então, parecendo muito bem informados, fazem referência às mulheres que estiveram no túmulo

⁹³ Lc, XXIV: 13-34. (N.A.)

e não encontraram o corpo de Jesus, mas dois anjos, que disseram-lhes que ele ali não mais estava.

Neste momento Jesus interfere, dizendo a eles que estavam enganados, pois as escrituras desenvolviam a tese de um Messias sofredor. É por este motivo que ele fala de Moisés e dos profetas, mostrando que elas se haviam cumprido em Jesus. Chegando a Emaús, Jesus diz que continuará a sua viagem, mas os dois homens o convidam para que ele fosse à casa deles. Jesus aceita e senta-se à mesa. Nesta hora, Jesus toma o pão e o parte. É nesse momento que eles reconhecem o mestre, talvez por ser essa, uma das práticas mais comuns do Cristo, ou pelo modo característico de fazer aquilo. Ainda estão se refazendo da surpresa, quando Jesus desaparece. Ao que parece, nesta oportunidade Jesus se manifestou materializado.

— APARIÇÃO DE JESUS A SEUS APÓSTOLOS —

À tarde do primeiro dia da semana, estando fechadas as portas do lugar onde se encontravam os discípulos reunidos por temor aos judeus, veio Jesus e pôs-se no meio deles, dizendo-lhes: "A paz seja convosco". E dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos se alegram vendo o Senhor. Disse outra vez: "A paz esteja convosco. Como meu Pai me enviou, assim eu também vos envio". Dizendo isto, soprou sobre eles e lhes disse: "Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, estes serão perdoados, aqueles aos quais retiverdes, serão retidos. Um dos doze, Tomé, chamado o Dídimo, não estava com eles

quando Jesus veio. Os outros discípulos, então, lhe disseram: "Vimos o Senhor!" Mas ele lhes disse: "Se eu não vir em suas mãos o lugar dos cravos, se eu na puser meus dedos nas suas feridas e minha mão no seu lado, não o creerei". Oito dias depois, estavam de novo os discípulos reunidos na casa e Tomé com eles. Veio Jesus, estando à porta fechada, pôs-se no meio deles e disse: "A paz esteja convosco". Disse, depois a Tomé: "Põe teu dedo aqui e vê minha mão! Estende tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê". Respondeu-lhe Tomé: "Meu Senhor e meu Deus". Jesus disse: "Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram".⁹⁴

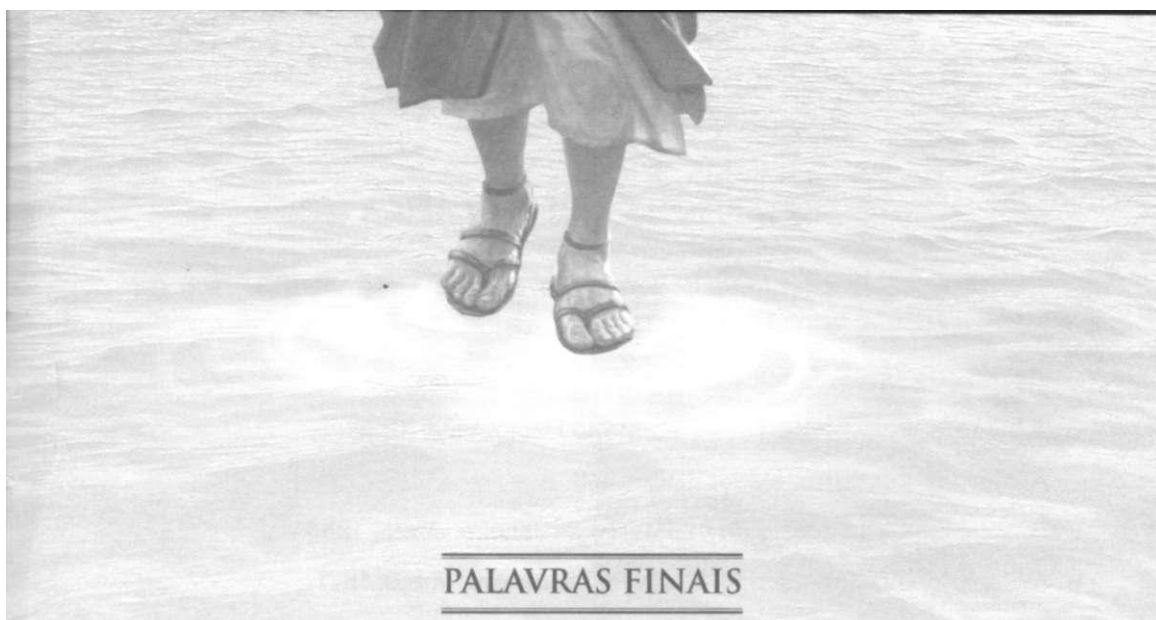
Aqui, temos duas aparições do Cristo. A primeira acontece na tarde do mesmo dia da ressurreição. Os dez apóstolos (Judas Iscariotes já havia morrido e Tomé não estava presente nesta primeira vez) estão reunidos, talvez houvesse com eles mais pessoas, não citadas pelos evangelistas. Não se diz qual foi o lugar, mas provavelmente fosse o Cenáculo. As portas estavam bem fechadas, porque a proximidade da crucificação e os boatos sobre a desapareição do corpo poderiam causar uma grande hostilidade contra os amigos de Jesus. Nesse momento, embora as portas estivessem fechadas, Jesus penetra o local.

Nada existe de sobrenatural nesse caso, uma vez que Jesus se apresenta com seu corpo fluídico (perispírito), e a este corpo, como já vimos em outra parte desta obra, a

⁹⁴ Jo, XX: 19-23. (N.A.)

matéria não oferece resistência alguma. Do mesmo modo que acontecera no episódio em que Jesus caminha sobre as águas, os discípulos o tomam por um fantasma e ficam aterrados. Jesus procura acalmá-los, desejando-lhes paz.

Na narrativa de Lucas, para provar que ele não era um fantasma, Jesus come um pedaço de peixe assado diante deles. Para que isso pudesse acontecer, Jesus, se valendo dos fluidos dos próprios apóstolos, imprimiu, depois de entrar na casa, ao seu corpo, aspectos da materialidade. Do mesmo modo, ele precisou materializar o corpo para poder mostrar aos apóstolos as marcas da paixão e, inclusive, permitir que Tomé tocasse com o dedo as suas chagas.



Chegamos ao final deste trabalho com a certeza de que fizemos o possível para preservar a teoria espírita sobre os milagres, que se encontra, principalmente, em **A gênese**. Assim, esperamos ter deixado bastante claro que o milagre, tomado como uma derrogação da lei da natureza, não é uma ideia espírita. Se Deus fizesse um milagre, estaria derogando as suas próprias leis; e o dever de um legislador, mesmo dos legisladores humanos, é respeitar as leis por eles próprios criadas; assim, não se pode imaginar que Deus, soberanamente justo, sábio e bom, pudesse, apenas para manifestar o seu poder, fazer um milagre qualquer, derogando uma de suas leis. Se Jesus tivesse feito milagres, teria ele mesmo derogado uma lei de Deus e, nesse caso, seria maior do que Deus, o que é arrematado absurdo. Logo, o mais correto e razoável seria admitir a impossibilidade do milagre.